

REVISTA DA SEMANA

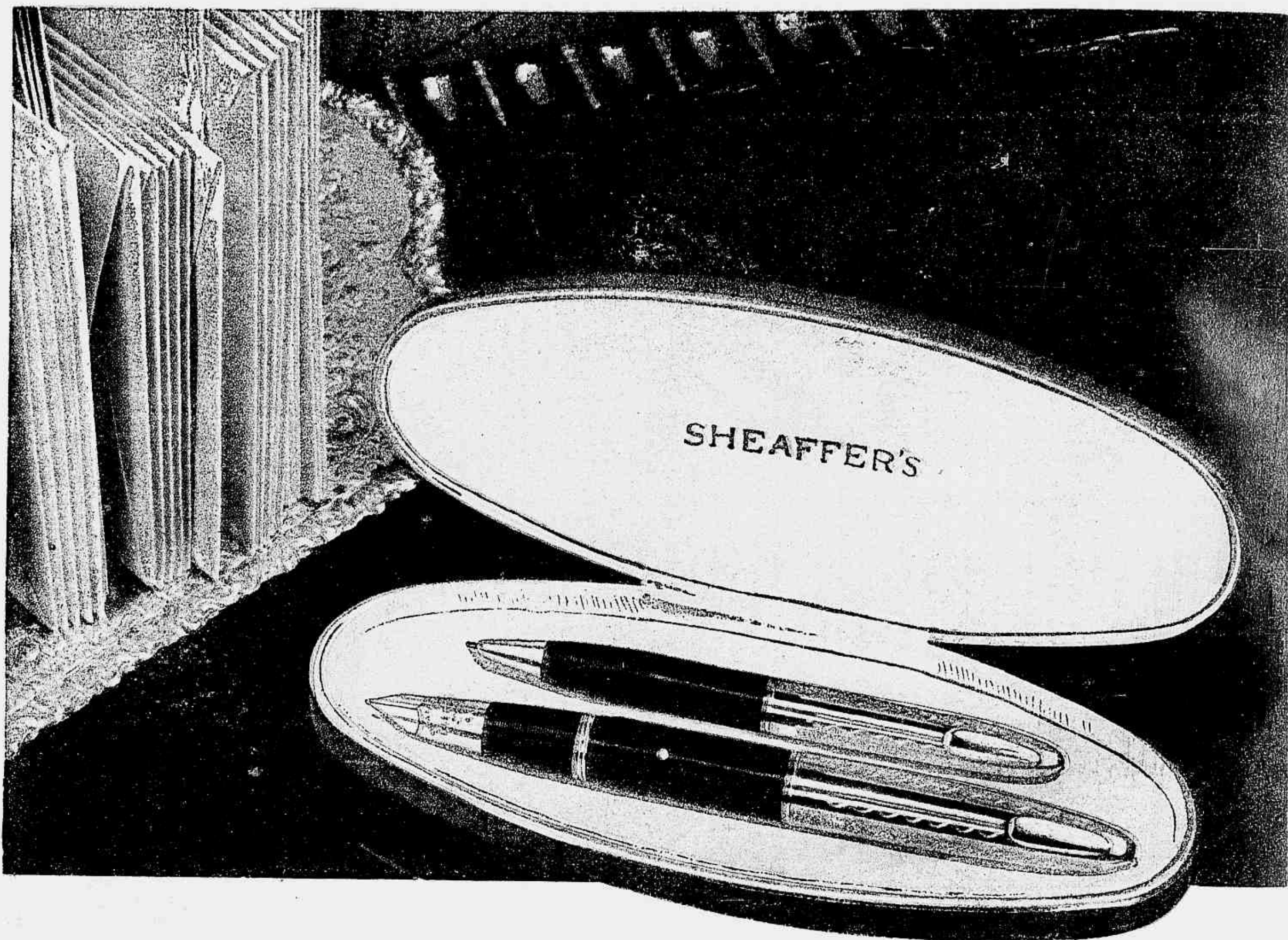


CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL

N.º 17

24-4-48



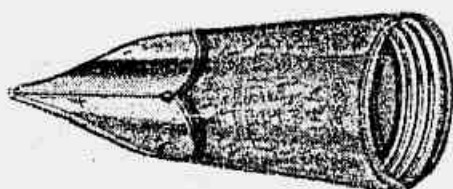


Ofereça o jogo de escrita

sem rival: SHEAFFER'S Crest Deluxe

A PENA "TRIUMPH"

A pena cilíndrica, de ouro de 14 quilates, com ponta de irídio e flexibilidade para todos os estilos de escrita.



LAPISEIRA FINELINE

Com ponta de manga que reduz as quebras das grafites.



As canetas e lapiseiras SHEAFFER estão sempre à frente de todas as outras marcas, em qualidade e classe. Sua beleza de jóia rara é realçada por extraordinárias condições técnicas, cuidadosamente trabalhadas por artífices experimentados.

Milhões de entusiásticos possuidores de jogos SHEAFFER, jamais usariam outros instrumentos de escrita...

Ao escolher um presente que defina sua personalidade e discernimento, experimente uma SHEAFFER - caneta ou lapiseira. V. concordará que SHEAFFER não tem rival!

SHEAFFER'S CREST DELUXE:

Caneta: Cr\$ 525,00

Lapiseira: . Cr\$ 180,00

Jogo: Cr\$ 705,00

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos no Brasil:

M. AGOSTINI & CIA. LTDA.

RIO: AV. PRESIDENTE VARGAS, 502 11.º ★ SÃO PAULO: ALAMEDA DR. BUENO, 212 ★ RECIFE: RUA DA CONCORDIA, 452 ★ PORTO ALEGRE: RUA DOS ANDRADAS, 824

A ARTE DE DEIXAR DE FUMAR

GENTE que fuma está sempre correndo perigo. O perigo de ter que deixar de fumar. Se fumar é coisa perigosa, não sei. Isso é com os entendidos. Deixar de fumar é outra coisa. Problema que pertence a todos nós que vivemos de canudinho na boca e pêso na consciência. O pêso corre por conta de tudo que dizem do cigarro. Apurando bem, ele é assim uma espécie de "Zé da Ilha" do organismo. Dizem. De forma que qualquer desordem que aparece já se sabe de onde veio. E é preciso dar caça ao desordeiro. Em geral, quem dá ordem é o médico. Existem vários processos de combate. Um é o uso da força bruta. Larga-se imediatamente. Põe-se fora o maço de cigarros e pronto! É um sistema dramático, que atrai a atenção das pessoas que estão por perto e quase sempre provoca aplausos. O dono da atitude fica contente. Aquilo vale por um compromisso, pois foi um gesto público e teve repercussão. O diabo é que passada a embriaguez da coragem, quando o herói está de chibele, o maço de cigarros começa a dançar na frente dele. Lembranças de horas muito doces, em companhia do desordeiro, brotam aqui e ali. O desordeiro era assim, mas tinha bom coração. Tal e qual como acontece com um amigo morto. As virtudes do falecido passam por uma lente. Ficam trancas. Não era aqui que eu sacudia as cinzas? E os cinzeiros olham para a gente como dois grandes olhos capazes de chorar. E, nesta hora, não costumava eu ler um pouco, tirando uma tragada de vez em quando? O bom amigo morto fazia das suas, mas era companhia. O sabor acre, estranho, do cigarro, é uma obsessão. O herói que jogou o maço de cigarros na sarjeta está um trapo. Esse processo de deixar de fumar é o menos durável. O sofrimento se transforma em rancor. O rancor em decisão. Como está escravizado ao gesto heróico, fica com raiva do heroísmo. «Afiml, sou um homem ou sou um gato?». E, não demora muito, cheio de independência, vai comprar cigarros e começa novas relações, dessa vez clandestinamente, com o «Zé da Ilha».

O outro processo, cultivado com enorme interesse, é o da substituição. Por vias psicológicas, determinou-se que o gesto automático de levar o cigarro à boca é o que mais atrapalha na hora de se deixar de fumar. Então continua-se a levar qualquer coisa coisa à boca. Mas não é cigarro. Alguns se passam para as balas jujubas. Outros se entregam às pastilhas de hortelã. Um conhecido meu passou mais de quarenta dias ingerindo rapadura. Era meio esquisito quando ele, no meio de uma conversa, extraía do bolso um pedaço de rapadura e começava a mastigar. Mas quando se trata de combater o cigarro, vale tudo. Essa pessoa engordou muito, deu-se por vencida, voltou ao desordeiro. Também se pode substituir um cigarro por outro. Mas não outro da mesma tempera. Outro canudinho que tenha dentro qualquer coisa inofensiva, capaz de soltar fumaça. Existem vários cigarros dessa natureza. Um deles é fabricado com o intuito deliberado de fazer a pessoa sentir raiva do cigarro. Depois de aceso, solta uma fumaça impossível. O cheiro provoca náusea. Não há quem aguente.

Uma amiga minha o adotou. Explicou-me que estava tomando mesmo ódio ao cigarro. Um mês depois me afirmou que quanto mais fumava aquilo, mais indignada ficava. Três meses depois veio me visitar. Exaltava uma catanga indefinível. Estava acostumada. Não sentia mais. A família dela fez um abaixo-assinado para que voltasse a fumar, nem que fosse cachimbo. Foi uma luta para que se separasse daquele cigarrinho diabólico.

Para os que não têm temperamento dramático e são incapazes de cortar relações com o cigarro de uma vez por todas, há o processo chamado de «ir largando aos poucos». Assim como quem não quer, para evitar choque de consciência, a gente vai eliminando os cigarros, um a um, até que o último se acaba e o fumante fica livre.

Esse processo é esplêndido. Alguns conhecidos meus estão largando de fumar há mais de dez anos, sempre com o mesmo entusiasmo. Vários deles já conseguiram eliminar cerca de três cigarros por dia. Mas, até chegar o fim da jornada, falta muito. Pertencem ao grupo dos que fumam quatro maços. Que tivesse chegado ao fim da jornada mesmo, só ouvi falar de um. O nome dele é Jim Tully. Antes de largar o cigarro, foi jornalista. Depois «poxeur». Depois profissional do seu sucesso de abstencionista. Largou, mas não esqueceu. Há anos e anos que Jim Tully não fala outra coisa senão dos malefícios do cigarro. Inunda a imprensa americana de literatura anti-tabagista. Ele me faz lembrar um namorado que, não podendo acariciar, começa a maltratar, a fazer pouco caso e a contar coisas escabrosas da pequena. Ficou com uma espécie de obsessão. Usou o processo da violência, jogou fora o maço e na hora da revolta (sou um homem ou sou um gato?) ficou indeciso e não tomou atitude nenhuma. Está pensando até hoje. Várias vezes já me foi envolvida nessa agonia. Mas comigo é diferente. Não tenho mais hesitações. Sou um gato.

LUCIA BENEDETTI

Especial para REVISTA DA SEMANA

LEIAM

COLABORAÇÃO:

A arte de deixar de fumar (Lucia Benedetti)	3
D. Pedro II perante a História (Umberto Peregrino)	14

BIOGRAFIA:

A vida de Mark Twain (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	33/39
---	-------

CARICATURA:

Bom humor	12/13
-----------------	-------

REPORTAGENS:

As cabras leiteiras de São Paulo (Ruth Guimarães)	6/9
Mais uma vez Joana D'Arc	10/11
Teatro de Jean Cocteau no Brasil (Michel B. Kamenka)	19/23
Eu era assim... e depois fiquei assim (Dorseen Spooner)	24/27
O Grande Hotel dos miseráveis (Demóstenes Varela)	30/37

CONTOS:

Tortura (Nelson Vainer)	15
O amante (Irene Lisboa)	16/17
Aquela casa triste (Camilo Castelo Branco)	18

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	23
Música	41
Vida Literária	42
Cancioneiro Internacional	53
Pelas estradas do céu	56

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty)	43
A personalidade da semana (Yvonne Jean)	47
O espírito feminino através dos tempos	43
Mães e filhos (Zóia de Laet)	49
Muro das lamentações	50
"Week-end" na cozinha (Marie Cook)	52

FOLHETIM:

"A mulher de Mike" (Benedicte Nancy Freedman-John Grosman)	57/58
--	-------

ILUSTRAÇÕES:

Armando Pacheco, Orlando Matos e A. Moura.

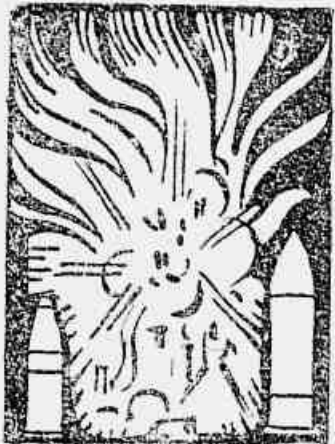
NOSSA CAPA



Ilustra hoje nossa capa a lou-rissima Ann Sothorn, artista da Metro-Goldwyn-Mayer, — a em-prêsa na qual se fez e se firmou na sua carreira cinematográfica. Após ter demonstrado sua vela histrônica na serie dos filmes de "Maystle", Ann Sothorn voltará próximamente à Cinelândia numa comédia misteriosa, "Laura Detetive", ao lado de seu novo galã John Hodiak. NOTA: Esta le-genda saiu por engano em nosso número passado, apresentando a artista da capa. Naquele núme-ro ilustrava a primeira página da REVISTA a "estrela" Audrey Tot-ter, também da Metro-Goldwyn Mayer.

a Semana em Revista

A EXPLOÇÃO DA VILA MILITAR



Quinta-feira da semana passada, o Rio de Janeiro foi abalado por uma trágica notícia, — a de que havia explodido um depósito de munições na Vila Militar, onde está concentrada a maior parte da guarnição do Exército na capital da República. Essa catástrofe, cujas vítimas foram sem conta, elevando-se os feridos a centenas e os mortos a várias dezenas, ocorreu pouco depois de terem altas autoridades, entre as quais o ministro da Guerra, deixado aquele local, em seguida a uma solenidade, na qual passara em revista os novos conscritos do Exército. Os jornais tiveram páginas e páginas inundadas com fotografias do sinistro, mostrando o que foi a calamidade em toda a sua extensão. Por ser de inteiro conhecimento do público, — que se emocionou vivamente com a notícia da catástrofe, — nós nos dispensamos de acrescentar a esta nota novos detalhes. Queremos, entretanto, exprimir nossa solidariedade às vítimas do sinistro e sinceramente lamentar os prejuízos humanos e as perdas materiais, que com a explosão sofreu o nosso Exército. Investigações policiais, logo iniciadas, pretendem ligar esse sinistro às atividades de grupos extremistas, em desenvolvimento de planos de sabotagem. A propósito, são citados outros aconteci-

mentos de igual natureza, — a explosão de Santos Dumont, em Minas Gerais, e o incêndio do quartel da guarnição militar de João Pessoa. Realidade? Simples hipótese? Não podemos opinar num sentido, nem noutro. Não é esta a nossa função. As autoridades policiais e militares que descubram o culpado, ou os culpados, se é que eles existem. Uma coisa, entretanto, é lícito e pertinente comentarmos: é a extrema facilidade com que se tem acesso a depósitos de munições, a armazéns de explosivos, que deviam estar sob a maior vigilância, debaixo de sete chaves, sob uma fiscalização severíssima. Um depósito de explosivos, normalmente, não devia estar em lugares tão conhecidos, tão acessíveis, — e ao mesmo tempo tão expostos à vizinhança humana. Em muitos países, esses depósitos são subterrâneos, muito bem abrigados, acessíveis apenas a um grupo pequeno de pessoas, — e esse grupo cuidadosamente controlado, com cartões de identificação, com uma ficha limpa, com seu passado claramente investigado. Essas cautelas suprimem as possibilidades de atos de sabotagem, embora não excluam as possibilidades de acidente, por incuria dos funcionários ou causas naturais imprevisíveis. Com o nosso temperamento latino, frívolo e sem reservas, não fazemos mistério de coisa alguma e deixamos de tudo exposto à cobiça alheia e aos olhares indiscretos. Muitas vezes nos arrependemos disto, — e o caso de agora, na Vila Militar, com incalculáveis prejuízos materiais e de vidas, é bem uma ilustração desse espírito desprevenido, que a todo custo devemos reformar.

ACABOU A PENA DE MORTE NA INGLATERRA



Um dos acontecimentos que tornarão memorável a semana que acaba de passar é, sem dúvida, a abolição da pena de morte da Inglaterra. A pátria de Clement Attlee e de Ernest Bevin acaba de dar um largo passo à frente, na senda da justiça e da perfeição moral. A eliminação dos criminosos, em nome da sociedade, há longo tempo já não se coaduna com os conceitos jurídicos modernos, conceitos que importam numa verdadeira revolução da penologia. A criminalidade é vista hoje com outros olhos, — com olhos muito diferentes daqueles com que era vista nos tempos de Cromwell, ou mesmo nos tempos de Gladstone ou de Churchill. Hoje, o criminoso é considerado, na maioria dos casos, susceptível de correção, de reintegração na sociedade, depois de pagar sua dívida para com a sociedade na prisão, de reabilitar-se pelo trabalho e pelo aprimoramento moral, — recebendo então, como prêmio a liberdade provisória, o livramento condicional, que poderá se tornar efetivo se não houver novas transgressões à lei. As vezes, essas transgressões se verificam, — e o delinquente

volta à prisão, para cumprir o resto da pena antiga, acrescida da nova. Agora mesmo isso acaba de acontecer em São Paulo, com o velho saltador Amleto Meneghetti, recapturado depois de ter quebrado o seu compromisso de livramento condicional com a volta ao crime. Mas os casos de reintegração na sociedade, de boa conduta de antigos presidiários, são tão numerosos que bastam para justificar a indulgência da justiça, para com os que cumpriram, na prisão, grande parte da sentença e são considerados sem periculosidade. O velho conceito penal inglês não conhecia meias medidas. Ladrões, homicidas e, às vezes, muitos inocentes, também, condenados por simples provas circunstanciais, — ou por não terem podido provar sua inocência — penderam de uma corda "pelo pescoço até morrer", como rezavam as sentenças. Um governo democrático, de caráter socialista, dirigido por homens de Estado com uma noção mais moderna e mais justa do Direito, acaba de fazer na velha Inglaterra, muitas reformas e, no meio dessas reformas, extinguiu a pena de morte. E' o caso de se dar parabéns à nação inglesa, que veio se colocar entre as nações que encaram a penologia com espírito humanitário. Os carrascos e os fabricantes de cordas para enforcamentos não vão gostar dessa medida, — mas esses serão, certamente, os únicos cidadãos ingleses a deplorar o advento da nova lei.

OS TÚNEIS INTERMINÁVEIS



A Prefeitura compreendeu há muito tempo que uma grande parte do desfaleço do tráfego urbano se dará com a abertura e alargamento de túneis na cidade. Compreendeu e pôs mãos à obra. Mãos à obra é força de expressão. Parece-nos que das obras municipais as que têm menos braços são as de alargamento, duplicação e perfuração de túneis. Construir um túnel no Rio de Janeiro, de apenas algumas dezenas de metros, é obra que consome várias administrações municipais. Começa com um prefeito e acabaria no bisneto dele, se o cargo fosse hereditário como as realzas. Veja-se, por exemplo, o túnel de Copacabana. Há quatro anos que se iniciaram as obras e, por muito favor, entregaram só a metade. Quando entregarem o restante, é bem possível que o aumento do tráfego, daqui a oito ou dez anos, necessite de mais outra via. Parece que as comissões especiais nomeadas pela Prefeitura para esse trabalho especial não têm muito gosto de acabar com a sinecura. Conhecemos certa pessoa que abandonou o seu posto de prefeito em uma cidade do interior nordestino e conseguiu uma lugarzinho nessa tal comissão de túneis, ainda no tempo da

administração Dodsworth. Mas — disse-nos ele certa vez — isso é trabalho para dois anos só". Não podemos afirmar se tal ex-prefeito ainda está na comissão. De qualquer maneira estaria dormindo tranqüilo se nela tivesse permanecido. Um túnel que está agora em foco é o que servirá para estabelecer ligação entre Rio Comprido e Laranjeiras, permitindo a comunicação direta das zonas Norte-Sul. Anuncia-se o início de suas obras. Mas será que as empresas de ônibus vão mesmo adotar esse percurso? O que se verifica, presentemente, é um grande abuso, o do atravancamento da avenida Rio Branco por tudo quanto é carro das várias companhias de ônibus. Por que não se institue o sistema de pontos terminais na Praça Mauá, Praça da República, na Esplanada do Castelo e na Praça Paris? Bastaria uma linha de ônibus (uma só!) fazendo o percurso intermediário. Com essa mania da Avenida, que utilidade terá o novo túnel? Outra lembrança que nos ocorre a respeito dos túneis é a necessidade de arborização das alamedas que lhe ficam à entrada e à saída. O paredão que confina com o novo túnel de Copacabana está tão calvo de árvores como o asfalto das ruas. Esses problemas: trânsito, arborização e túneis estão intimamente ligados, todos eles subordinados a diversos departamentos da Prefeitura. Esta, em última instância, é a responsável pela falta de entrosamento entre os mesmos. E é a grande responsável pelas obras infundáveis dos túneis da cidade.

REVISTA DA SEMANA

DIRETOR-SECRETÁRIO: N. MAGALHÃES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 17 — 24-4-43

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples, Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00

O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telex. — Gerência: 22-2550; Secretária: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.
EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", a rua Cap. Salomão, 87 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, a rua Brigadeiro Tobias, 813 — 2º andar, sala 217. Telefone 8-8719

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques, Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires

Propriedade da CIA, EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais mesmo quando não publicados



Os acontecimentos culminantes da semana foram as perturbações políticas havidas em Bogotá, durante o desenrolar da Conferência Pan-Americana. Como se sabe, a morte do líder liberal Jorge Eliecer Gaitan deu origem à revolução para a derrubada do presidente do Partido Conservador, Mariano Ospina Perez. O governo conseguiu dominar a rebelião, durante a qual consta ter havido cem mortos e mais de duzentos feridos. O Brasil propôs que a Conferência prosseguisse na mesma capital, sugestão que foi aceita. O irmão do presidente Ospina Perez, residindo atualmente nos Estados Unidos, lançou o boato de que os rebeldes pretendiam assassinar também o general Marshall. O choque produzido pela revolução não afetou o progresso da Conferência, que continuou a se realizar em Bogotá... Faleceu vitimado por um edema da glote o general de divisão Gustavo Cordeiro de Farias, figura de destaque do nosso Exército... Segundo estatística publicada por um vespertino, a média de vida alcançada pelo carioca não ultrapassa dos quarenta e três anos. Se está certo o refrão que diz que a vida começa aos quarenta, nós morreremos crianças de colo... Um cidadão brasileiro, Clito Portela, apesar de viver na pátria de Perón, quis usar dos vícios cá da terra para enriquecer-se. Para isso alugou cinquenta apartamentos, mobilou-os e pretendeu sub-locá-los, pedindo grandes luvas. Foi encanado e multado pela polícia rioplatense. Portela, ao sair da delegacia, declarou que viria «trabalhar em paz no Brasil». Já vens tarde, ó Portela... Foi descoberta num «cubo» pelo sr. Salim Zanarias, dentro de um livro usado que este adquiriu, uma das melhores canções de Custódio Mesquita, já falecido, e que fora procurada em vão desde a sua morte. A canção chamava-se «Beduína», agora, devido à sua odiosidade, pretendem crismá-la como «A canção perdida»... Joe Louis confirma que tentará fazer carreira na política norte-americana. Pretende ser um dos líderes do Harlem. Entrevistado, declarou candidamente que, por enquanto, não sabe ainda em quem vai votar... Sexta-feira última, à noite, surgiu um sururu na Câmara Municipal de São João de Meriti. Houve troca de socos e pontapés entre o presidente da Mesa e o vereador Sebastião de Azambuja. Todos intervieram. Assistentes se jogaram pelas escadas e corredores. Senhoras desmaiaram. Um «pai de santo» que assistiu ao tumulto declarou melancólico: «É muita concorrência ao meu terreiro»... O prefeito do Distrito Federal recomendou aos chefes de seção da Prefeitura que deixem de adquirir toalhas para os gabinetes. Os seus subordinados lavaram as mãos e cumpriram a ordem... O filme «E' com este que eu vou» anda encenado. Depois do processo movido pela «Rainha das Mulatas» contra Grande Otelo (a «falsa rainha»), surge outra ação, esta do poeta Murilo Araújo, que se declara usurpado nos direitos autorais de «Banzon», ouvida naquela película. Paulo Burle comentou: «Parece que eles querem afundar a «Atlântida»... Vão ser elevados os preços dos jornais e revistas do Rio. Em São Paulo já houve a majoração dos jornais. Aqui a das revistas. Contingência da importação de papel caro no estrangeiro... O DASP apresentou ao presidente da República a tabela para o aumento do funcionalismo civil e militar. Os ministros e generais passarão a ganhar, respectivamente, Cr\$ 18.750,00 e 16.250,00. Barnabé, funcionário letra «E», vai ser aumentado para Cr\$ 1.500,00. Continuará faltando um zero no ordenado dos jornalistas... O «Diário da Noite», do Recife, denunciou, em vibrante reportagem, que os banqueiros do jogo do bicho pagam naquele Estado a taxa de cinco por cento sobre a fêria, a fim de não serem molestados pela ação policial. Nós, aqui no Rio, já denunciemos coisa mais ou menos parecida. Brevemente voltaremos ao assunto, em nova reportagem... Em Belo Horizonte fugiram do xadrez do 5º Distrito Policial cinco presos. O guarda culpado pela evasão suicidou-se. Vergonha ainda mata, embora não o acredite uma grande parte dos brasileiros... Foi abolida a pena de morte na Inglaterra, experimentalmente, por um prazo de cinco anos. Naturalmente este é o prazo que os britânicos supõem demorar a próxima guerra... Depois da paralisação temporária da Conferência de Bogotá, a notícia mais desconcertante vem de Minas Gerais. O fazendeiro Horácio de Moraes, de Areado, sul de Minas, conheceu naquela cidade um espartilho carioca. Lá mesmo foi «conversado» sobre grandes negócios que poderia fazer na capital. O mineiro veio, espionou vários negócios e optou pelo mais rendoso. Comprou um bonde! Sim, senhores! Comprou o «Ipanema-Túnel Novo», ali na praça Nossa Senhora da Paz. O jornal noticia o «conto» chamando-o de caso de polícia. Não será melhor chamá-lo de caso de hospício?... O general Mac Arthur foi derrotado no seu Estado, Wisconsin, nas eleições primárias para a escolha do candidato do Partido Republicano à Presidência dos Estados Unidos... Um matutino berra em negrito que «O Espírito Santo foi invadido, novamente, por forças mineiras». Somos visceralmente contra arbitrariedades, mas é impatriótico chamar os desatinos de um sargento do destacamento de uma cidade de Minas, que anda cometendo barbaridades nas cidades limítrofes, de «invasão». Disciplina-se o sargento e chega!... O vereador carioca Jaime Ferreira da Silva, do partido de Plínio Salgado, pretende renunciar ao mandato. Não, não se alegrem! Ele mesmo diz que apenas cederá o seu lugar ao suplente do Partido... Músicos da Orquestra Sinfônica Brasileira, os mesmos que entraram em greve pedindo a demissão do seu presidente, maestro José Siqueira, planejam acioná-lo criminalmente pelo não pagamento da quota do I.A.P.L., atrasada há vários meses, segundo nos disse um dos professores da orquestra... O cinema português pretende filmar a vida de Santos Dumont, intitulando-se a película «O pioneiro do ar». Enquanto isso, telegramas de Moscou declaram que estudiosos russos chegaram à conclusão de que o pioneiro do ar foi um técnico de lá, que viveu no tempo dos czares. Mais um para brigar com os irmãos Wright... O noticiário criminal continua intenso. Enquanto os crimes novos se tornam velhos, a polícia resolve os antigos. Descobriram agora que o estudante Mário Rinaldi, de Niterói, que se havia «suicidado», foi assassinado por Valdir Costa, elemento já conhecido da Polícia niteroiense. Continuam indecifráveis os crimes da machadinha, do gavetão e do sapateiro. Mas não há de ser nada, o acaso ajudará... Moradores da travessa Pinto da Rocha, Laranjeiras, estão sem luz há quinze dias. Mandam avisar à Rádio-Patrolha que não existe a menor malícia no fato... Por falar em Rádio-Patrolha: ela está interessada vivamente em acabar com o amor nos bancos das praças e nas amuradas das praias. Os casais de namorados são menos perigosos que os assaltantes que pululam em todos os cantos da cidade... Estreou com sucesso a nova Companhia de Revistas de Chianca de Garcia. Estão também fazendo sucesso: «A águia de duas cabeças», por Dulcina-Odilon, no Regina; «A pequena Catarina», com Ethel Ferreira, no Serrador, e as comédias de Jaime Costa e Mesquitinha. No Fênix, «Anjo Negro» continua a provocar escândalo. Foi condenado, veementemente, pelas instituições católicas. Nelson Rodrigues, todo cabotismo, exultou. Mas Paulo de Magalhães está triste, por se ver desbancado... E por hoje é só... Até sábado...

AGUARDEM, A 22 DE MAIO: O NÚMERO DE ANIVERSARIO DE REVISTA DA SEMANA

100 páginas repletas de sensacionais reportagens, contos, artigos e crônicas de palpitante atualidade.

Colaboração de:

LUCIA BENEDETTI
VASCONCELLOS MAIA
RUGGERO JACOBBI
VIRIATO CORRÊA
OLGA OBRY

Contos de:

ARTHUR SCHNITZLER
JULIO DENIS, etc.
ILUSTRAÇÕES EM "DOUBLÉ"

Reserve desde já um exemplar com o seu jornaleiro.

NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão de que não serão tornados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo officio, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



Em cima: Al vai o cabreiro, levando pelas ruas, o seu vasilhame vivo, original, cheio de leite sem batismo. Em baixo: Cada uma tem a sua personalidade diferente. A tímida, de orelha pendida, à escuta, fica desconfiadamente apreciando o movimento. A outra não. Olha-se para ela e fica-se em dúvida, se é arrogante ou descarada. Empinou as orelhas, atirou a cabeça para trás, semi-cerrou os olhos, ensabou um secreto sorriso à Mona Lisa e comandou: -- "Bate logo essa fotografia, rapaz!"





Ao alto: E' caro, mas é puro e bom. Vejam como está bem nutrida a moça que costuma comprar um jarro cheio dele todos os dias. Na foto em baixo: Pelo jeito bem que essa garotinha precisa de leite puro.

AS CABRAS LEITEIRAS DE SÃO PAULO

SÃO PAULO é a terra das profissões curiosas. Quem sai pela manhã e precisa atravessar as ruas que servem simultaneamente os bairros do Braz, Belém e Alto da Mooca, deve estar familiarizado com um homem que, de chapéu puxado sobre os olhos e um infalível cigarro nos lábios, mantém seguras por cordas uma porção de cabrinhas de todas as cores: — brancas, malhadas e amarelas, e com elas percorre as ruas, sem usar o costumeiro pregão dos vendedores.

Antes, há dois ou três anos, a cabrinha da frente usava uma campainha ao pescoço, que vinha soando clara e argentina na doçura da hora matinal.

Agora não. Não há gritos do cabreiro, nem soar de campainhas. O cabreiro descobriu que o rumor de guizos tornava inquietos os animais, como se aquele som de prata fosse um alarme, ou lhes recordasse algum riso de cristal de água caindo, algum rumor das montanhas, quando suas ancestrais, as vivazes cabras montesas se

NA TERRA DAS PROFISSÕES CURIOSAS — "E' CARO PORQUE E' PURO" — HERDOU O NEGÓCIO DO TIO — UM PADRE E UM MÉDICO FORMADOS À CUSTA DAS CABRINHAS — COMO COMEÇOU O VELHO MATARAZZO...

Reportagem
de RUTH GUIMARÃES
(Autora de "Água Funda")

Fotos de
BOTELHO NETTO
(Especial para REVISTA DA SEMANA)



equilibravam nervosas e finas nas penhas agudas, perigosas.

CABRAS DE NOMES
PITORESCOS...

A cabra é no reino animal o que é o bambu no reino vegetal. Talvez muitos não consigam atinar com a analogia, porém se a cabra é fina, miúda, nervosa e inquieta, que outra coisa se poderá dizer do bambu, também leve e miúdo, sussurrante e agitado ao menor sopro do vento?

Estas têm nomes engraçados de uma incongruência gritante. Uma é "Alfenas", porque veio de Minas. Outra se chama "Moléstia" e prudentemente não procuramos indagar os motivos de tão estranho nome. Outra é "Caipira", porque veio do interior do Estado. E' malhada e, não sei se por sugestão do nome, tem um jeitinho requebrado de siá Rita, dessas que andam em versos pseudo-caboclos, à Catulo da Paixão Cearense. "Bonita" é a mais vistosa de todas. O nome tem sua razão de ser, porque ela é realmente uma bela cabrinha, de brincos de argola pendurados nas orelhas, e um

cavanhaque branquinho e liso, terminado em ponta, no mais puro estilo melistofílico. Se o cabreiro frequentasse cinemas ela seria a Gilda.

E COMEÇAM AS SURPRESAS

O cabreiro não está bem vestido, muito pelo contrário. Pensa-se que isso de vender leite de cabra seja um meio de vida que não dá coisa alguma. Que o pobre homem mal faz para comer. Sabe-se em primeiro lugar que o leite custa Cr\$ 2,00 o copo simples.

— E' caro porque é puro — diz o homem e êsse é um fraco argumento. A que calamitosos tempos chegamos nós, em que até a pureza tem que ser paga!

Como as cabras dão leite uma só vez no dia, a vida do cabreiro é melhor que a de funcionário público, com um horário do outro mundo. Trabalha um máximo de duas horas na rua, tem uma freguesia certa, e trabalha mais duas horas em casa para tratar das cabrinhas. E não tem ainda por cima o trabalho de engarrafar o leite. Leva-o à freguesia no vasilhame original, onde Deus o escondeu.

Dentro em pouco tem-se uma história curiosa. Ele conta que o tio, o mesmo que lhe legou o estranho negócio, esteve 22



anos no Brasil, tendo deixado a família na Itália. Enviava-lhe dinheiro, tendo conseguido formar dois filhos. Um médico e um padre.

— No que trabalhava êle?

— Só vendendo leite de cabra.

Depois de todo êsse tempo, e de ter pôsto os filhos em condições de ganhar a vida, voltou para o país natal, de que nunca se havia esquecido.

— Mas "isso" dá tanto assim?

— Natural. Se a gente souber levar, dá.

O sobrinho dá em seguida uma informação ainda mais curiosa. O tio não aprendeu

português em tantos anos de Brasil e não entende patavina, uma só palavra, escrita em nossa língua.

— Só entende italiano?

— Então?!

— E o senhor escreve ao seu tio em toscano?

— Não. Êle não sabe português, eu não sei italiano. Peço a uma pessoa que sabe, para escrever por mim, na língua dele.

— E êle está bem, na Itália?

— Não. Quem está bem na Europa, depois dessa guerra? Eu sempre ajudo com alguma coisinha.

MATARAZZO COMEÇOU VENDENDO BANANAS...

E diante dessa história compreendem-se os milagres em que a Paulicéia é fecunda, inclusive aquêlê tão celebrado, do Matarazzo, o velho, dono de meia São Paulo, de dezenas de fábricas, de casas de vendas por atacado, de uma porção de quadras na parte mais cara do cemitério da Consolação, de uma capela que custou dinheiro sem conta, de palácios, de prédios de muitos andares, e que começou, dizem, vendendo bananas.

E' absolutamente necessário fazer mais uma pergunta antes de ir embora, mas temos medo de fazê-la. Por fim, com o jeito de quem fala em assombração, arriscamos.

— Escute aqui, moço!

A pausa é longa, e sem querer continuamos em voz baixa:

— Escute, moço! Onde foi que seu tio arranhou dinheiro para voltar à Itália?

E êle, com a maior calma do mundo, sem nem olhar para a gente, tão preocupado estava em guiar o seu rebanho de uma dúzia de cabras indisciplinadas:

— Vendendo leite, pois então? Êle nunca fez outra coisa.

Ao alto: Será que ainda estão dormindo até esta hora? Na foto em baixo: Acho que vão jaram sem me avisar. Então isso se faz?



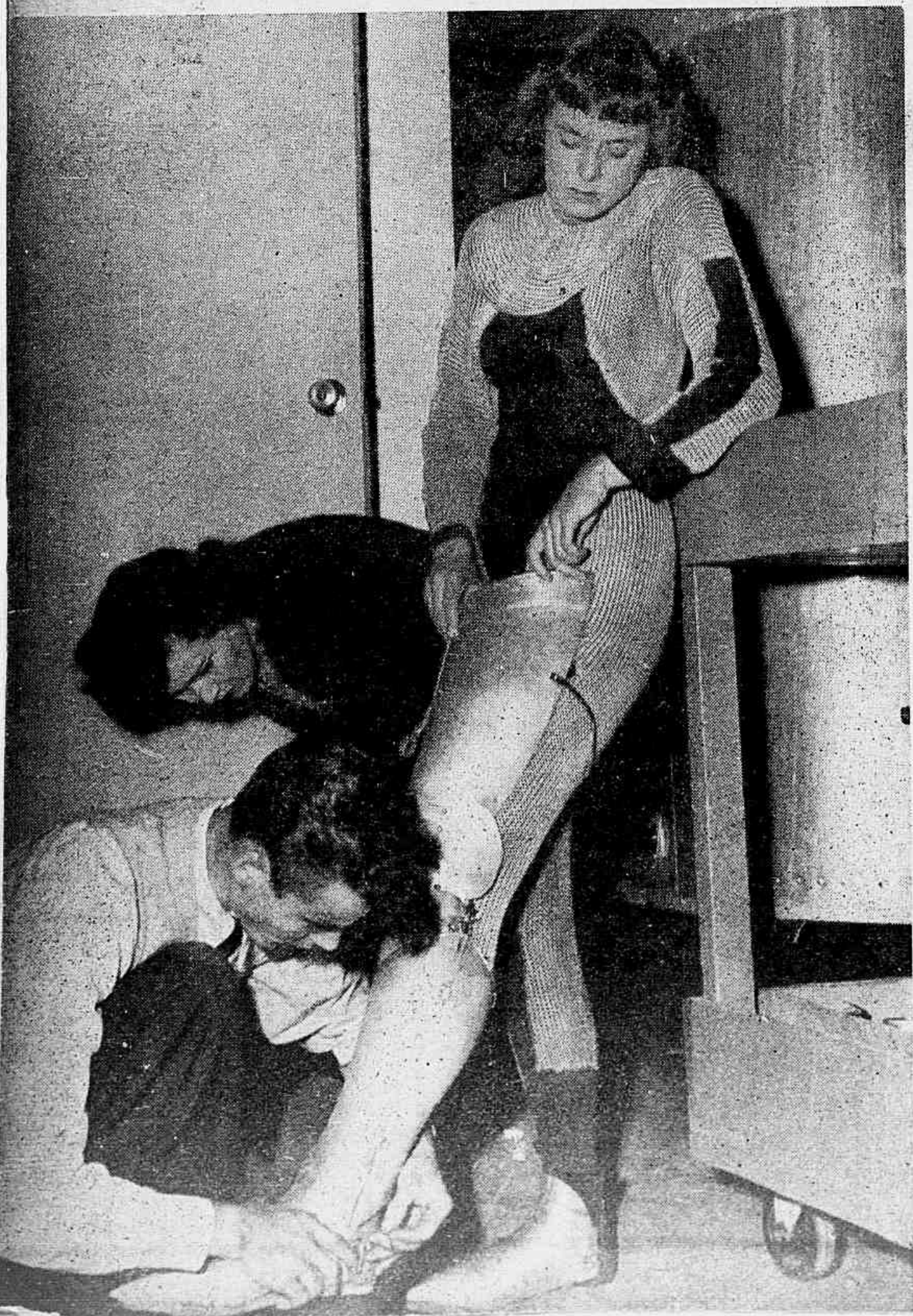


Ao alto: É uma bela cabrinha de brincos de argola pendurados nas orelhas e um cavanhaque branquinho e liso, terminado em ponta, no mais puro estilo mefistofélico. Em baixo: Leite a domicílio, tirado na hora, à vista do freguês. Assim não há possibilidade de adulteração.





Em cima e em baixo: duas fases da preparação de Ingrid Bergman para a filmagem, com a armadura e cota de malhas semelhantes às que usava a famosa donzela de Orleans. Duas pessoas são necessárias para auxiliá-la a completar a "toilette".



Em cima: Ingrid Bergman, tal como apareceu no palco, na Broadway, no papel central da peça "Joan of Lorraine", de Maxwell Anderson.

AINDA UMA VEZ JOANA D'ARC

INGRID BERGMAN REPETE NA TELA, EM HOLLYWOOD, SUA GRANDE CRIAÇÃO DO PALCO

O destino de Ingrid Bergman parece ser o de viver, no palco e na tela, figuras piedosas, nimbadas das mais altas virtudes cristãs. Ela foi admirável em "Os Sinos de Santa Maria", em que apareceu no papel de uma jovem e linda freira, — talvez demasiado cheia de "glamour" para ser aceita integralmente pelo público como uma real serva de Cristo, — e em seguida, no palco, na Broadway, esgotou sucessivamente as lotações de um dos grandes teatros de Nova York, como a figura central da bela e audaciosa peça de Maxwell Anderson, "Joan of Lorraine", numa vida de Joana D'Arc interpretada de forma moderna, sem o ouropel dos cenários e do guarda-roupa de época, vivendo, por isso, do diálogo, da vibração dramática do seu texto, das referências aos fatos do presente. Só uma personagem aparecia, — e isso mesmo em algumas cenas, — vestida à maneira antiga, como nos tempos da donzela d'Orleans, — a própria Joana, vivida por Ingrid Bergman. Foi tal o sucesso, no palco, que resolveram filmar a peça. Em Hollywood, porém, os projetos vão se transformando de hora para hora, — e acabaram resolvendo fazer, não a obra de Maxwell Anderson, como era, mas a própria vida de Joana D'Arc, com todo o rigôr de uma reconstituição histórica. Trata-se de uma película da Sierra Pictures, em technicolor, dirigida por um dos veteranos de Hollywood, o diretor Victor Fleming, que vem dos tempos das películas silenciosas.

Em baixo: Ingrid Bergman no papel da linda e jovem freira de "Os Sinos de Santa Maria", filme de Leo Mc Corey para a RKO Radio. Na página à direita: Ingrid Bergman, depois de completar a "toilette" para o filme em technicolor "Joana D'Arc", que Victor Fleming está dirigindo para a Sierra Filmes.





UMA
NOVA SALA

Por Cr. \$ 98,50
No RIO • em SÃO PAULO



COM
Kem-Tone

- qualquer um pode usá-lo!

TRANSFORME a sua sala num aposento novo, por apenas Cr. \$ 98,50. É tão fácil... você mesmo pode pintar com KEM-TONE as paredes internas de sua casa. KEM-TONE é fabricado em lindas cores e seca em apenas uma hora. Cobre até papel de parede com uma só demão, podendo ser aplicado em qualquer superfície — ... e não deixa cheiro de tinta!

Um galão de KEM-TONE, diluído com água, dá um galão e meio — o bastante para pintar um quarto ou sala de tamanho médio... e custa apenas Cr. \$ 98,50!

ONDE SE VENDE
TINHA
HÁ SEMPRE

Kem-Tone

TINTAS E

VERNIZES

SHERWIN WILLIAMS
DO BRASIL S.A.

Rio de Janeiro: Rua André Cavalcante, 23 - 4º and. - Tel.: 32 2077
S. Paulo: Rua Barão de Itapetininga, 124 - 4.º - Tel.: 4-6681 e 6-1229

58.523

BOM HUMOR



TOM
HENDERSON

— Não falarei mais do seu vestido, mas usarei minha casaca desse mesmo jeito

PROGRAMA
DAS "MEIAS
VERDADEIRAS"

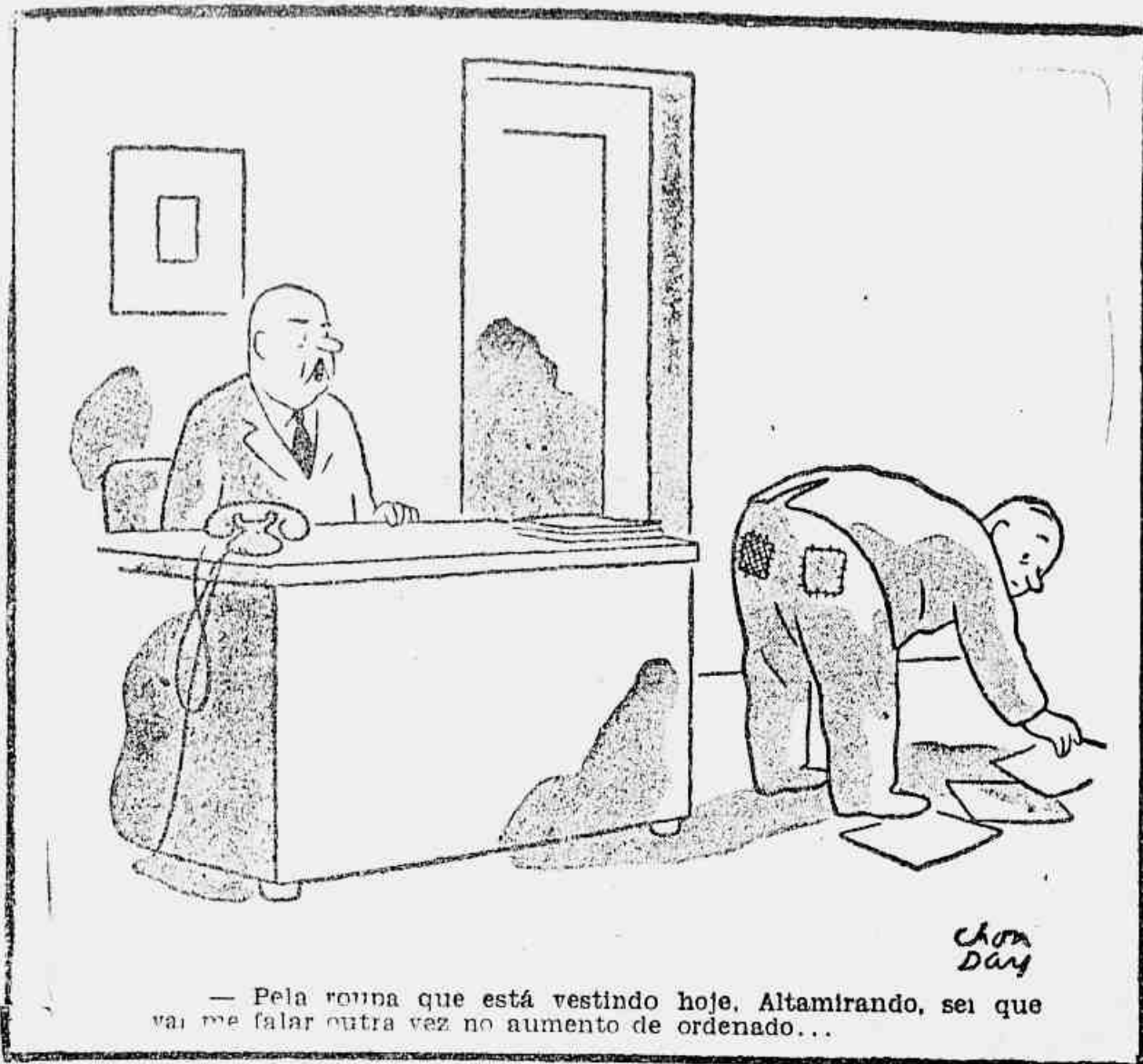


HARDY
LAMBERT

— As gargalhadas que estão ouvindo em nosso programa são todas gravadas em disco...

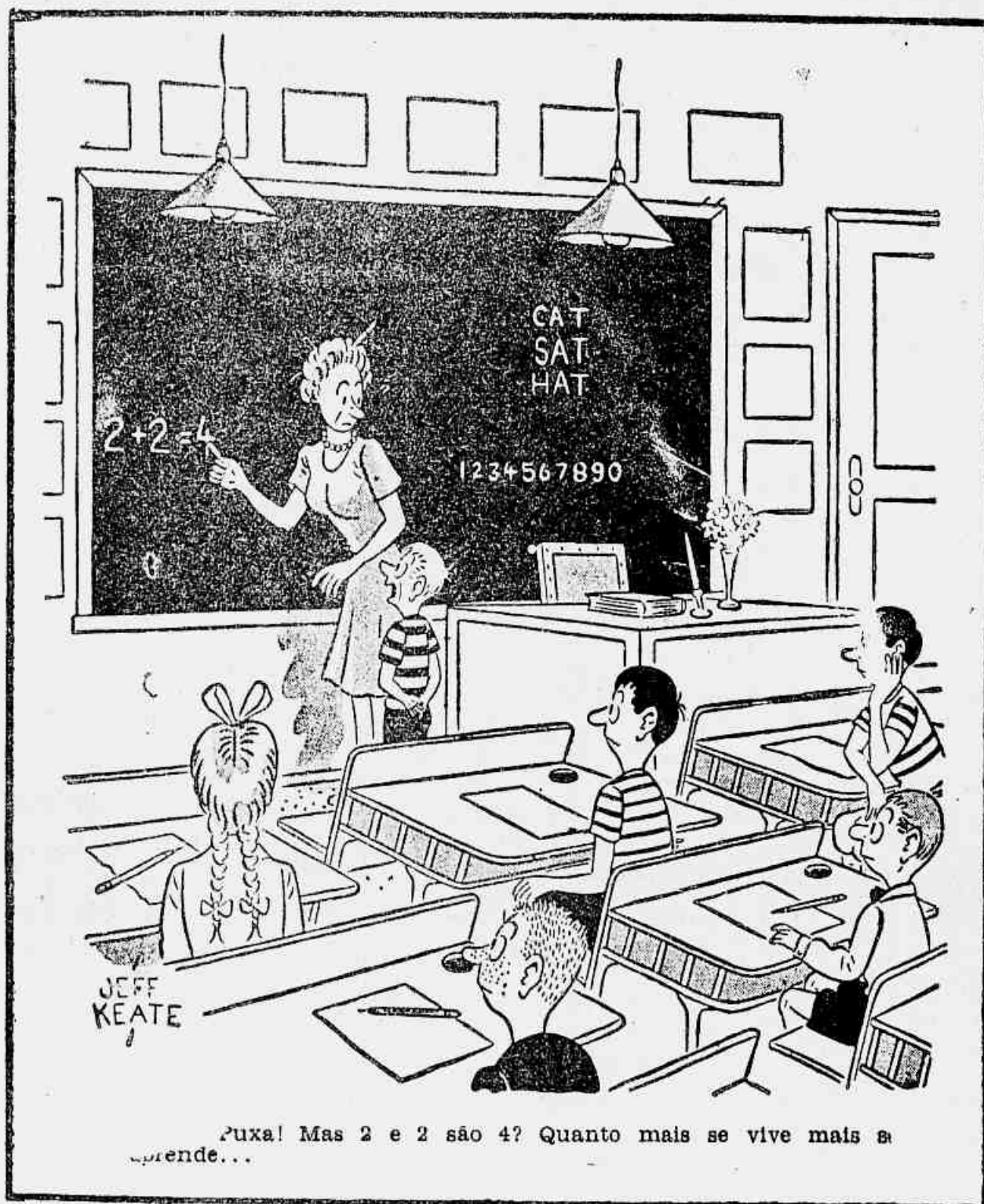


— Coitadinha! Vou acabar mesmo comprando um vestido novo para ela...



— Pela roupa que está vestindo hoje, Altamirando, sei que vai me falar outra vez no aumento de ordenado...

Chon Day



Puxa! Mas 2 e 2 são 4? Quanto mais se vive mais se aprende...

JEFF KEATE



Querida! Era para você que havia preparado este banho.

EXCEPCIONAL OFERECIMENTO DA CASA MASETTI

PELO REEMBOLSO POSTAL

V. S. pode adquirir, agora, um relógio POLDIT, de alta classe, importação Suíça, com 15 rubis, antimagnético, Espiral Breguét produto da afamada fábrica SOLVIL.

★
PREÇOS
CONVIDATIVOS

Ref. 49/267
Cromado, fundo de
aço, 15 rubis
Cr\$ 500,00

Ref. 49/268
Folhado, fundo de aço,
Cr\$ 650,00

Ref. 49/257
Cromado, 15 rubis,
Cr\$ 400,00

Ref. 49/260
Folhado, Cr\$ 550,00

Ref. 49/265
Automático
À prova d'água 17 rubis
Cr\$ 800,00

Ref. 49/262 Cromado,
Cr\$ 400,00

Ref. 49/261 Folhado
Cr\$ 600,00

Todos os relógios são
acompanhados de res-
pectivo certificado de
garantia e de um rico
estôjo de baquelite.

A Casa Masetti é especiali-
zada há mais de 50 anos na
venda de bons relógios.

Adquira-o com inteira confiança.

Casa Masetti
Rua Seminário, 131-135
Caixa Postal, 291 - São Paulo

PARANÁ • Casa de Amigos



A CASA DO COMERCIÁRIO DE RAMOS

Realizou-se, no dia 6 do corrente, a solenidade da inauguração da Casa do Comerciário de Ramos, instalada à rua Teixeira Franco, 38, naquela estação, pelo SESC do Distrito Federal.

O ato revestiu-se de brilhantismo, com enorme concorrência tendo comparecido representando o Presidente da República o consul Dr. Helio Cabral, Sua Eminência o Cardeal Dom Jayme Câmara, o Ministro do Trabalho, senhor Morvan Dias de Figueiredo, a senhora Clemente Mariani, os representantes dos ministros da Guerra e da Marinha, numerosas autoridades civis e militares, personalidades da política, do comércio, da indústria e das finanças, comerciários, convidados e jornalistas.

Dando início à solenidade, o dr. Arthur Braga Rodrigues Pires, presidente do SESC Regional, pronunciou substancial discurso, muito aplaudido pela assistência.

Em seguida, fez uso da palavra o senhor Calixto Ribeiro Duarte, presidente

da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio, e o sr. Rossini Pacheco, ex-diretor do Sindicato dos Empregados no Comércio.

Terminados os discursos, o representante do Presidente da República descerrou a placa comemorativa da inauguração, artisticamente lavrada em bronze.

Após a benção às instalações, os presentes percorreram demoradamente os diferentes serviços, organizados sob o melhor critério técnico e dotados de pessoal habilitado.

As impressões colhidas foram as melhores. A Casa do Comerciário de Ramos acha-se instalada em amplo prédio, convenientemente adaptado, situado no centro de terreno, e dispõe de completas instalações de modelar Jardim de Infância, além de seções destinadas às mães comerciárias e esposas de comerciários. O Jardim de Infância, entregue aos cuidados de educadoras infantis especializadas, tem capacidade para 48 crianças divididas em dois turnos, que receberão assistência médica e odontológica, além de merenda preparada racionalmente.

A Casa do Comerciário de Ramos fará ainda distribuição de leite em pó e promoverá assistência e conselhos no sentido da preservação da saúde dos filhos dos comerciários.

Numa das salas, prestou-se expressiva homenagem à memória de Cornélio Jardim, que se distinguiu pelo entusiasmo e dedicação com que lutara em prol das boas causas do comércio e de uma política de aproximação fraternal entre patrões e empregados.

Fez uso da palavra, exaltando sua personalidade e os serviços que prestara à classe, o Dr. Arthur Pires, presidente do SESC do Distrito Federal, tendo agradecido o senhor Enio Jardim, em nome da família do homenageado.



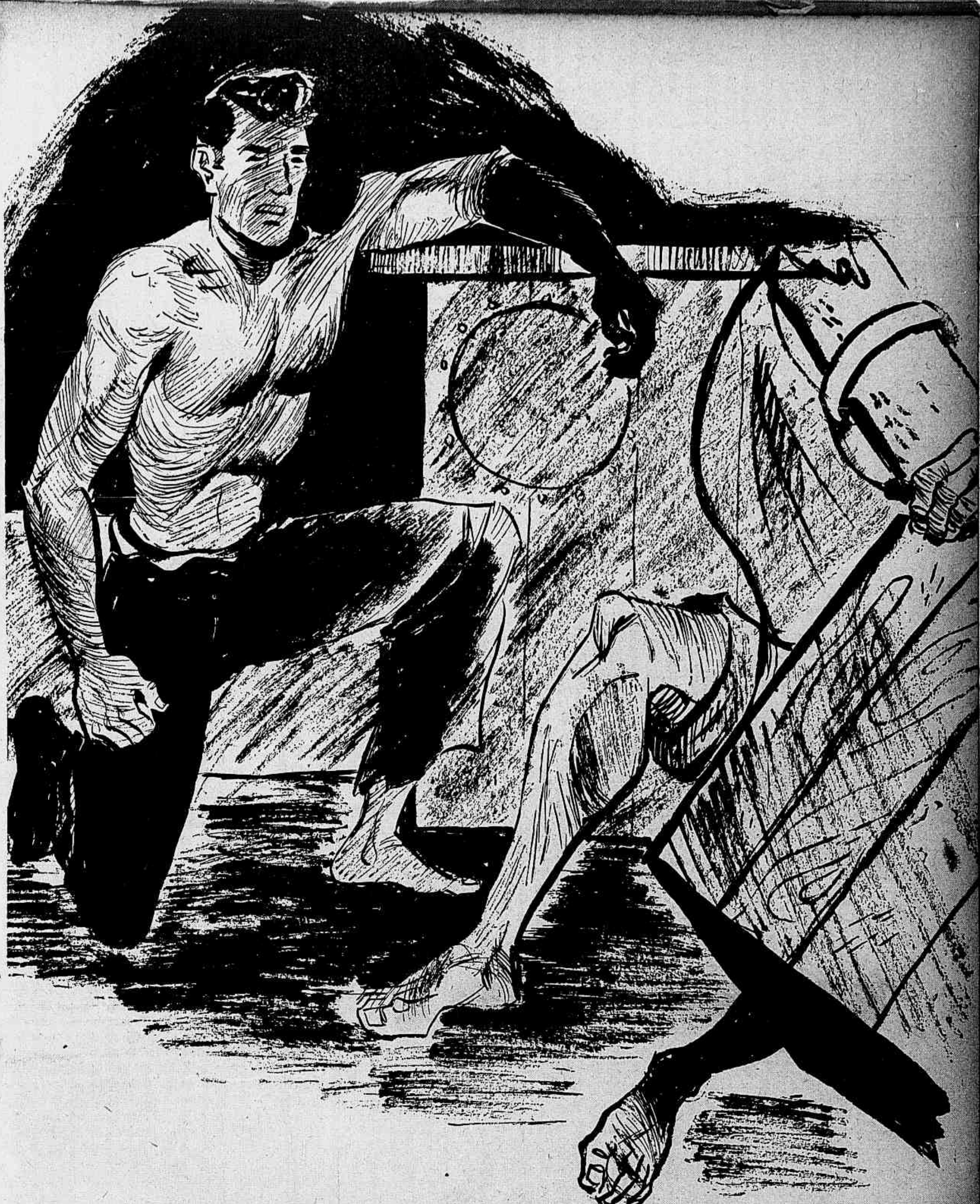
NÃO sou escritor e nunca tive intenção de dedicar-me um dia à literatura. Quando menino, sentia atração por todas as profissões, mas nunca pensei em escrever um livro. Digo isso somente para justificar este conto, provavelmente o primeiro e último em minha vida, mesmo porque a profissão de médico me tira todo o tempo e, nas horas vagas, prefiro escrever sobre medicina.

Nasci normal, não sofri nenhuma doença infantil, gozava sempre de boa saúde e nunca dei trabalho à minha mãe, nem à ama. Era, segundo afirmam todos que me conhecem desde os primeiros dias da minha existência, o que se pode chamar uma criança perfeita. Comecei a andar aos onze meses, falava aos quatorze e, com apenas cinco anos de idade, aprendi a ler e escrever como um menino do segundo ou terceiro ano do grupo. Chamavam-me de criança prodígio, pois tinha dom para todas as artes e fazia tudo com perfeição. No ginásio, era o melhor aluno. Escolhi a medicina e formei-me aos vinte e três anos de idade. A essa altura, já me consideravam um gênio, pois salvei várias pessoas da morte, operando-as quando médicos de grande reputação já as consideravam irremediavelmente perdidas. Minha fama se espalhou por todo o país. Eu tinha um esplêndido futuro. Tudo corria bem quando, belo dia, a desgraça veio bater à minha porta. Vou contar como isso aconteceu.

Como todos os moços da minha idade, apaixonei-me por uma jovem que considerava a mais perfeita das criaturas: Quem vê cara, não vê coração, — diz o ditado. Foi exatamente o que se deu comigo. Não vou narrar os detalhes desse meu amor, pois era tão banal como todos os amores entre os jovens. Um dia, quando menos esperava, descobri algo de horrível, que se cravou como um punhal no meu coração. A jovem, que iria ser a minha esposa, andava de amores com um homem casado, com o qual se encontrava às escondidas, num apartamento que ele mantinha especialmente para esse fim. Pegada em flagrante, nada mais fiz senão devolver-lhe a liberdade. Não sei que fim levou, pois nunca mais tive notícias dela. A minha dor era tremenda e eu nada podia fazer. Uma profunda melancolia apossou-se totalmente de mim.

Lembro-me como se fosse hoje. Depois do almoço, magoado como sempre, deitei-me de costas, no divã da sala de visita, cruzei os braços sobre o peito, mergulhei nos acontecimentos que me abateram, e adormeci. Não posso precisar quanto tempo dormi, nem me recordo do pesadelo que causou a minha desgraça. Sei apenas que senti de repente um peso de milhares de toneladas sobre o estômago. Senti-me amarrado ao divã, enquanto tentava fugir de algo horrível que me ameaçava. Quis gritar, chamar alguém, mas a minha voz não saía da garganta. E aquela coisa horrível se aproximava cada vez mais, lançou-se impetuosamente sobre todo o meu ser e enfiou dois ganchos em braço nos meus olhos. Senti a dor, uma dor aguda que depois se irradiou sobre o rosto, desceu aos ombros, passou pelas costas, atingiu as pernas e acabou em caimbras nos pés. Acordei finalmente em sobresalto. Minha roupa estava ensopada de suor, os braços ainda cruzados sobre o peito. Como esses braços pesavam! E a dor nos olhos, oh! essa dor, que já mais senti antes e que não me largou alguns anos depois, torturando-me dia e noite, noite e dia.

Eu estava só. Era domingo e todos haviam saído. Levantei-me com muita dificuldade, passei as mãos sobre o rosto. Um calafrio percorreu o meu corpo. O lado esquerdo estava totalmente insensível, enquanto o lado direito me doía tremendamente. Na qualidade de médico, procurei uma explicação. Mal estar, naturalmente, causado pelo pesa-



CONTO DE NELSON VAINER



ILUSTRAÇÃO DE A. MOURA

délo. E o pesadelo? Motivado, talvez, pela difícil digestão ou, quem sabe? pelos sofrimentos consequentes à minha tremenda desilusão.

Aproximei-me da estante na qual havia centenas de remédios, tirei um comprimido, dissolvi-o em meio copo de água e engoli-o. Passados alguns momentos, a dor foi diminuindo. Restabelecido, entrei no banheiro, lavei-me, troquei de roupa e saí. Quis lembrar-me do pesadelo, mas não o consegui. Achei, então, melhor não pensar mais nisso, já que me sentia bem.

Passei a noite entre amigos e fui dormir tarde. Antes de deitar-me, tomei um calmante qualquer. Dormi tranquilo e acordei bem disposto. A enfermeira do hospital telefonou-me dizendo que os médicos me chamavam com urgência, pois devia intervir numa operação difícil. Tomei um táxi e dirigi-me ao hospital.

Minutos depois achava-me na sala das operações. Lavei as mãos, a enfermeira me vestiu o fato, examinei se os instrumentos estavam em ordem. Os colegas e o professor da Faculdade de Medicina não tiravam o olhar de mim. Estavam seguros e confiavam cegamente na minha perícia.

Mais uns instantes e a enfermeira levantou o lençol que cobria o enfermo. Os médicos se aproximaram. Firme, senhor absoluto de mim, curvei-me sobre o ventre do paciente. Comecei a opera-

ção mas, ao ver a abertura do ventre, operou-se em mim algo que não tem nome. Vi, em toda sua forma hedionda, aquela coisa horrível do pesadelo avançar contra mim. Era algo que não sei descrever, mas que tinha tentáculos. As chamas de dois maçaricos penetraram nos meus olhos. Senti novamente aquela dor aguda e algo me apertava fortemente a minha garganta, o que impedia que eu gritasse. E a dor dos olhos, irradiando-se primeiro na face, acabou tomando conta de todo o meu organismo. Depois não vi mais nada, não senti mais nada. Mergulhei num imenso nada, escuro como a noite e sem fundo.

Acordei em minha cama, rodeado de gente da minha família, a enfermeira do hospital, o professor da Faculdade. Eu não sabia se era dia ou noite. Com a ajuda da enfermeira sentei-me e perguntei o que se passava comigo. Responderam-me que tivera um desmaio e o professor me assegurava que não era nada sério. Olhei para a folhinha e percebi que era quinta-feira. Onde estive eu desde segunda-feira? — "Estava inconsciente", foi a resposta. Um tremendo medo apoderou-se de mim. Aquilo era sério demais, era algo de horrível, e o professor, procurando ocultá-lo, ainda tentou tranquilizar-me. Perguntei sobre o homem que eu havia operado. Responderam-me que passava bem. Pedi um jornal para ver o que se passa-

va no mundo, e avistei com horror a notícia do falecimento do homem que eu havia operado. Morrera em consequência da intervenção cirúrgica, em minhas próprias mãos. Deixei-me, naquele instante, por definitivamente liquidado. E desde então teve início minha desventura.

Os colegas não me largaram por um minuto sequer. Passados alguns dias, sentindo-me melhor, desci da cama e comecei a sair de casa a passear pelo jardim. Sentia-me apenas melhor, pois os sintomas da doença sem nome, surgida desde o primeiro ataque sofrido sobre o divã, não mais me largavam. Minha mão direita tremia, as dores nos olhos e no rosto me torturavam e os pesadelos continuavam a atormentar-me.

Os pesadelos! Haveria algo mais horrível do que esses sonhos que me perseguiram todas as noites? Durante cinco anos consecutivos sentia os horrores de cerca de dois mil pesadelos. Vou contar alguns e dirão que, para suportá-los, como eu os suportei, é preciso ter um organismo de ferro.

Certa noite, deitei-me sobre o lado direito e, embora torturado pelas dores que formigavam sobre o meu corpo e pelas queimaduras sofridas nos olhos, não demorei muito a adormecer. Senti perfeitamente a divisão que se operava em mim: o corpo, pesado como chum-

(Cont. na pág. 52)

TORTURA



O Amante

IRIAM a Bucelas, perfeitamente, pela serra! Uma era do sítio e a outra de Lisboa. Não tinham o que se pode chamar intimidade, mas faziam-se boa companhia.

O campo dava à lisboeta aquele gosto, aquele regalo que costuma geralmente dar aos cidadãos: surpresas, uma certa beatitude, o despertar da imaginação...

No campo há sempre patentes as coisas naturais e não de fabrico: o chão verde, o sol, a chuva, a água corrente e as nuvens. Até a gente que passa ou que trabalha nos parece mais espontânea e mais simples!

Com isto e pouco mais se amanha uma paisagem de recreio, se passam umas boas férias rurais.

Esta aldeia era de lavadeiras, construída em socacos entre dois ribeiros. No verão dispensavam-se as suas melhores casas à gente de Lisboa. Mas os forasteiros, quer chegassem cedo quer chegassem tarde, de tão costumeiros que eram não produziam a mínima impressão no indígena. E assim esta lisboeta temporã, arribada na Páscoa, corria os campos à sua vontade. A ela é que as novidades da terra, toda aquela rebentação primaveril enchiam de exaltação.

Quando entrou pela primeira vez no quarto muito caído que lhe alugou a senhora Pintabela sentiu-se tranquila. Aquilo não era mundo, mas repousava-a, não a afligia. As paredes eram tortas e grossas, com um janelinho quadrangular lá em cima... Talvez que se não desse ali muito mal!

Na cama, bastante larga e aseada, de bom colchão mexido, passava as suas noites e as suas sestas. Também tinha uma mesinha para os livros e para a costura. De pé, via um grande bocado de céu e até os telhados mais altos da vizinhança. A vida sossegada, rarefeita, que palpitava na casa e em todo o seu arredor serenava-a.

A senhora Pintabela era viúva e vivia só. Tinha de seu um formidável maltês e muitíssimos trastes, que amontoava no resto das casas. Falava pouco e ainda não era velha.

A lisboeta, Helena de nome, saía muito e nos intervalos das suas saídas escrevia cartas. Tinha um namorado de pouco tempo e tudo entre ela e ele se reduzia ainda a estilo.

O namorado era de espírito laborioso

e lento e Helena sensível e supérflua. Chegada ali derramou-se logo em descrições locais e dos seus Estados. Sentia-se um pouco alheada e excitada. Todos os pequeninos argueiros transformava em deliciosos cavaleiros.

Um dia admirou-se de o namorado se queixar de ela lhe andar fugindo... Nem chegou a perceber se ele a queria lisonjear, se criticar. Realmente ele era tão pouco natural, de uma amabilidade tão forçada! Mas Helena fez-se desentendida. Como não tinha muito tempo para viver fora da cidade aproveitava todas as manhãs e todas as tardes para passear e se sentir despreocupada. Descobria caminhos, entusiasmava-se com os seixos dos ribeiros e as gaitas de cana dos rapaziotos, com a cor do céu e as flores do campo. Era romântica.

Diga-se já, para que o seu tipo saia claro, que as idéias sociais e materialistas hoje tanto em voga mal apontavam entre nós, e que as mulheres deixadas aos seus impulsos eram sentimentais. Os seus problemas cifravam-se quase todos em casos da sua vida psicológica.

Por tudo isto Helena via o campo através de um prisma poético e mesmo enternecido, um agradável prisma que a desenfadava da sua vida ordinária.

Naquele dia iria com uma vizinha da sua hospedeira a Bucelas. Por montes e vales, segundo o seu gosto.

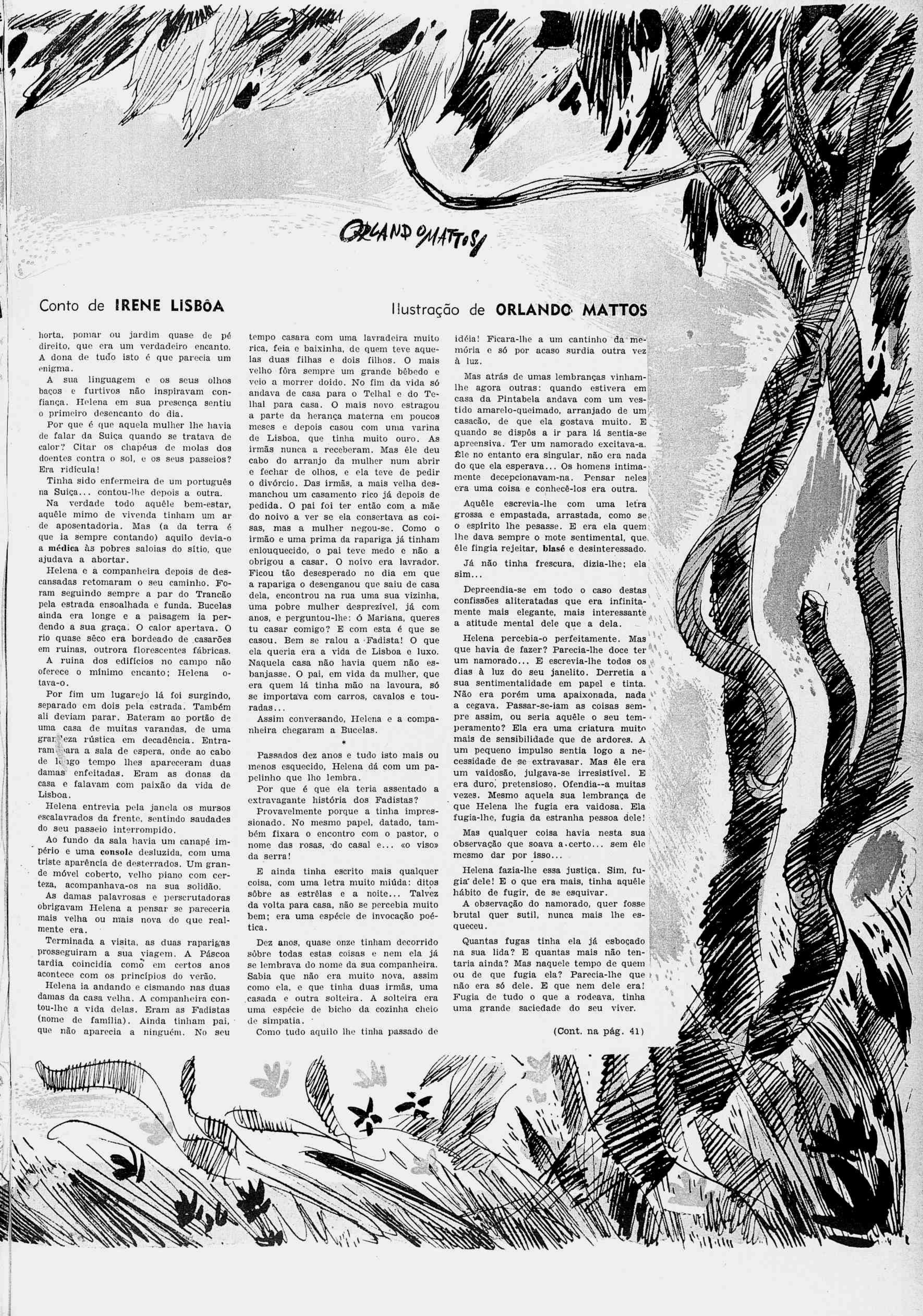
Estava combinado que partissem cedo, e partiram ainda as ervas estavam todas orvalhadas. Havia rosas albardeiras pelos atalhos, que com o subir do sol iam abrindo e espalhando o seu bom cheiro.

Um pastor velhote ensinou-lhes os caminhos mais curtos. Tinha as ovelhas ainda dentro do redil numa terra desterrada. Com o pau mostrou-lhes a ponte do Trancão por onde elas haviam de passar, e mais para lá o viso da serra, em cuja direcção caminhavam. Que nunca perdessem de vista o casal do Mirra...

Helena achou um grande sabor à palavra viso. Ouviu-a pela primeira vez.

O caminho era afinal longo, mas as raparigas nunca pararam. Com a manhã já alta chegaram ao seu primeiro ponto de mira — a casa da médica.

A médica, aliás parteira, para quem a do sítio levava um recado, tinha uma bela casa numa chã. E à roda dela uma



ORLANDO MATTOS

Conto de IRENE LISBÔA

Ilustração de ORLANDO MATTOS

horta, pomar ou jardim quase de pé direito, que era um verdadeiro encanto. A dona de tudo isto é que parecia um enigma.

A sua linguagem e os seus olhos baços e furtivos não inspiravam confiança. Helena em sua presença sentiu o primeiro desencanto do dia.

Por que é que aquela mulher lhe havia de falar da Suíça quando se tratava de calor? Citar os chapéus de molas dos dentes contra o sol, e os seus passeios? Era ridícula!

Tinha sido enfermeira de um português na Suíça... contou-lhe depois a outra.

Na verdade todo aquele bem-estar, aquele mimo de vivenda tinham um ar de aposentadoria. Mas (a da terra é que ia sempre contando) aquilo devia-o a médica às pobres saloias do sítio, que ajudava a abortar.

Helena e a companheira depois de descansadas retomaram o seu caminho. Foram seguindo sempre a par do Trancão pela estrada ensoalhada e funda. Bucelas ainda era longe e a paisagem ia perdendo a sua graça. O calor apertava. O rio quase seco era bordeado de casarões em ruínas, outrora florescentes fábricas.

A ruína dos edifícios no campo não oferece o mínimo encanto; Helena oitava-o.

Por fim um lugarejo lá foi surgindo, separado em dois pela estrada. Também ali deviam parar. Bateram ao portão de uma casa de muitas varandas, de uma grudeza rústica em decadência. Entraram para a sala de espera, onde ao cabo de longo tempo lhes apareceram duas damas enfeitadas. Eram as donas da casa e falavam com paixão da vida de Lisboa.

Helena entrevia pela janela os muros escalavrados da frente, sentindo saudades do seu passeio interrompido.

Ao fundo da sala havia um canapé império e uma console desluzida, com uma triste aparência de desterrados. Um grande móvel coberto, velho piano com certeza, acompanhava-os na sua solidão.

As damas palavrosas e perscrutadoras obrigavam Helena a pensar se pareceria mais velha ou mais nova do que realmente era.

Terminada a visita, as duas raparigas prosseguiram a sua viagem. A Páscoa tardia coincidia com em certos anos acontece com os princípios do verão.

Helena ia andando e cismando nas duas damas da casa velha. A companheira contou-lhe a vida delas. Eram as Fadistas (nome de família). Ainda tinham pai, que não aparecia a ninguém. No seu

tempo casara com uma lavradeira muito rica, feia e baixinha, de quem teve aquelas duas filhas e dois filhos. O mais velho fôra sempre um grande bêbedo e veio a morrer doido. No fim da vida só andava de casa para o Telhal e do Telhal para casa. O mais novo estragou a parte da herança materna em poucos meses e depois casou com uma varina de Lisboa, que tinha muito ouro. As irmãs nunca a receberam. Mas ele deu cabo do arranjo da mulher num abrir e fechar de olhos, e ela teve de pedir o divórcio. Das irmãs, a mais velha desmanchou um casamento rico já depois de pedida. O pai foi ter então com a mãe do noivo a ver se ela consertava as coisas, mas a mulher negou-se. Como o irmão e uma prima da rapariga já tinham enlouquecido, o pai teve medo e não a obrigou a casar. O noivo era lavrador. Ficou tão desesperado no dia em que a rapariga o desenganou que saiu de casa dela, encontrou na rua uma sua vizinha, uma pobre mulher desprezível, já com anos, e perguntou-lhe: Ó Mariana, queres tu casar comigo? E com esta é que se casou. Bem se ralou a Fadista! O que ela queria era a vida de Lisboa e luxo. Naquela casa não havia quem não esbanjasse. O pai, em vida da mulher, que era quem lá tinha mão na lavoura, só se importava com carros, cavalos e touzadas...

Assim conversando, Helena e a companheira chegaram a Bucelas.

Passados dez anos e tudo isto mais ou menos esquecido, Helena dá com um papinho que lho lembra.

Por que é que ela teria assentado a extravagante história dos Fadistas?

Provavelmente porque a tinha impressionado. No mesmo papel, datado, também fixara o encontro com o pastor, o nome das rosas, do casal e... «o visio» da serra!

E ainda tinha escrito mais qualquer coisa, com uma letra muito miúda: ditos sobre as estrelas e a noite... Talvez da volta para casa, não se percebia muito bem; era uma espécie de invocação poética.

Dez anos, quase onze tinham decorrido sobre todas estas coisas e nem ela já se lembrava do nome da sua companheira. Sabia que não era muito nova, assim como ela, e que tinha duas irmãs, uma casada e outra solteira. A solteira era uma espécie de bicho da cozinha cheio de simpatia.

Como tudo aquilo lhe tinha passado de

idéia! Ficara-lhe a um cantinho da memória e só por acaso surdia outra vez à luz.

Mas atrás de umas lembranças vinham-lhe agora outras: quando estivera em casa da Pintabela andava com um vestido amarelo-queimado, arranjado de um casacão, de que ela gostava muito. E quando se dispôs a ir para lá sentia-se apreensiva. Ter um namorado excitava-a. Ele no entanto era singular, não era nada do que ela esperava... Os homens intimamente decepcionavam-na. Pensar neles era uma coisa e conhecê-los era outra.

Aquêle escrevia-lhe com uma letra grossa e empastada, arrastada, como se o espírito lhe pesasse. E era ela quem lhe dava sempre o mote sentimental, que ele fingia rejeitar, blasé e desinteressado.

Já não tinha frescura, dizia-lhe; ela sim...

Depreendia-se em todo o caso destas confissões aliteradas que era infinitamente mais elegante, mais interessante a atitude mental dele que a dela.

Helena percebia-o perfeitamente. Mas que havia de fazer? Parecia-lhe doce ter um namorado... E escrevia-lhe todos os dias à luz do seu janelito. Derretia a sua sentimentalidade em papel e tinta. Não era porém uma apaixonada, nada a cegava. Passar-se-iam as coisas sempre assim, ou seria aquêle o seu temperamento? Ela era uma criatura muito mais de sensibilidade que de ardores. A um pequeno impulso sentia logo a necessidade de se extrasar. Mas ele era um vaidoso, julgava-se irresistível. E era duro, pretensioso. Ofendia-a muitas vezes. Mesmo aquela sua lembrança de que Helena lhe fugia era vaidosa. Ela fugia-lhe, fugia da estranha pessoa dele!

Mas qualquer coisa havia nesta sua observação que soava a certo... sem ele mesmo dar por isso...

Helena fazia-lhe essa justiça. Sim, fugia dele! E o que era mais, tinha aquêle hábito de fugir, de se esquivar.

A observação do namorado, quer fosse brutal quer sutil, nunca mais lhe esqueceu.

Quantas fugas tinha ela já esboçado na sua vida? E quantas mais não tentaria ainda? Mas naquele tempo de quem ou de que fugia ela? Parecia-lhe que não era só dele. E que nem dele era! Fugia de tudo o que a rodeava, tinha uma grande saciedade do seu viver.

(Cont. na pág. 41)



Conto de CAMILO CASTELO BRANCO

Aquela Casa triste.

Ilustração de ARMANDO PACHECO

A casa grande das quinze janelas branqueja no espinhaço do monte. As janelas fecharam-se há seis meses, ao mesmo tempo que duas sepulturas se abriram.

A sepultura do «Africano», que chegava ao cemitério quando a filha expirava; e a sepultura de Deolinda, quando o sino dobrava ainda nos funerais do pai.

Ao homem que morreu naquela casa triste chamavam o «Africano».

Estou-a vendo daqui.

As vidraças reverberam o sol poente.

Eu, há hoje dez anos, vi abrir os alçerces daquela casa.

Lidavam operários a centenaes.

Entre os alvenéis estava um sujeito, na pujança dos anos, magro, macilento e tostado pelo sol da Africa.

Disseram-me que era homem muito rico, e viera do cabo do mundo, e se chamava o Duque por apelido e o «Africano» por alcunha.

Avizinhá-me dele, com o semblante risinho de cortesia, para lhe perguntar como ia, em monte assim agrio e ermo, fabricar edifício tão grandemente cimentado.

Respondeu que tinha em Benguela uma filha, com quem andara viajando na Suíça. E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gotardo, lhe dissera que seria feliz se morasse no topo duma montanha, em casa imitante de outra onde pernoitara, e donde vira levantar-se o sol do seu leito de neve.

E ele, pai extremoso, rico e saudoso da pátria, disse à filha que, por cima da casinha onde nascera, em um outeiro do Minho, sobranceava um alto monte, golpeado de regatos que derivavam por entre arvoredos fresquíssimos.

E a filha, cingindo-se-lhe ao pescoço, exclamara:

— E quando vamos?

— Irei fazer a casa no alto do monte, e depois irás tu, e levaremos para a capela os ossos de tua mãe. E eu descansarei desta labutação em que pude granjear mais que o preciso ao teu passadio, visto que preferes, a viver em Paris, uma casa nas serras de Portugal.

E saiu de Benguela, provido de dinheiro para edificar o ostentoso chalet que a filha fantasiara.



Em elma: uma cena do primeiro ato de "A Águia de Duas Cabeças", com Jardel Jercollis Filho, no papel do duque Felix de Willenstein, e Susana Negri, no papel da condessa Edith de Berg.

O TEATRO DE JEAN COCTEAU NO BRASIL

"A ÁGUIA DE DUAS CABEÇAS" EM MAGISTRAL ENCENAÇÃO DE DULCINA

JEAN COCTEAU, para a "clique" dos seus numerosos amigos simplesmente "Jean", poeta, teatrólogo e cineasta de verdadeiro gênio, figura hoje entre os poucos autores universalmente conhecidos, universalmente lidos e representados em todas as grandes capitais européias. Agora o seu teatro está invadindo os palcos do Rio. No ano passado, vimos "O pecado original" (Les Parents Terribles), com os "Artistas Unidos"; há pouco tempo, Mme. Henriette Morineau deu-nos "A voz humana", peça em um ato; agora,

Por MICHEL B. KAMENKA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

★

Dulcina e Odilon fizeram a sua "rentrée" com "A águia de duas cabeças", na tradução de Raimundo Magalhães Jr. E' esta a última grande produção teatral de Cocteau. Foi estreada em fins de 1946, na Bélgica e na província francesa, e lançada em janeiro de 1947 no Teatro Hebertot em Paris, com Edwige Feuillère e Jean Marais nos principais papéis. O

sucesso foi considerável: meses de representações, com a bilheteria esgotada.

★

Peça dramática, romântica e estranha. Para bem compreendê-la, é preciso que se conheçam alguns dos "leit-motifs" da poesia de Cocteau: o teatrólogo reflete a obra do poeta. E nesta obra aparece com insistência um tema-mestre: o da morte. Por "coquetterie" ou por obsessão, a imagem da morte acompanha frequentemente a sua poesia. Na felicidade ou no desespero, nos poemas ale-





Na página à esquerda: Dulcinea, no papel da estranha e misteriosa Rainha da peça de Jean Cocteau. Em cima: duas cenas, — a da esquerda com Susana Negri e Jardel Jercolis Filho, nos papéis de Edith de Berg e de Felix de Willenstein, — e outra vez Dulcinea, na Rainha, em trajos de montar.

gres, nos de amor ou nos tristes, está sempre presente a companheira invisível, a consoladora suprema: "La mort qui vient nous consoler beaucoup".

O ópio que o poeta usa e sob cuja influência muitas vezes escreve as suas obras mais delicadas, nada mais é para ele que a consciência da morte.

Entretanto, jamais pensou em suicídio: sua vitalidade, sua força criadora, a inesgotável imaginação poética, são barreiras bastante fortes para retê-lo do lado de cá da linha de demarcação entre a vida e a morte.

Mas os seus heróis realizam no palco o encontro fatal cuja imagem persegue e inspira seus sonhos de poeta.

★

Sob esse aspecto da corrida voluntária ao encontro da morte, a figura da "rainha" (Dulcinea) recebe um relêvo particular, parece mais compreensível e mais humana. Ao mesmo tempo, representa em si mesma o elemento permanente do trágico desfêcho.

Quando aparece no seu quarto, numa noite tempestuosa, o poeta-revolucionário Estanislau (Odilon) com a missão de matá-la, ferido e quase desmaiado, é ela própria quem o

esconde; pois vê na pessoa de Estanislau a realização do seu sonho — ou o de Cocteau — a libertação pela morte. Acontece, entretanto, que o revolucionário, sob o encanto da "rainha", desiste dos seus planos mortíferos. O poder tão odioso e odiado, quando aparece sob a forma de uma linda rainha, tem um aspecto bem diferente. É a "distância" que cria as revoluções, assim como os revolucionários. Desaparecida a distância, colocado o problema no plano humano, as coisas mudam de aspecto. O revolucionário torna-se adepto do "regime forte" cuja encarnação deve ser a "rainha". Convince-a de assumir o poder efetivo, deixar o castelo das montanhas onde se esconde, e fazer a sua entrada triunfal na capital do Estado. Sobre este tema romântico e que lembra um enredo de filme, delineia-se o tema do amor nascente entre a rainha que professa idéias anarquistas e o ex-revolucionário que se tornou realista e está, por enquanto, disfarçado em "leitor de Sua Majestade".

O plano é combatido pelo conde de Föehn, o clássico ministro da polícia das peças de Sardou: homem onipresente, que sabe de tudo, inteligente e sem escrúpulos. Este persona-



É assim o poeta-anarquista Estanislau (Odilon), entrando no palácio de Krantz, para refugiar-se.



Em cima: uma cena do segundo ato de "A Águia de Duas Cabeças", a nova peça de Jean Cocteau dada a conhecer no Brasil, pela Companhia Dulcina-Odilon. Em baixo: a sensacional queda de Odilon, no terceiro ato, no momento culminante do drama.

gem sinistro destrói os planos políticos e, ao mesmo tempo, o romance de amor: convence o jovem idealista de que sua presença só pode constituir um empecilho para a rainha, sendo ele criminoso e conspirador, acusado

de atentado, sob mandado de prisão. Eis um belo aliado para a rainha: só servirá para comprometê-la.

Estanislau deixa-se convencer: é uma queda vertical, igual à de Ruy Blas. Desesperado,



envenena-se, e deve morrer. Volta a "rainha" em cena. Não quer deixar escapar a sua morte. Se desaparecer Estanislau, desaparece a morte. Então, ela representa uma cena verdadeiramente dramática de simulação. Seu amor era uma farsa. Um simples camponês amado por uma rainha... que presunção! Ao fracasso amoroso, junta-se o simulacro da traição: o mandado de prisão foi lavrado por ordem da rainha. Quase louco de vergonha e de raiva, Estanislau, num último esforço, enterra um punhal nas costas da rainha. "Le destin s'accomplit". A soberana estava de pé no alto da escada para dar o sinal combinado para a partida das tropas: segue-se uma queda monumental dos dois corpos que faz parte da encenação cocteauana, enquanto rompem os acordes marciais de uma banda militar, atrás do palco: um final "à grand orchestre", que se situa, na verdade, entre Victor Hugo e Shakespeare.

★

O sôpro romântico, voluntariamente acentuado por todos os acessórios do teatro romântico: o criado negro, o ministro da polícia, conspiradores, revoluções de palácio, e enfim cadáveres pelo palco — tudo isso poderia parecer uma experiência no sentido de serem ressuscitadas coisas mortas e desaparecidas, se Cocteau não conseguisse comunicar à sua peça um movimento emocional veemente e sincero. Prisioneiro das suas ficções, acredita nelas e assim logra imprimir aos personagens uma vida estranha e intensa. O brilho do diálogo não deixa decair o interesse, e o espectador prende-se com facilidade a esse jogo de neo-romantismo, por causa da forma perfeita da sua apresentação.

Entre muitas qualidades, Cocteau possui a de uma sensibilidade aguda. Tem a **presciência** da psicologia coletiva. Adivinhou que depois de decepções e misérias da guerra, depois do veneno destruidor do existencialismo, o público vai necessitar de um pouco de idealismo e de fantasia. (O sucesso enorme de "Cyrano de Bergerac", que após 50 anos ressuscitou simultaneamente em Paris, Londres e Nova York, deu-lhe razão: um jornalista brasileiro que presenciou a "première" de "O geleiro aí vem" (The Iceman Cometh), de O'Neill, peça que pelo seu pessimismo macabro pode ser comparada a qualquer peça existencialista, escreveu textualmente que "preferiu Cyrano".)

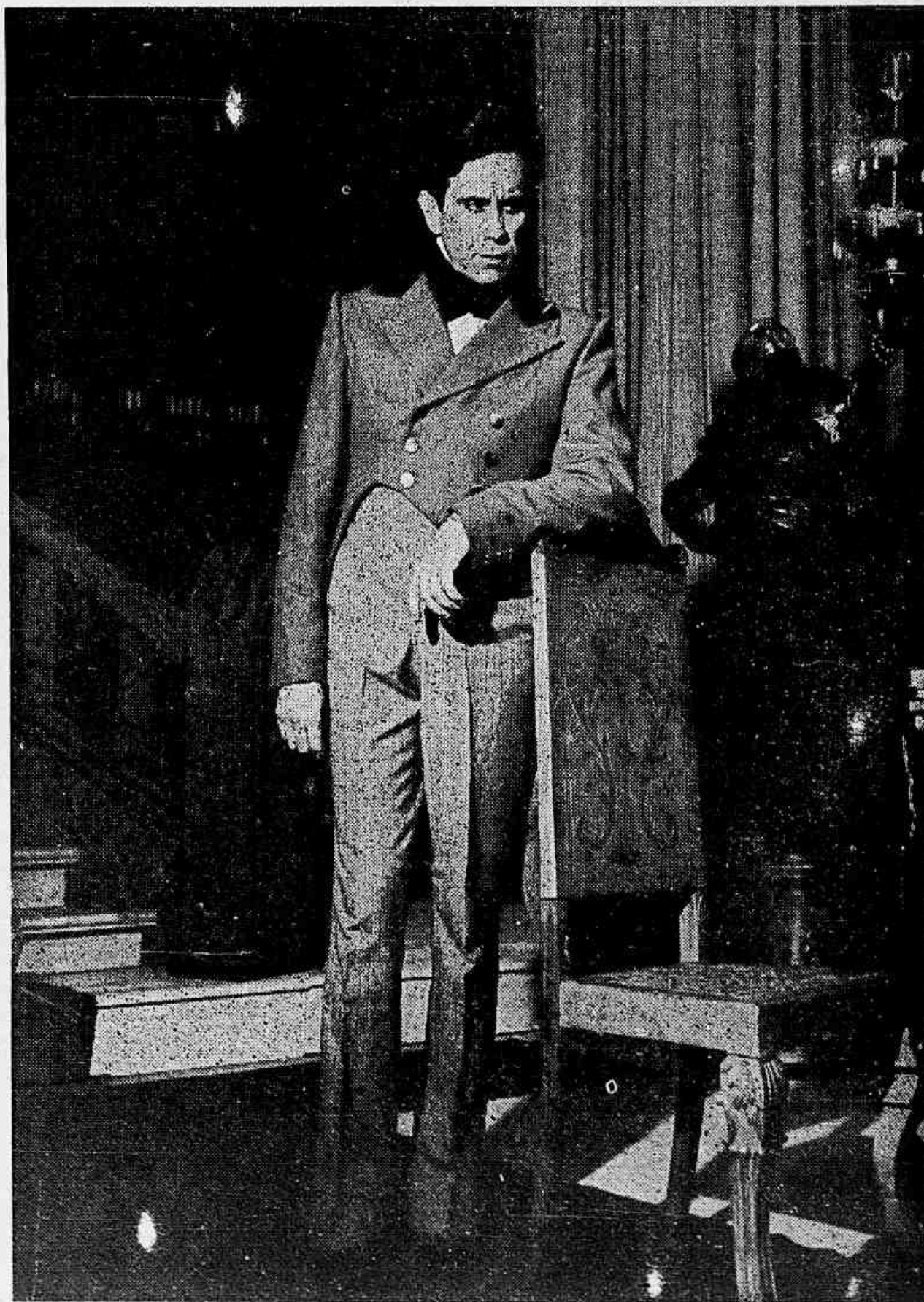
Então, Cocteau escreveu a "Águia", na qual utilizou diversos trechos da biografia da imperatriz Elizabeth da Áustria, realmente assassinada na Suíça, associou-os à lenda de Ludwig da Baviera, e fabricou assim o seu adorável "cock-tail" romântico.

★

O teatro brasileiro tem uma grande dívida para com Dulcina. Foi ela quem primeiro familiarizou o público com as obras primas do teatro contemporâneo: Bernard Shaw, Giraudoux, Somerset Maugham e tantos outros. Com a magistral encenação da "Águia", esta dívida foi consideravelmente aumentada.



Em cima: duas cenas de "A Agula de Duas Cabeças", na encenação da Companhia Dulcina-Odilon. Em baixo, à esquerda, o ator Ribeiro Fortes no papel do chefe de Polícia, conde de Foehn, e o ator Odilon Azevedo, no papel de Estandislau, o poeta-anarquista, convertido, no segundo ato, à condição de leitor da Rainha.







EU ERA ASSIM...

Por DOREEN SPOONER

Fotos da
KEYSTONE PRESS AGENCY

(Exclusividade de
REVISTA DA SEMANA no Brasil)



LONDRES, abril — Enquanto as mulheres brancas gastam «os tubos» nos salões de beleza para encaracolar seus cabelos, em «permanentes» sempre provisórias, as outras, as de tez cor de chocolate, se preocupam, muito ao contrário, em espichá-los o mais possível. Para as belezas bronzeadas, para as elegantes de pigmento escuro, surgiu, entretanto, uma novidade que já chegou a Londres, procedente da cidade de Port of Spain, na ilha de Trinidad, onde foi inventada por uma senhora natural da ilha de Jamaica, de nome Walker. Quem introduziu a novidade em Londres foi Carmen Maingot, que há dez anos tinha um salão de beleza em Trinidad. Em Londres, o sucesso foi enorme, — e a introdutora do processo não tem mãos a medir. O processo consiste no seguinte: em primeiro lugar, o cabelo é lavado e secado, sendo em seguida usados dois óleos, — Apex Glosalina e Apex Pressing Oil, — um após outro esfregados no couro cabeludo. Um pente aquecido é, então, empregado para pentear o cabelo,

de cacho em cacho, até espichá-lo bem. Então, começa a fase final, num processo que dura nada menos de duas horas, mas que produz resultados na verdade surpreendentes. Depois dessa preparação, é então frisado o cabelo, com um instrumento de frisar aquecido. Entretanto, esse processo tem uma exigência a ser observada: não pode o cabelo ser molhado, porque, em caso contrário, voltará ao seu estado primitivo. Aliás, o inverso acontece com as mulheres brancas quando elas molham o permanente. O cabelo se estica, voltando também ao estado primitivo. Por isso, tanto as brancas como as de cor cobrem a cabeça quando chove.

Muitos processos de espichamento do cabelo encaracolado, ou pixaim, foram tentados antes, mas nenhum deles tão eficiente como o que agora foi lançado no Colonial Club, em Trafalgar Square, que é, realmente, alguma coisa de notável. Se não chovesse mais, então, estaria tudo resolvido, para as elegantes que descendem de Adão, mas por via de Cham...

Na página à esquerda: o início da operação que conduzirá a um lindo penteado. Em cima, à esquerda: primeira lavagem; à direita, repartição do cabelo em grupos; em baixo: esticamento do primeiro grupo, o da nuca. Nem Antoine, nem Dydney Gullaroff conseguiriam fazer melhor que Carmen Maingot.





Em cima: um pente aquecido e os dois óleos miraculosos vão fazendo seu serviço; em baixo: duas outras fases da eficiente intervenção de Carmen Maingot, a técnica de embelezamento dos cabelos encaracolados. Na página à direita: o penteado depois de acabado, visto por trás. E' uma obra de arte ou não é?

E DEPOIS FIQUEI ASSIM...







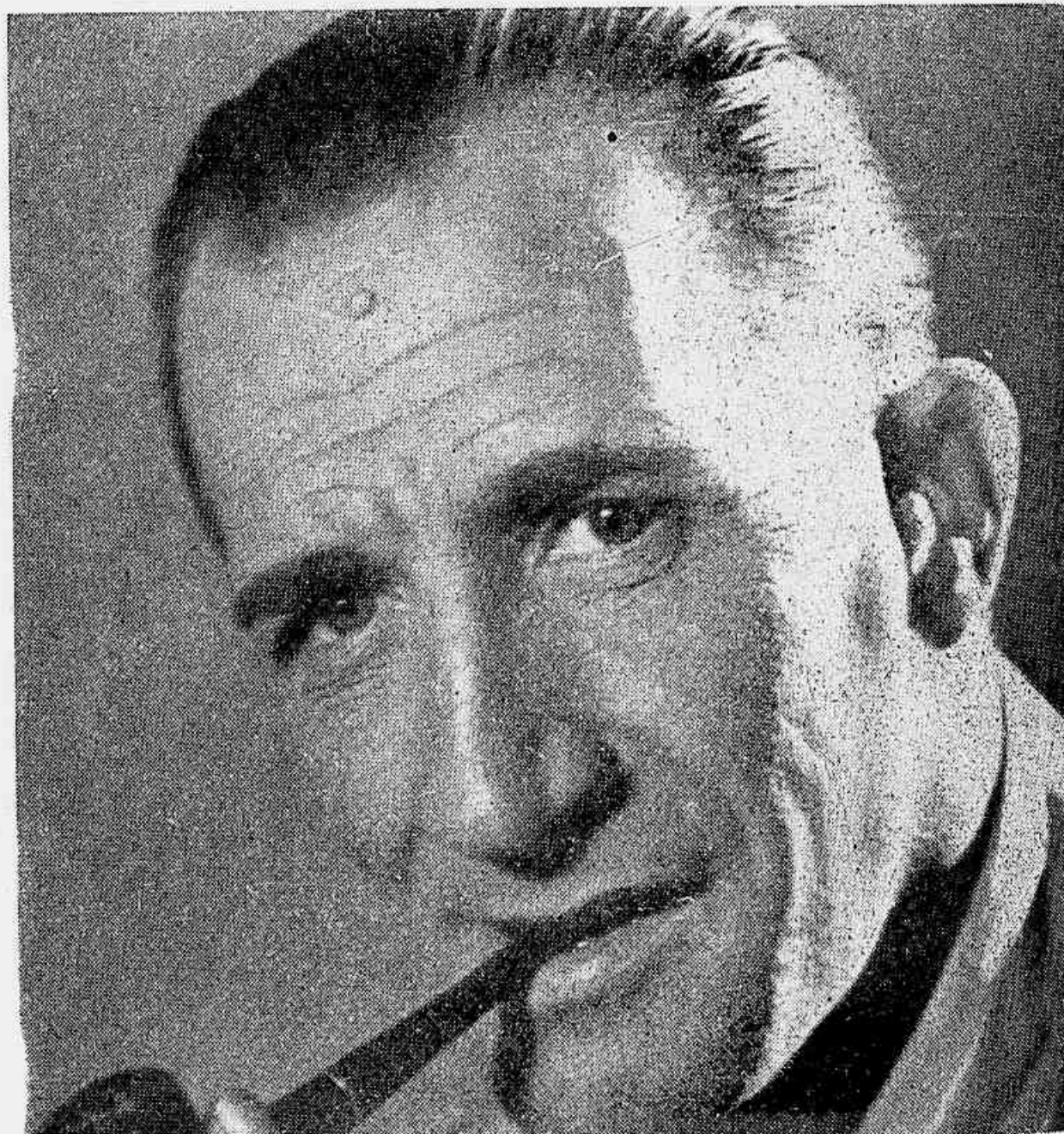
RICARDO AGUIAR, cujas traduções de "Imperador Jones" e "Todos os filhos de Deus têm asas" são bastante conhecidas dos apreciadores do bom teatro, integra a equipe redatorial da P.R.E-3. De sua lavra são diversos «broadcasts», entre os quais inclui-se «Hall da Fama», que, de preferência, aborda a vida dos grandes compositores. Formado em Direito, nem por isso se deixou seduzir pela vida forense, preferindo a atividade radiofônica. Também o jornalismo exerceu enorme influência na sua existência, tendo ele desempenhado várias funções jornalísticas, inclusive a de tradutor de telegramas de uma das agências telegráficas. Levado para o rádio por intermédio de uma agência de publicidade, não tardou que seu nome figurasse no meio dos que realizam algo de interessante. E' que Ricardo criou o X-9, atraindo a atenção da garotada para esse cartaz que a Globo transmitiu durante largo tempo. E, devido a essa realização, nosso biografado foi contratado pela P.R.E-3, onde até hoje se encontra. Seu maior prazer, embora não o tenha conseguido, é ser ensaiador de rádio-teatro. Porém os múltiplos afazeres o impedem de exercer tão espinhosa atividade. O exclusivo da P.R.E-3 experimentou sua grande emoção quando se viu contratado por esta, depois de quatro anos de longa espera... Ricardo de Aguiar conta presentemente trinta anos, pois nasceu a 8 de janeiro de 1918.



O nome verdadeiro de IARA SALES é Maria do Rosário Sales. Aos vinte e sete anos de idade, levada pelo idealismo de Pascoal Carlos Magno, iniciou-se na ribalta, participando da representação de «Leonor de Mendonça», de Gonçalves Dias, levada no Teatro Municipal. Com o sucesso obtido, voltou suas vistas para o rádio, ingressando, no ano seguinte, no elenco da Rádio Nacional, onde veio a participar das irradiações de «As mais lindas cartas de amor», programa comandado por Celso Guimarães. A seguir, cumprindo brilhante «performance», foi escalada para as apresentações do «Teatro em Casa», aparecendo, pela primeira vez, na peça «A última loucura», trabalho de José Wanderley. Em novela, apareceu fazendo o papel de Carlota de Moraes de «Em busca da felicidade». Com trinta anos de idade, torna-se fogaista do «Trem da Alegria», então irradiado através da P.R.E-3, abandonando o rádio-teatro. Nesse programa participa de várias atrações, além de animar a «Hora do Pato». No decorrer de 1947 contrai casamento com Heber de Boscoli, fato esse que constituiu autêntico acontecimento radiofônico. No momento, Iara Sales vem de ingressar nas emissoras associadas, onde continuará como fogaista do «Trem da Alegria» e animará alguns programas, além de participar das novelas que essa estação transmitir.



MARIA HELENA DE AZEVEDO nasceu no Distrito Federal. Seus primeiros estudos foram feitos numa escola pública, onde veio a revelar acentuada tendência para a música de classe. Suas excepcionais qualidades vocais e interpretativas levaram seus pais a encaminhá-la a um professor de canto, o qual a julgou uma promissora revelação. Dêsse modo, seguindo as lições sobre a educação da voz, Maria Helena de Azevedo veio a se tornar uma das mais interessantes cantoras com que conta a arte lírica brasileira. Meio-soprano, com atuações destacadas em diversos recitais, sua apresentação através do rádio constitui apreciável feito da professora Magdala da Gama Oliveira, que, interessada em revelar os grandes intérpretes da música de classe, foi buscá-la para a linha de programações da Rádio Roquete Pinto. A inteligente artista, aquiescendo à solicitação feita, interpretou, ao lado do soprano Ubaldino Xexéo, a ópera «Zanetto», de Mascagni. Trata-se de uma ópera em 1 ato para dois personagens e pouco divulgada entre nós, motivo do interesse que despertou entre aqueles que apreciam a boa música. Discípula do maestro José Torres, Maria Helena de Azevedo realizou um curso brilhante, recebendo aplausos de nomes consagrados em nosso meio musical. Atuando na P.R.D-5, ela confirmou o sucesso alcançado fora do microfone.



O nome verdadeiro de TEIXEIRA PINTO é João Luis Teixeira Pinto. Nasceu em Campos, promissora cidade do Estado do Rio, a 3 de novembro de 1900. Muito jovem ainda, conseguiu trabalhar numa companhia teatral. Pouco tempo depois desempenhava as funções de contra-regra, logo seguida de ponto, maquinista, comparsa, empresário, escritor e ensaiador. Assim, não lhe foi difícil tornar-se o que se pode chamar de homem de teatro, até que o rádio veio a interessar-se pelo seu curso. Teixeira Pinto, ávido por novas sensações, não teve dúvidas em travar contacto com o microfone, conseguindo impor-se à admiração dos rádio-ouvintes brasileiros, de quem ele recebeu o incentivo necessário para suas atuações destacadas. Atuando ao microfone de quase todas as emissoras cariocas, nem por isso guarda as grandes emoções vividas, uma vez que acha que estas surgem diariamente, obrigando-o a esquecê-las depressa. Exclusivo da Rádio Globo, no momento, o querido «astro» da ribalta vem escrevendo uma série de interessantes histórias em capítulos para o elenco da P.R.E-3, além de participar das principais apresentações dessa estação. Fato curioso: embora tenha trabalhado em diversas emissoras, nunca se sujeitou a contrato, procurando dar o melhor de seu trabalho para evitar aborrecimentos.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

NINGUEM DIZ...
MAS JÁ PASSEI
 dos
50!

CLARIM - M - 119

São estes os resultados do uso constante da Quina Petroleo Malibú! Cabelos permanentemente jovens, higiene perfeita do couro cabeludo, sem caspa e sem calvície! Quina Petroleo Malibú é, realmente, um fator de rejuvenescimento! Faça, também, uso deste notável tônico capilar e SEJA DOS QUE FICARÃO NOS 50!



Malibú
quina petroleo



Uma aplicação diária, após o banho, produz resultados estupendos!... porque a Quina Petroleo Malibú contém picarpina.

À VENDA EM TODO O BRASIL, NAS BÓAS CASAS DO RAMO



Em cima: uma aula de bordado no Instituto São José (seção de moças) e, em baixo, o cônego Coutinho fiscalizando o trabalho de suas pupilas. O cônego não gosta da ociosidade...



O GRANDE HOTE DO

NA Paraíba do Norte, na linda e risonha cidade de João Pessoa, existe uma instituição sem paralelo no Brasil. Não é que não existam outras. Mas é que nas outras não há um padre como o cônego José da Silva Coutinho, resolvendo tudo, trabalhando sem descanso, com um entusiasmo, um afinho, uma tenacidade de espantar a gente. Essa instituição é famosa na Paraíba, — não só na capital, como no interior. E sua fama já está se irradiando para os Estados vizinhos. Se em cada capital brasileira houvesse dez padres assim, muita aflição seria minorada, muita miséria desapareceria, muita dor humilde seria sufocada. Porque êsse padre é, na verdade, uma figura excepcional, pela sua bondade e pelo seu desinteresse. O Instituto São José, mantenedor da Casa do Pobre, que êle dirige, está aberto aos pobres, aos enfermos, aos famintos, aos deserdados da sorte. Só não está aberto aos vagabundos.

PARA OS VAGABUNDOS EU TENHO TRABALHO

O próprio cônego José da Silva Coutinho diz:

— Para vagabundos, tenho

"PARA OS VAGABUNDOS, TRABALHO; PARA OS POBRES E DOENTES, UMA CAMA OU UMA RENDA"

O MAIOR BENEMÉRITO DO NORDESTE DA SILVA COUTINHO, VIE FAZENDO A MULTIPLICAÇÃO DOS PÉS, NA CASA DO JOÃO PESSOA — AJUDANDO OS MISÉRICÓRDIA A MISÉRIA E A DOENÇA — OITENTATAS RENDAS OBTIDAS ATRAVÉS DE

Por DEMÓSTENES VARELA Fotos de

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

sempre trabalho... Às vezes até arranjado na ocasião... Por exemplo: carregar toros de madeira ou pedras, de trinta a quarenta quilos, para as casas dos nossos beneficiados... Ou estumar e aguar os jardins dos vizinhos, ou as ruas não calçadas.

Inimigo da vadiagem, o cônego tem o coração aberto aos que não são vadios, mas doentes ou infelizes:

— Para o prêgo, — o hospital ser dáções, qualquer Provedor trabalho e a pr dia, do porém, mais te escola não ter



Em cima: o cônego Coutinho está de olho vivo. Não quer ser embaçado. Mas é o procurador de centenas de analfabetos junto aos institutos de previdência. Em baixo: uma aula de cozinha, de onde sairá sopa para os pobres.

E DOS MISERÁVEIS

ABIDOS, TENHO TRABA-
PORES E DOENTES, UMA
UMA RÊDE"...

TO O NORDESTE, CÔNEGO JOSÉ
O, VÊ FAZENDO O MILAGRE DA
S PIS, NA CASA DO POBRE DE
DANDO OS MISERÁVEIS A VENCER
ÇA - OITENTA POR CENTO DAS
DAS ATRAVÉS DE ESMOLAS

RELA Fotos de NEWTON VIANNA
(para REVISTA DA SEMANA)

— Para os que não têm em-
prêgo, — e que vêm para a ca-
pital sem parentes, sem recomen-
dações, sem documentos de
qualquer natureza, faço tudo...
Providencio para que arranjam
trabalho. Dou-lhes hospedagem
e a primeira refeição, por um
dia, dois e até mais... Quando,
porém, teimam em permanecer
mais tempo, matriculando-se na
escola da malandragem, como
não tenho meios de sustentá-los,

deixo-os um pouco à sua sorte,
entregues aos ensinamentos de
Mestre Mundo...

NÃO HA SEGUNDA REFEIÇÃO...

O cônego tem teorias singu-
lares. Quer ajudar aos pobres,
é certo. Mas não quer encora-
jar o vício e a ociosidade. Por
isso, eis uma de suas regras
mais pitorescas:

— Dou comida, mas não con-
vido a ninguém para a segunda
refeição... Dou café, almoço ou
ceia a qualquer pessoa que se
apresente pela primeira vez, por
ocasião das refeições, dizendo-se
com fome, seja quem for. Mas
não convido para a segunda re-
feição. Não quero aqui vaga-
bundos profissionais, nem desa-
justados sociais para quem ne-
nhum emprêgo serve. E isto por-
que, se o fizesse, atrairia para a
capital milhares de desemprega-
dos, cuja situação se agravaria
bastante, pela falta de coloca-
ções...

O ALBERGUE NOTURNO DO CÔNEGO

Em João Pessoa não há al-
bergue noturno para os miserá-
veis. O albergue é a Casa do





A esquerda: o cônego Coutinho está sempre vigilante. As dez horas da noite, ao menor ruído, ele visita os dormitórios. Quer saber o que é e não tolera transgressões à ordem e à moral.

Povo, mantida pelo Instituto São José. É ali que dormem os pobres homens, mulheres e crianças vindos do interior, mordidos de cães, para tomar vacinas anti-rábicas, no Centro de Saúde. Ou os que vão tratar de questões na justiça ou de interesses junto a repartições ou aos institutos de previdência. Todos têm confiança no cônego, que já é procurador de alguns milhares de analfabetos junto a esses institutos. Pessoas que chegam a João Pessoa para tratar desses assuntos encontram casa e comida. Mas o cônego é inflexível. Só aceita um hóspede desses quando está convencido de que ele tem realmente motivo para estar na cidade. E esclarece:

— Sim, aceito os que tenham questões de terra, acidentes de trabalho, destruição de lavouras, que tenham sofrido violências, estejam com as pensões ou aposentadorias atrasadas, ou tenham causas trabalhistas a iniciar... Sim, mas somente quando estiver convencido de que a presença dos interessados aqui tem razão de ser... Isto porque

não amparo, -de maneira alguma, chantagens contra quem quer que seja, nem gosto de ser explorado, dando de graça a minha pobre bóia...

MUITA GENTE RECEBE A BÓIA EM MARMITAS...

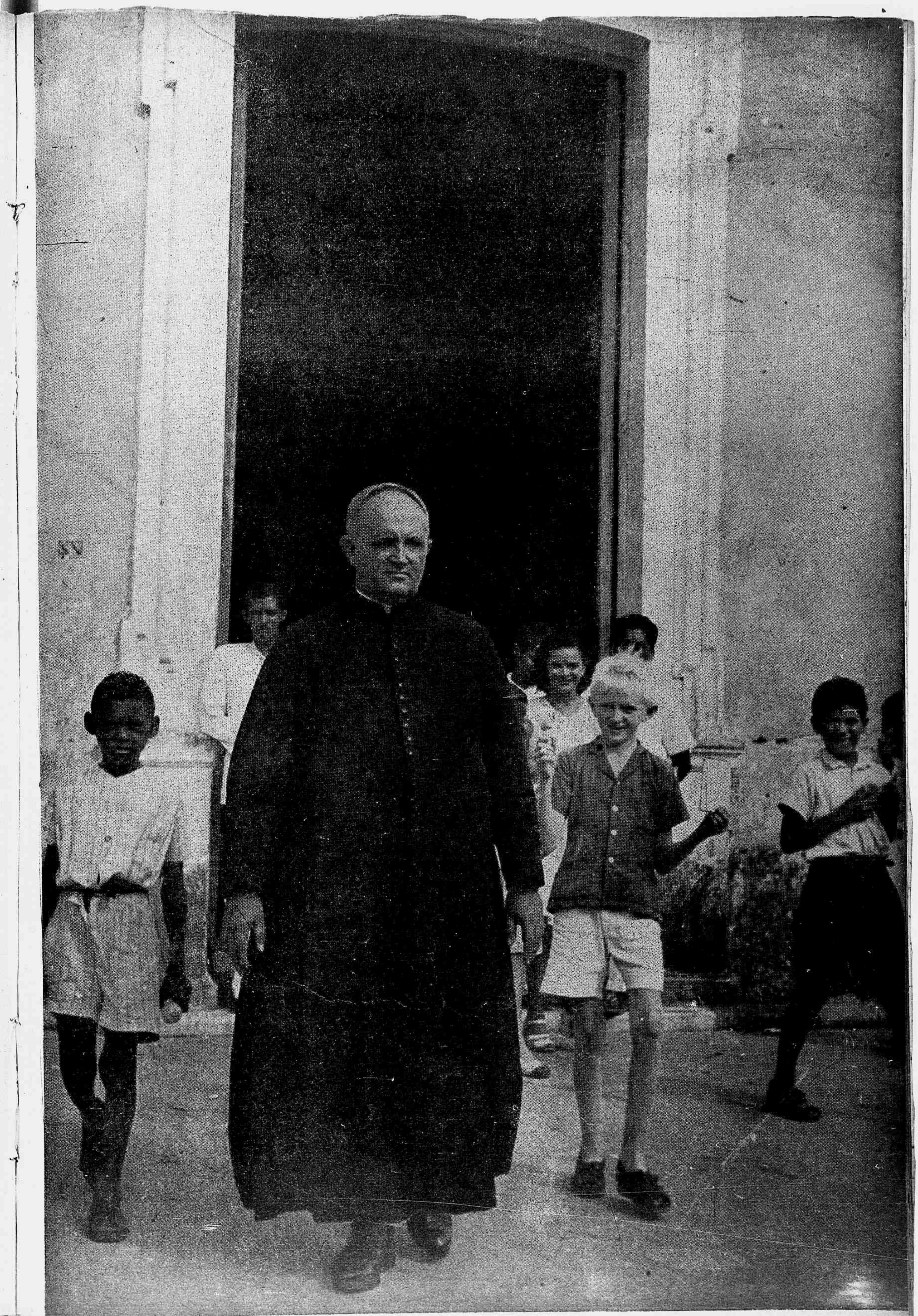
Muita gente recebe a bóia do cônego em marmitas, que ele mesmo manda levar aos casebres miseráveis. Mas não distribui essas marmitas a torto e a direito. Não. O cônego é esperto. O cônego investiga. O cônego não vai na onda. Aqui está sua norma de proceder:

— Mando levar permanentemente a comida, em marmitas, à própria residência dos pobres. Mas só mando comida pronta com justos motivos, ou seja, quando os pensionistas não podem frequentar o refeitório comum, havendo fortes razões para não lhes ser fornecido dinheiro ou gêneros não cozidos. Por exemplo: a inválidos, doentes, ou pessoas em estado de senilidade.

O cônego também tem procurado ajudar os estudantes po-

Em baixo: no Grande Hotel dos Miseráveis há sempre um canto à espera de um infeliz que não tem onde dormir. O cônego não é fiteiro, nem faz política. Ele mesmo diz que, ordenado em 1920, só dez anos depois entrou no Palácio do Governo, para pedir luz e música para sua Igreja. Os humildes, como estes, sabem que seu auxílio é desinteressado e dado em nome de Cristo. Na página à direita: o cônego Coutinho e um grupo de seus pupilos, à porta do Instituto de São José.







Na página ao lado: um dormitório da Casa dos Pobres, o Grande Hotel da Miséria. Dorme-se em rédes. Aqui está a seção feminina, logo depois do toque de silêncio.

bres na Paraíba. E' o Pascoal Carlos Magno daquelas bandas. Arranja matrículas gratuitas e empregos, ao mesmo tempo, para os rapazes que estudam. Só o que ainda não fez foi arranjar um teatro e dar o "Hamlet".

AOS CUIDADOS DO EUSTAQUIO...

O cônego, de resto, não está sozinho. Oitenta por cento dos recursos que ele aplica na Casa do Pobre resulta de esmolas. Há uma pequena parte obtida por aluguéis de prédios pertencentes ao Instituto São José. E uma subvenção, também modesta, do governo do Estado. Além da simpatia pública, o cônego tem alguns colaboradores dedicados. Um deles é o guarda-civil Eustáquio. Não é mais um guarda. E' uma instituição. O cônego dirigiu um apêlo aos juizes de Direito, promotores, prefeitos, vigários e outras pessoas gradas, que saibam de doentes curáveis e de pessoas precisadas de intervenções cirúrgicas, pedindo-lhes que essas pessoas, sendo reconhecidamente pobres e es-

tando à míngua, lhe sejam remetidas. Ele se incumbirá do resto.

Chegando a João Pessoa, não precisam senão desembarcar na estação da Great Western e procurar o guarda-civil Eustáquio... Ele é o Pimpinela Escarlata do cônego. Imediatamente se incumbem de levar a pessoa, da estação, para a Casa do Pobre... O padre tem relações com médicos, com advogados, com magistrados, com toda gente. Ele sabe tudo e resolve tudo, em João Pessoa. E' como o Herbert Moses no Rio. Todos os pobres de João Pessoa dizem:

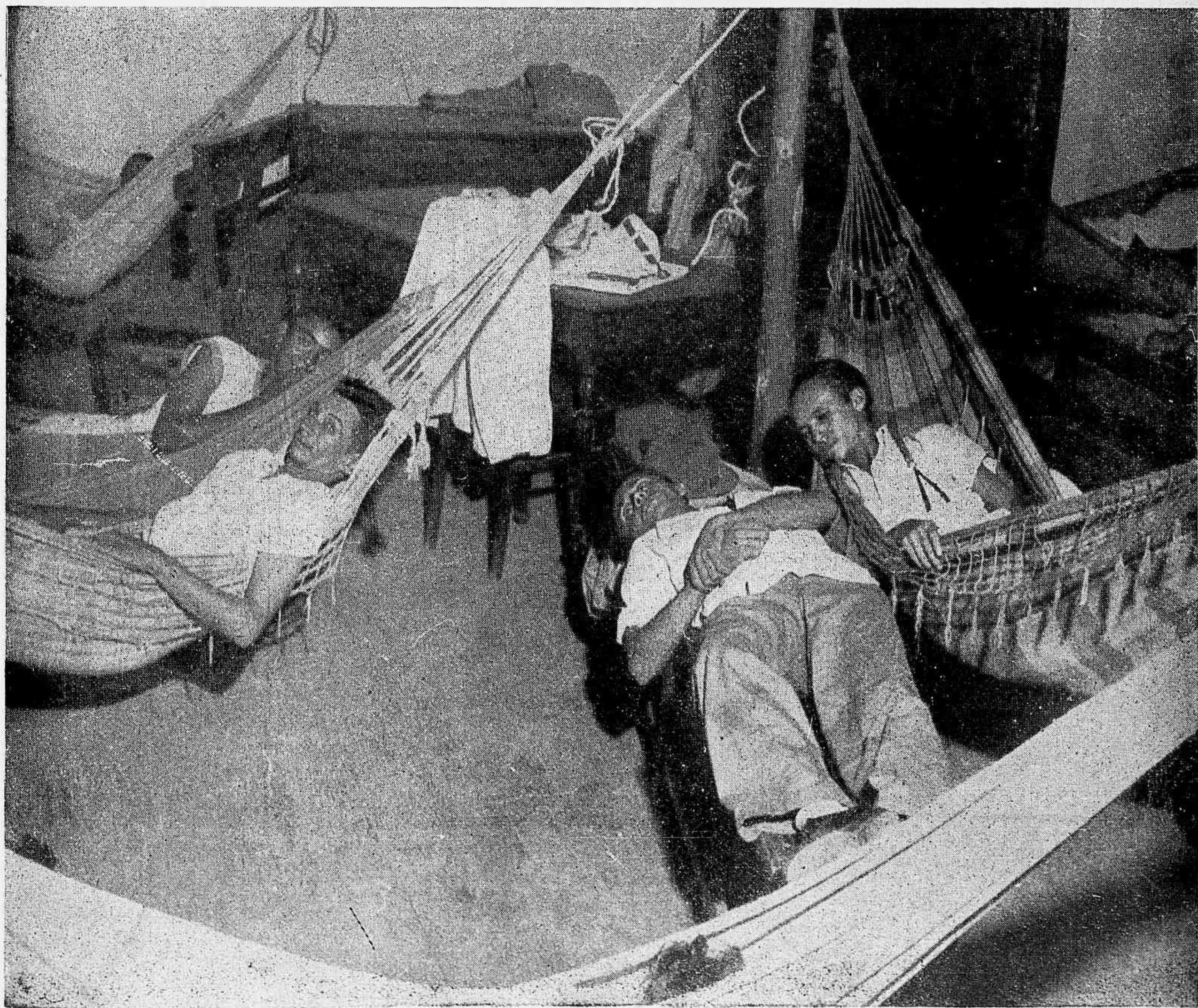
— E' uma santa pessoa! Abençoado homem... Esse já devia ter ido a bispo!

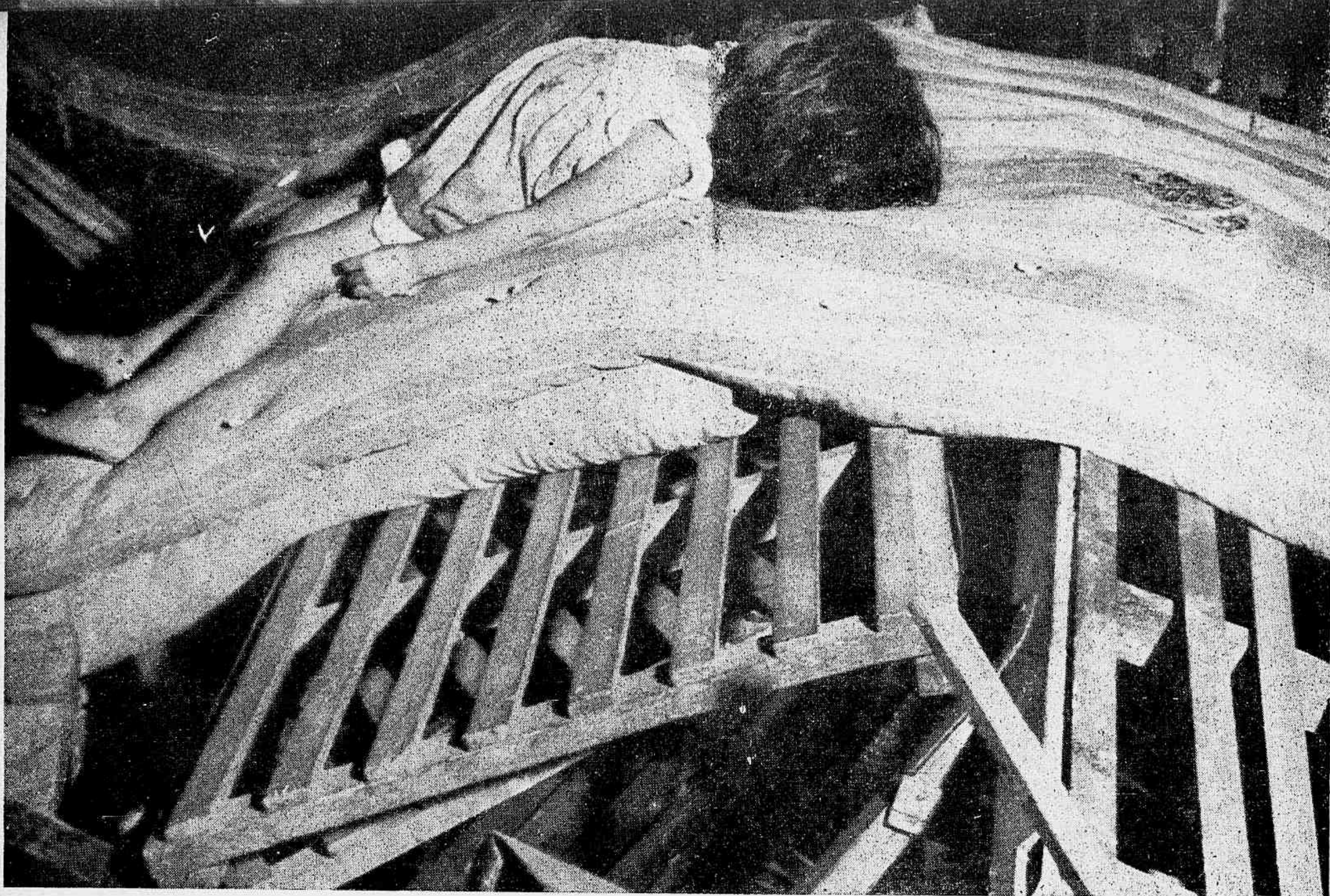
O CÔNEGO E A RERUM NOVARUM

O cônego Coutinho declara que está fazendo apenas o seu dever de sacerdote: procurando cumprir as instruções das famosas encíclicas de Leão XIII, Rerum Novarum, e de Pio XI, Quadragesimo Anno. Trabalha pela união das classes e pelo bom



Em cima, rédes e esteiras de palha de carnaúba servem de abrigo para a gente humilde que vem do interior do Estado, curar mazelas físicas, tratar de questões ou arranjar emprego. Falta espaço, mas todos têm boa vontade. Cabe sempre mais um e ninguém se queixa da promiscuidade. Em baixo: um detalhe do dormitório masculino. De dia, desarmadas as rédes, esta sala serve para as aulas de um curso de alfabetização. O cônego Coutinho não desperdiça espaço.





Criança enferma, descansando sobre um colchão, antes de ser levada a um médico. O cônego Coutinho é o autor deste comovente apelo. "Fazam tudo para que os enfermos venham nos princípios da semana, exceção feita para os casos urgentes, que devem vir a qualquer dia e hora. DOMINGO é o dia ideal para a vinda, porque logo na segunda-feira os recém-chegados entram nas mãos dos especialistas. No interior, sexta e sábado são os dias de maior movimento, até nos consultórios médicos, por causa das feiras semanais. Aqui na capital, porém, como há muita distração e os homens cansam mais depressa, devido talvez ao trabalho excessivo e continuado, do meio da semana em diante é usual se dizer — "deixe para segunda-feira". Quando os mandarem, ensinam procurar Estaquilo, guarda-civil vinte e sete (27) que trabalha na estação da Great Western e nos pontos finais de "sôpas" há muitos anos e que tem longa prática do serviço de CICERONE, para pessoas que nunca vieram a esta capital, sejam doentes ou saídos, analfabetos ou não, por demais ignorantes ou semi-letrados. VINTE E SETE trabalha em cooperação com A CASA DO POBRE, por intermédio de Manoel BOLA, o meu antigo auxiliar encarregado de ir diariamente buscar nas horas de trens e "sôpas" os MATUTOS que ficarem SOBRANDO, como expliquei acima, vindos de todo Estado e zonas limítrofes, em maior ou menor número, na razão inversa das distâncias."

entendimento dos patrões e empregados. Acha que deve haver mais justiça social. Que os patrões devem ser mais humanos, mas os operários devem ser melhor capacitados tecnicamente e mais ativos.

QUER DISCIPLINA E BOM COMPORTAMENTO

O cônego faz questão de ordem e de moral. Ele assim se explica, a este respeito:

— Exigirei sempre dos hóspedes da Casa do Pobre muito bom comportamento. Que observem rigorosamente os horários da casa, a não ser que estejam fora

a serviço; suas normas disciplinares, principalmente nas relações com pessoas de outro sexo; que respeitem os empregados, não com exageros, para serem também por eles respeitados. Recomendar-lhes-ei constantemente que, de acordo com as praxes usuais entre os civilizados, tomem banho, façam a barba, cortem o cabelo e as unhas, troquem de roupa, não cusquem nem joguem pontas de cigarros no chão, não contem histórias de uns a outros, sejam sérios e corretos em tudo e em toda parte. Dar-lhes-ei trabalho, de acordo com o seu estado de saúde e exigirei que as tarefas sejam bem acabadas, no tempo

prefixado, salvo motivo de força maior. Não admito mangação aqui dentro. Se algum empregado ridicularizar algum dos hóspedes, quero ser avisado imediatamente. Quem souber de qualquer coisa grave deve me comunicar igualmente. Será meu inimigo e do Instituto, se não o fizer. Não quero, porém, ser informado de pequenos fuxiquinhos, sem importância, que em toda parte aparecem. Todos aqui no Instituto S. José são meus: professores, alunos, empregados e também os pobres. Não admito que ninguém mexa com qualquer deles.

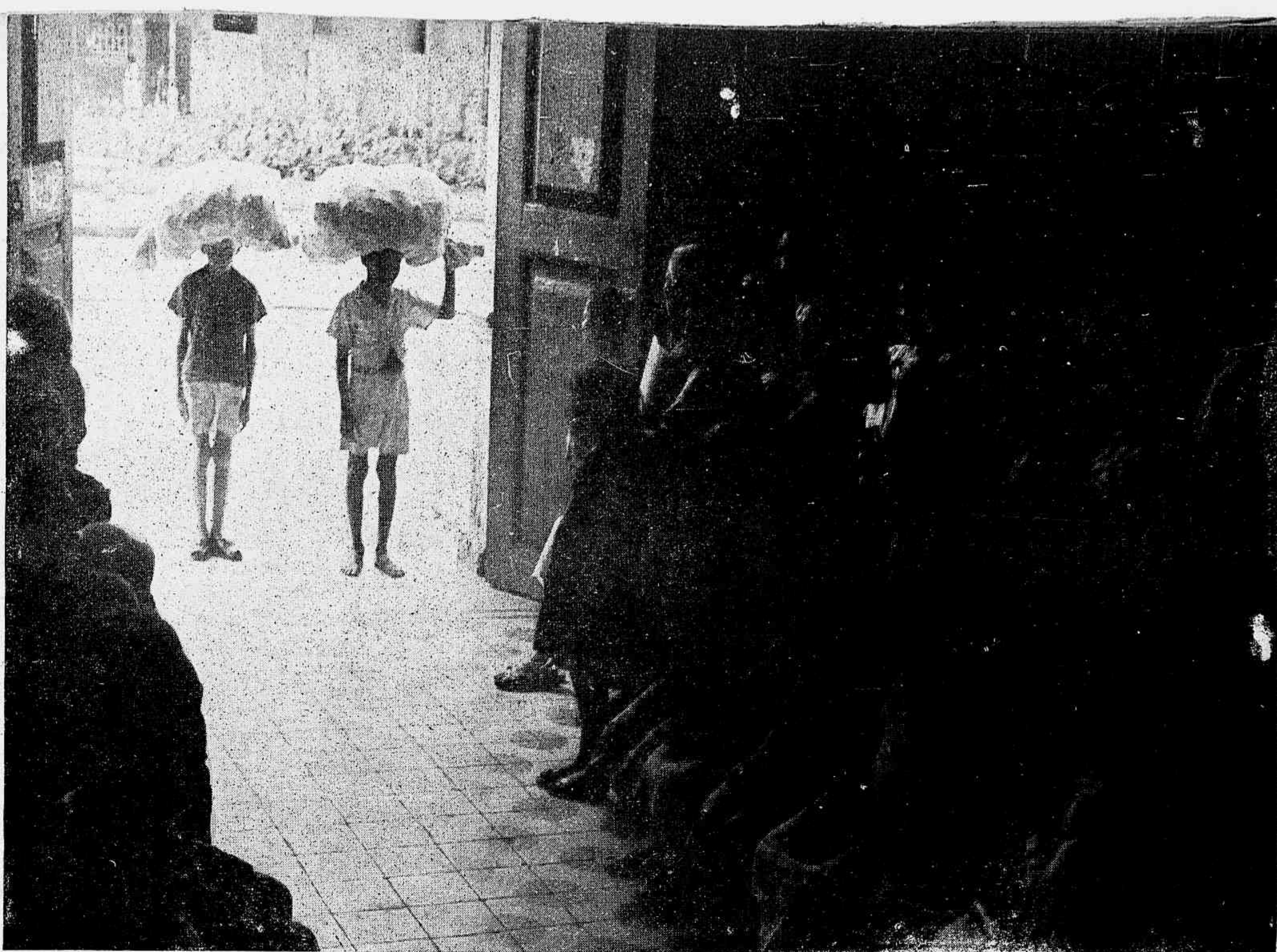
O ENSINO NO INSTITUTO SÃO JOSÉ

A par disso, há uma obra de educador, bastante expressiva, que vem sendo realizada pelo cônego Coutinho. Aqui está o programa de ensino do Instituto São José:

Cursos Comercial, Profissional e Doméstico, sendo os dois primeiros para ambos os sexos, localizados provisoriamente na Ordem 3ª do Carmo, praça D. Adauto, s/n, e na rua Visconde Pelotas, 39, compreendendo as seguintes cadeiras: Alfaiataria, Marcenaria com banco manual, Barbearia, Sapataria, Engraxate, Consertos de Relógios e de Má-

Em baixo: à esquerda, tipos de pessoas vindas do interior à procura do amparo do cônego Coutinho; à direita: aspecto de uma aula de dactilografia, na sacristia de um antigo templo, vendo-se ao fundo a leusa de uma catacumba.





O pão não falta, mas faltam a água e a luz. As crianças do Instituto vão buscar o pão, fazendo um percurso de quatrocentos metros com os sacos na cabeça. Há sempre gente à espera, aguardando a distribuição do pão e do café, a refeição matinal do Grande Hotel da Miséria.

quinas de Escrever e Costura, Lavado e Engomado, Plissados, Flôres em variadas modalidades, Bordados a Mão e a Máquina, Trabalhos de Lã, Tricot Circular, Labirinto, Filet, Crochet, Chapéus de Senhora, Rudimentos de Música, Piano, Violino e Bando-lim, Pintura Artística, Topografia e Arquitetônica, Arte Culinária, Corte, Costura, Enfermagem, Dactilografia, Taquigrafia, Português, Inglês, Aritmética, e Contabilidade, além de quarenta e duas aulas primárias, quase todas sediadas nos arrabaldes proletários.

E' difícil descrever tudo o que o cônego tem feito e continua a fazer. Não haveria papel que chegasse. Mas não será preciso ir mais longe. As fotografias destas páginas são muito expressivas. Elas dizem muito bem o

que é o Grande Hotel da Miséria, em João Pessoa, e o que é a grande obra social desse sacerdote infatigável.

COMO SURTIU O INSTITUTO SÃO JOSÉ

O cônego nos conta como surgiu o Instituto São José:

— A 19 de março de 1935, em conversa com uma senhora católica, d. Maria Isabel Ramos, — de quem enquanto viveu nunca me faltou auxílio moral e material, disse-lhe que, se tivesse um local, levaria a efeito uma obra destas. Ela me sugeriu que conseguisse da Ordem Terceira do Carmo a igreja, em que poderia ser iniciada uma obra pia. Aqui os alunos que podem contribuem com cinco cruzeiros por

mês. E os que não podem, recebem auxílios em mantimentos e dinheiro. Os ordenados dos meus auxiliares são modestos: de 150 a 200 cruzeiros mensais. Quem tem pouco, não pode pagar muito. Mas todos gostam de ajudar.

— Só católicos são recebidos na instituição?

— Em absoluto. Quer ver? venha cá, dona Rita Alves de Oliveira...

Adiantou-se uma mocinha, que estava aprendendo bordado.

— A senhora não é protestante?

— Sim, sou...

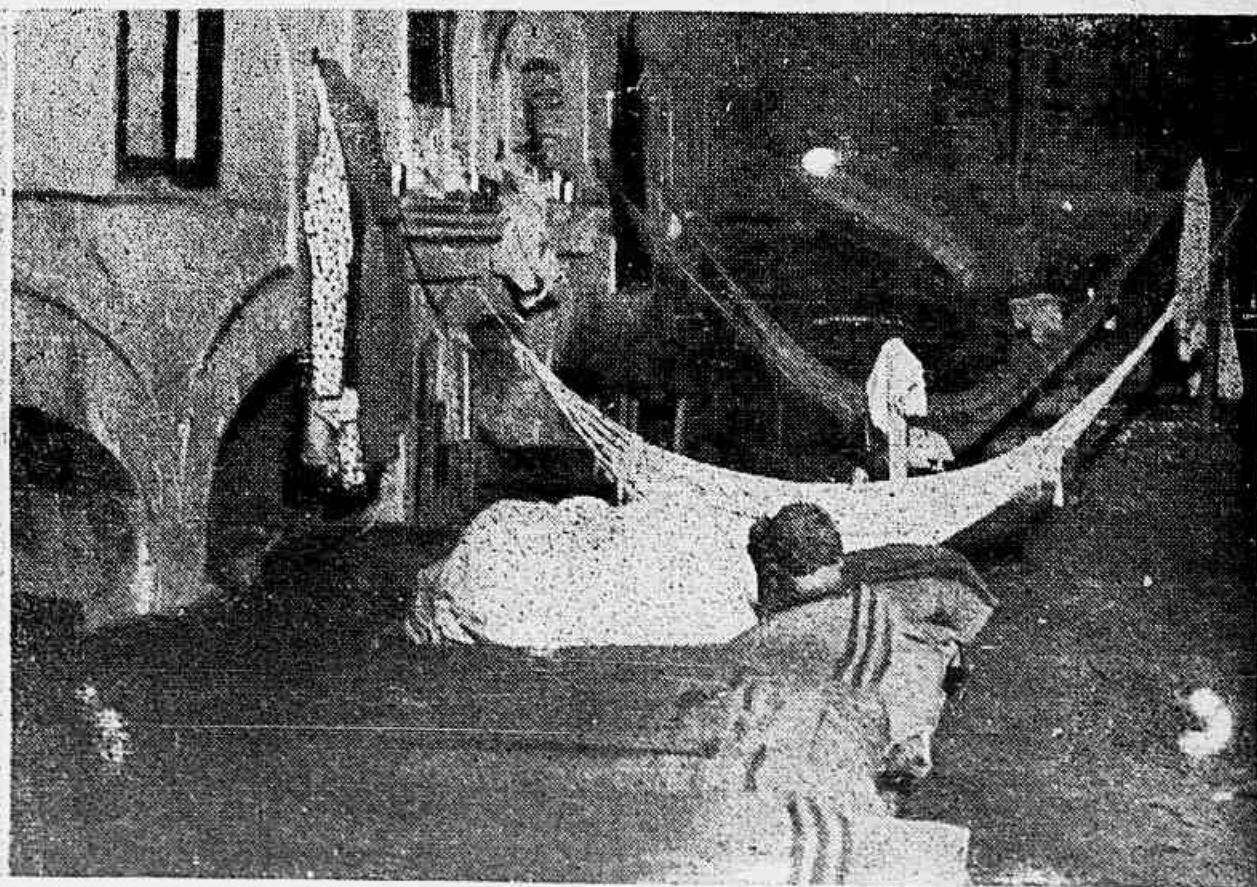
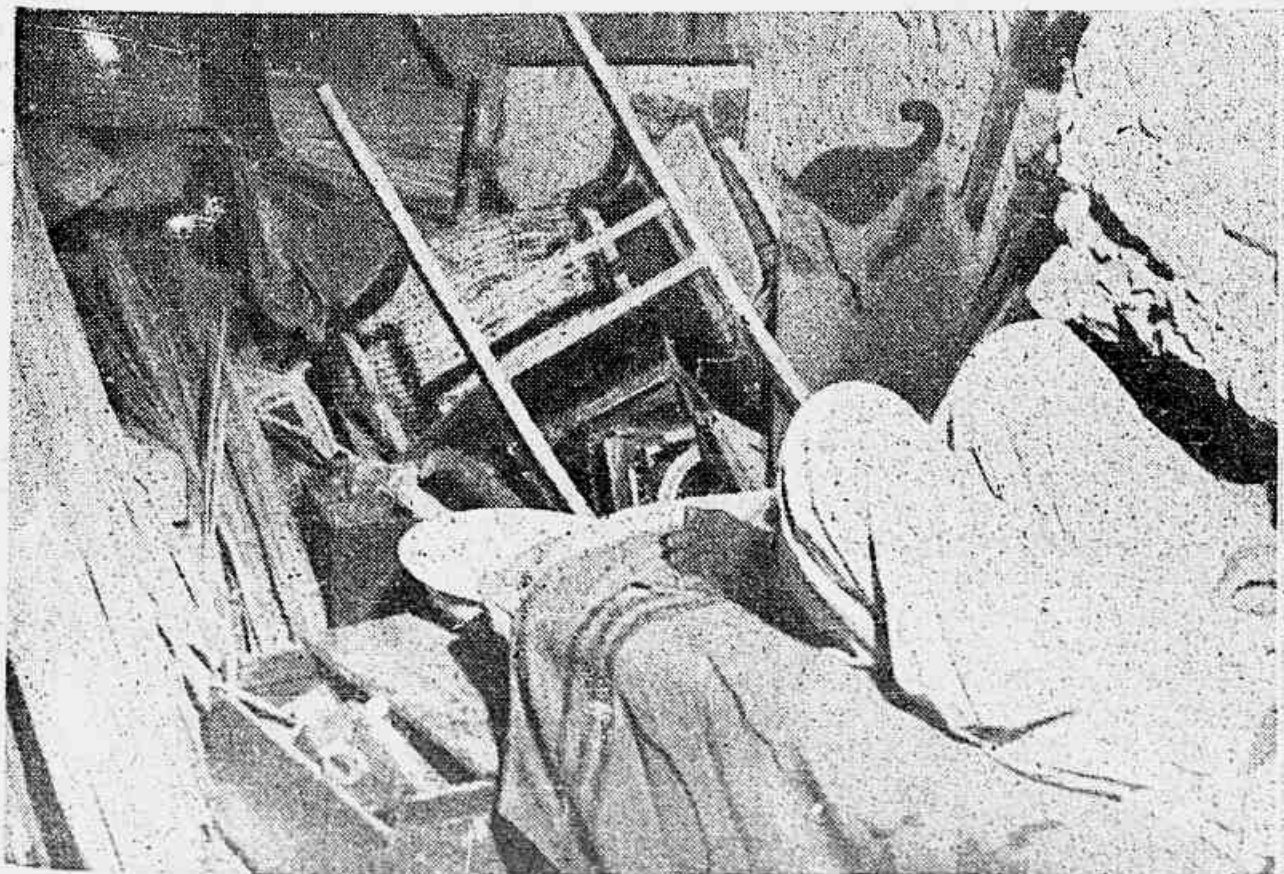
E citou o nome de outras colegas, que também eram.

— Aqui é assim, — disse o cônego. — Procuramos fazer caridade, sem violentar a consciência de ninguém. Mas é claro que

ficamos contentes quando os beneficiados se revelam bons católicos, espontaneamente. Nada de toma lá, dá cá... Seria muito feio. Muito feio, mesmo...

Particularidade interessante: o Estado da Paraíba concorre com 6.000 cruzeiros. Metade dessa quantia, — 3.000, — é arrecadada entre as alunas e alunos que contribuem com Cr\$ 5,00. E Cr\$ 16.000,00 é a média da renda das esmolas arrecadadas. O resto vem do aluguel de imóveis pertencentes ao Instituto, que, embora tendo apenas 13 anos de vida, já tem um bom patrimônio formado. No momento em que realizamos esta reportagem havia nada menos de 114 pessoas indigentes hospedadas na Casa do Pobre e nada menos de 3.267 alunos e alunas em seus diversos cursos.

Em baixo: à esquerda — são tantos os pobres abrigados, que até nos quartos dos cacarécos, das casas inúteis, são improvisados leitos; à direita: um dormitório, no edifício da Ordem 3.^a do Carmo, onde funciona o Instituto São José.



SUSPEITAMOS que até hoje Mark Twain não mereceu integralmente a atenção que lhe é devida. Sua obra tem sido coroada com todas as honras, menos uma — ser compreendida como convém. Temos deixado a sua reputação repousar sobre o que há de inferior na sua obra. Admiramo-lo como o maior humorista norte-americano e desconhecemos nele um dos mais profundos filósofos da América. Rindo das suas facécias, esquecemo-nos da sátira que se esconde em muitas delas. Concentrando nossa atenção sobre seu gorro e seus guizos, não vimos o profeta disfarçado no truão.

Não há dúvida que Mark Twain foi um humorista. Mas os humoristas do seu tipo são homens que têm no rosto estampado o riso e no coração o travo. Eles riem, como disse aquele outro humorista cheio de pessimismo que se chamou Voltaire, para não se enforcarem. Tendo penetrado profundamente no cerne das coisas, sentem-se esmagados ante a deplorável estupidez da «desgraçada raça humana». Por isso afixam a máscara da comédia como meio de ocultar as lágrimas que estão por trás dela.

Os que mais sofreram são os que melhor aprenderam a rir. Os humoristas, os satíricos, os cínicos... estes diabretes da literatura são os derrotados rebeldes da vida. Torcem o nariz para o destino porque compreendem, na sua impotência, que outra coisa não podem fazer.

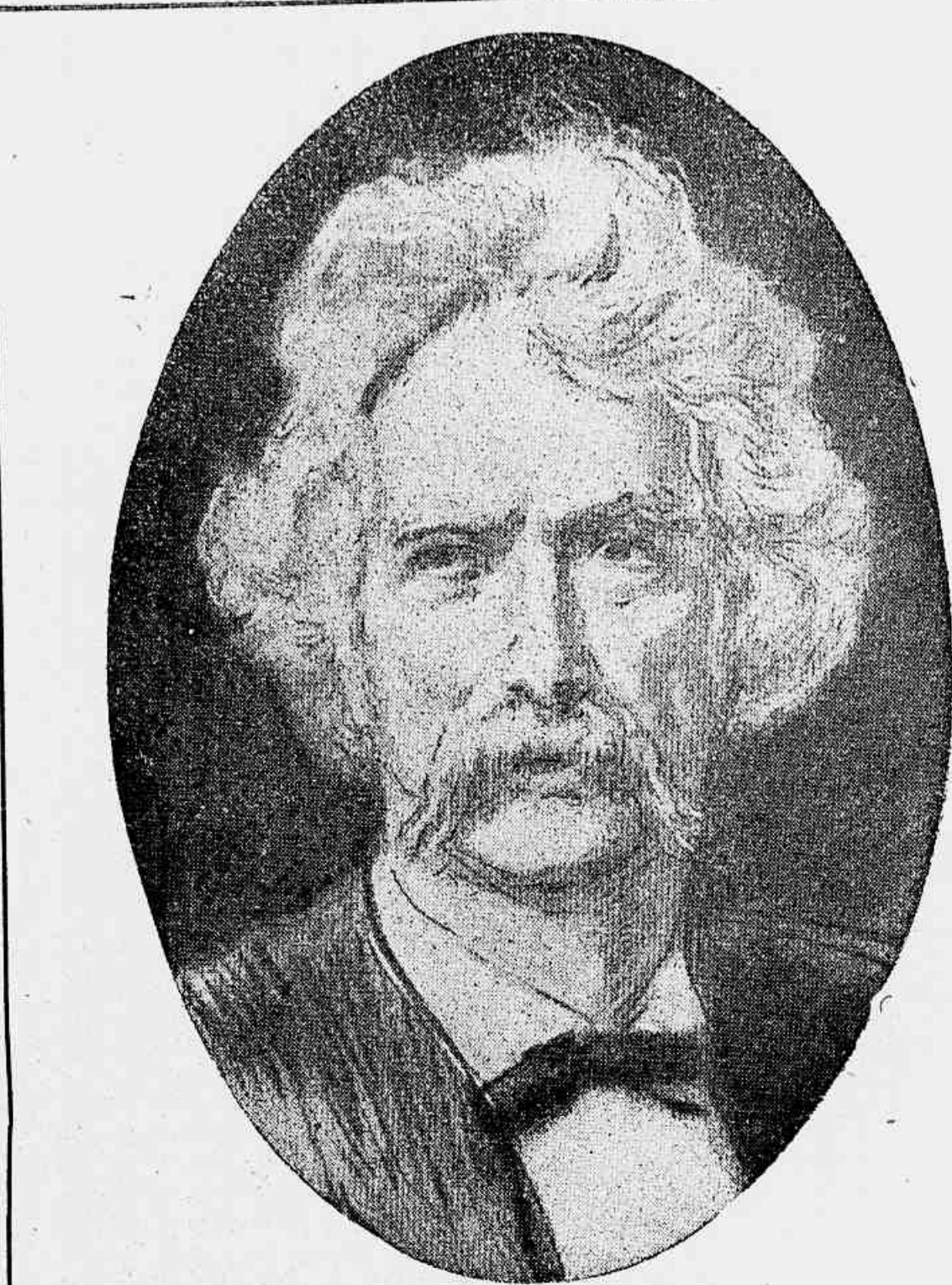
Mark Twain foi um destes rebeldes derrotados. Acreditava que todo o esforço humano é uma farsa sem objetivo, «uma história contada por um imbecil, bulhento e furioso, a qual nada significa». Tentamos alcançar o arco-íris e nos afogamos na sarjeta. Queremos agarrar a lua e nossos ossos se quebram. É um espetáculo próprio para divertir os deuses a nossa persistente aspiração apesar da nossa persistente derrota. Mas nós também — acreditava Mark Twain — podemos divertir-nos se mitigarmos as dores da nossa derrota com o remédio anódino do nosso riso. Podemos desprender-nos suficientemente do nosso sofrimento para gozar-lhe o próprio espetáculo. «Aprende a agonizar como um ator no drama da vida, mas aprende também, como um espectador, a sorrir da vossa própria agoniza».

II

Samuel Clemens foi um produto do seu tempo e do seu ambiente. Filho da fronteira, enfrentou a vida como a enfrentaram todos os pioneiros — com um áspeto senso de humor. Este tipo de humor, escreve seu biógrafo Albert Bigelow Paine, «proveio de uma condição determinada — a batalha com a fronteira. A luta era tão desesperada que levá-la a sério era render-se. As mulheres riam para não chorar e os homens riam quando já não podiam praguejar. O resultado disso foi o humor do oeste. É o humor mais fresco, mais desabrido do mundo. Mas ele oculta muita tragédia».

Ainda criança Samuel Clemens travou conhecimento com muitas das tragédias da vida. Criado numa aldeia do meio oeste de brancos pobres, viu escravos chicoteados e homens baleados no meio da rua. Seus pais não paravam nunca num lugar, levando uma vida penosa e sem perspectivas. Sempre em movimento e sempre no rumo do oeste, viajando do litoral para Kentucky, daí para o Tennessee e deste Estado para o de Missouri. Foi em Missouri que nasceu Samuel, a 30 de novembro de 1835.

Seu pai, um pária rabugento e desanimado, quase nunca brincava com os filhos ou lhes demonstrava afeição. Morreu no inverno de 1847. E Samuel, um pirralho de 11 anos, indisciplinado, maltrapilho, pouco desenvolvido para a sua idade, doentio e neurótico, ficou à mercê do mundo impiedoso e vil. Tiraram-no da escola e puseram-no a trabalhar como aprendiz de tipógrafo. Dele nos deixou seu pai o seguinte retrato: rapazelho com uma cabeçorra, uma cara toda suja de tinta e uma decidida vocação para a preguiça. Reuniu-se aos vagabundos da aldeia e familiarizou-se com todos os aspectos da degradação e da dor humana. Com pouco mais de treze anos presenciou a morte de um irmão e de uma irmã. Aos vinte e três anos viu seu ca-



MARK TWAIN (Samuel L. Clemens)

A VIDA DE MARK TWAIN

(SAMUEL LANGHORNE CLEMENS — 1835-1910)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

belo encanecer quando um outro irmão morreu queimado na explosão de um navio no Mississippi. Aos trinta anos tão desgostoso andava da vida que «levou à altura da cabeça uma pistola carregada, mas viu que lhe faltava coragem para puxar o gatilho». Resolveu continuar a viver, traduzindo sua tristeza em riso. No entanto, sua vida posterior, embora cumulara de honrarias, pouco ensinou-lhe para a jovialidade. Seu primeiro filho morreu pouco depois de ter vindo ao mundo. O segundo sucumbiu a um ataque de pneumonia, devido à negligência e distração do próprio Mark Twain. Ele estivera passeando de carro com o filho num dia de neve e, absorvido em seus sonhos, esquecera-se de agasalhar suficientemente a criança. Outro filho seu a custo escapou da morte quando Mark Twain, inadvertidamente soltou no alto de uma escarpada colina o carrinho de bebê. «Esse serviço nunca me devia ter sido confiado», lamentava-se ele quando a criança, com a cabecinha toda ensanguentada, foi retirada de entre as pedras no sopé da colina. «Eu era a pessoa menos indicada para assumir tais responsabilidades. Deviam ter mandado alguém que tivesse ao menos alguma noção de juízo. Como era fatal, eu estava inteiramente enfrenhado nas minhas distrações». Vários anos mais tarde, quando regressava de uma triunfante excursão pelo mundo fazendo conferências, soube que Susy, a mais talentosa de suas filhas, morrera durante sua ausência. Senão quando, sobrevém-lhe a mais dolorosa das tragédias. A 23 de dezembro de 1909, sua filha Jean trabalhara o dia todo nos preparativos para a festa do Natal. A árvore estava armada, os presentes bem embrulhados e com os respectivos endereços, tudo pronto para o grande dia. A noite, como de costume, Jean despediu-se do pai com um beijo e foi deitar-se. Na ma-

nhã seguinte vieram dizer-lhe que ela estava morta. Sofrera um ataque epilético enquanto tomava banho.

Poucos homens foram mais famosos do que Mark Twain. E poucos foram mais desgraçados. Ele sabia rir espalhafatosamente. Mas havia tragédia no seu riso.

III

Mark Twain foi um verdadeiro filho da fronteira — a fronteira entre a esperança e a desilusão humana. Para onde quer que viajasse como piloto no Mississippi, como minerador em Nevada, como repórter em São Francisco — tornava-se «pessoal e familiarmente relacionado» com as lutas, as repulsas e as renovadas lutas de seus «irmãos humanos condenados como ele». Em toda parte ele se saturava da vida e do humor da fronteira. Era uma vida ruidosa e um humor exuberante. Os pioneiros viviam na fronteira entre a realidade amarga e a fantasia extravagante. Suas histórias, criadas na miragem do deserto, eram brutais e vivas, contos alegres de heróis gigantes e de aventuras sobre-humanas. Histórias de lendários Sansões norte-americanos como Paul Bunyan, cujo suor, enquanto ele trabalhava na montanha, escorreu para o vale e formou o Great Salt Lake (Grande Lago Salgado). Sagas de Munchausens norte-americanos como Jim Bridges, que se perdeu na Floresta Petrificada e que foi transformado em pedra em pleno ar enquanto saltava um «canyon», porquanto naquela floresta a própria lei da gravidade se tinha petrificado. Fantásticas histórias sobre um gafanhoto de cujo traseiro fora retirado um enorme bife para ser servido a todos os fregueses de um restaurante; sobre um nabo cujas raízes tinham penetrado tão profundamente na terra, que quando se tentava arrancá-lo, recebia-se no rosto o jacto

de um poço artesiano e era-se atirado aos ares; sobre uma agulha que, acidentalmente, uma menininha espetara no pé e que, duas gerações mais tarde, saíra pela cabeça de uma nota da refeida criança. E as histórias que os homens da fronteira preferiam a todas as outras: absurdas farsas sobre os novos ricos norte-americanos. Um desses milionários, proprietário de uma mina de prata em Nevada, dormia no catre superior de uma estalagem. No catre inferior — assim dizia a história — dormia um trabalhador comum. Na manhã seguinte o trabalhador acordou sentindo dores lancinantes em todo o corpo. Não havia remédio que o livrasse de suas torturas, até que se submeteu a um banho russo... e, com o suor, eliminou pelos poros uma pilha de prata em pó cujo valor atingia \$417,92, que ele absorvera de seu vizinho milionário durante a noite.

Tais eram as histórias populares que deliciavam os pioneiros em meados do século XIX. Formaram elas grande parte do material literário usado por Mark Twain, no início de sua carreira literária.

Mas, acrescentada ao riso de uma gente turbulenta e transbordante de vida, ia a tristeza de uma personalidade delicada lutando com a morte. Mark Twain era um pessimista. «Um homem», dizia ele, «que não se torna pessimista conhece muito pouco do mundo». O humorista conhecia sobejamente o mundo e tinha para si que ele não é outra coisa senão um «futebol dos deuses». O maior presente que a vida nos pode dar, dizia ele, é a morte. «Nunca invejei verdadeiramente a ninguém, a não ser aos mortos. Dêstes sempre tive inveja». Na sua primeira explosão de mágoa depois que Jean se afogara, ele expressou sua convicção de que, ainda que o pudesse, não a faria voltar à vida. «Perdendo-a, sou quase um falido e minha vida não é mais que amargor, mas estou contente, porque ela foi enriquecida do mais precioso dos dons — aquele que torna mesquinhos e pobres todos os demais dons: a morte. Desde que cheguei à idade viril, jamais desejei que um amigo meu, liberto da vida, voltasse a ela».

Como o velho filósofo grego, Sólon, Mark Twain acreditava que nenhum homem devia ser considerado feliz senão depois de morto. Esse epitome da humana sabedoria, oriundo do sofrimento humano, encontra incessante ressonância nas obras de Mark Twain. «Quem quer que tenha vivido o suficiente para saber o que é a vida», escreve ele em «Pudd'nhead Wilson», «sabe que imensa gratidão devemos a Adão, o primeiro grande benfeitor da nossa raça. Ele introduziu a morte no mundo». E novamente: «Todos dizem; — Que coisa terrível é termos de morrer! — Estranha queixa essa que sai da boca daqueles que tiveram de viver». Em «The Mysterious Stranger» o diabo faz o seguinte comentário sobre a felicidade humana: «Nenhum homem sensato pode ser feliz, pois para ele a vida é real e ele vê que coisa terrível é a vida. Somente os loucos podem ser felizes»...

Nada disto era mera afetação da parte de Mark Twain. Suas palavras sobre a vida e a morte traziam um cunho de sinceridade. Eram fruto de sua própria experiência. Dera por bem velho — e à sua custa o sabia — o velho conselho de Horácio aos poetas: Nenhum escritor será capaz de fazer alguém chorar se ele próprio não chorou. «As palavras», comenta o ianque de Connecticut, «não passam de palavras para todo aquele que não tenha sofrido em si o que elas tentam descrever». Mark Twain, como aquele outro grande e pouco apreciado pensador do século XIX, Walt Whitman, sabia o que dizia quando saudava a «Morte, bendita Morte», como o amável médico que nos liberta da mais terrível de todas as enfermidades — a vida.

IV

Em toda grande ironia há um pouco de piedade. A ironia de Mark Twain provinha de sua piedade... e de seu desprezo. Ele sentia pena dos fracos e indefesos e sentia desprezo pelos fortes e cruéis. Anatole France nos diz que toda a história da espécie humana pode ser sintetizada em poucas palavras: os homens nascem, sofrem e morrem. Mark Twain teria emendado assim estas palavras: os homens nascem, uns fazem sofrer os outros e morrem. Embora

amasse os seres humanos como indivíduos perseguidos, desprezava-os como uma alcatéia de lobos perseguidores. Quando jovem, jornalista de grande descortino e manejando uma pena cáustica, foi obrigado a fugir de San Francisco por causa das críticas que fazia às negociações e à politicagem da cidade. Foi para o Leste, onde sua visão se tornou ainda mais penetrante e sua pena ainda mais cáustica. O Leste, e especialmente a Nova Inglaterra, tinha «uma preferência instintiva» — para citar a frase muito apropriada de Mr. Bernard de Voto — «pela segunda categoria». A «gente boa» não foi capaz de compreender aquele anarquista de cabelos vermelhos, vindo do Oeste. Porém, o anarquista de cabelos vermelhos compreendeu a «gente boa» e não a achou, quer em Hartford, em Boston, em Cambridge ou em qualquer outra parte tão boa assim. Tomado em conjunto, ele considerava o gênero humano (no qual incluía imparcialmente a si mesmo) a categoria mais baixa da espécie animal. Quando lhe perguntaram se ousava comparar um homem a um rato, respondeu com toda a seriedade: «Não... Seria fazer uma injustiça ao rato». A diferença principal entre um homem e um cão, observou ele em «Pudd'nhead Wilson», é a seguinte: Se acolheres um cão faminto e o fizeres próspero ele não te morderá». Esta idéia o preocupou durante grande parte de sua vida. Poucos dias antes de sua morte ele escreveu com aquele seu humor tão cáustico: «Quando chegares à porta do céu, deixa teu cão do lado de fora. O céu rege-se pelo favor. Se se regesse pelo mérito, ficarias do lado de fora e teu cão é que entraria».

O homem é um animal, disse Mark Twain, mas não é um irracional. Ainda não atingiu o nível moral do bruto. Este mata levado pela fome. O homem mata levado pelo despeito. Em «The Mysterious Stranger» o diabo mostra a um menino um herege torturado pelos seus verdugos. O menino, horrorizado, observa ao diabo que aquilo é uma coisa brutal. «Não», respondeu-lhe o demônio, «é uma coisa humana».

Nenhum animal que se respeite, observou Mark Twain, viveria com os homens, se lhe fosse dado escolher. Em «A Horse's Tale» dois cavalos filósofos, Sage-Brush e Mongrel, discutem o proceder dos deuses e as tricas dos homens:

Sage-Brush: — No meu tempo vi muitos seres humanos. São criados assim e não lhes resta outra alternativa. Só são brutais porque assim foram feitos; os brutos seriam brutais se assim fossem criados.

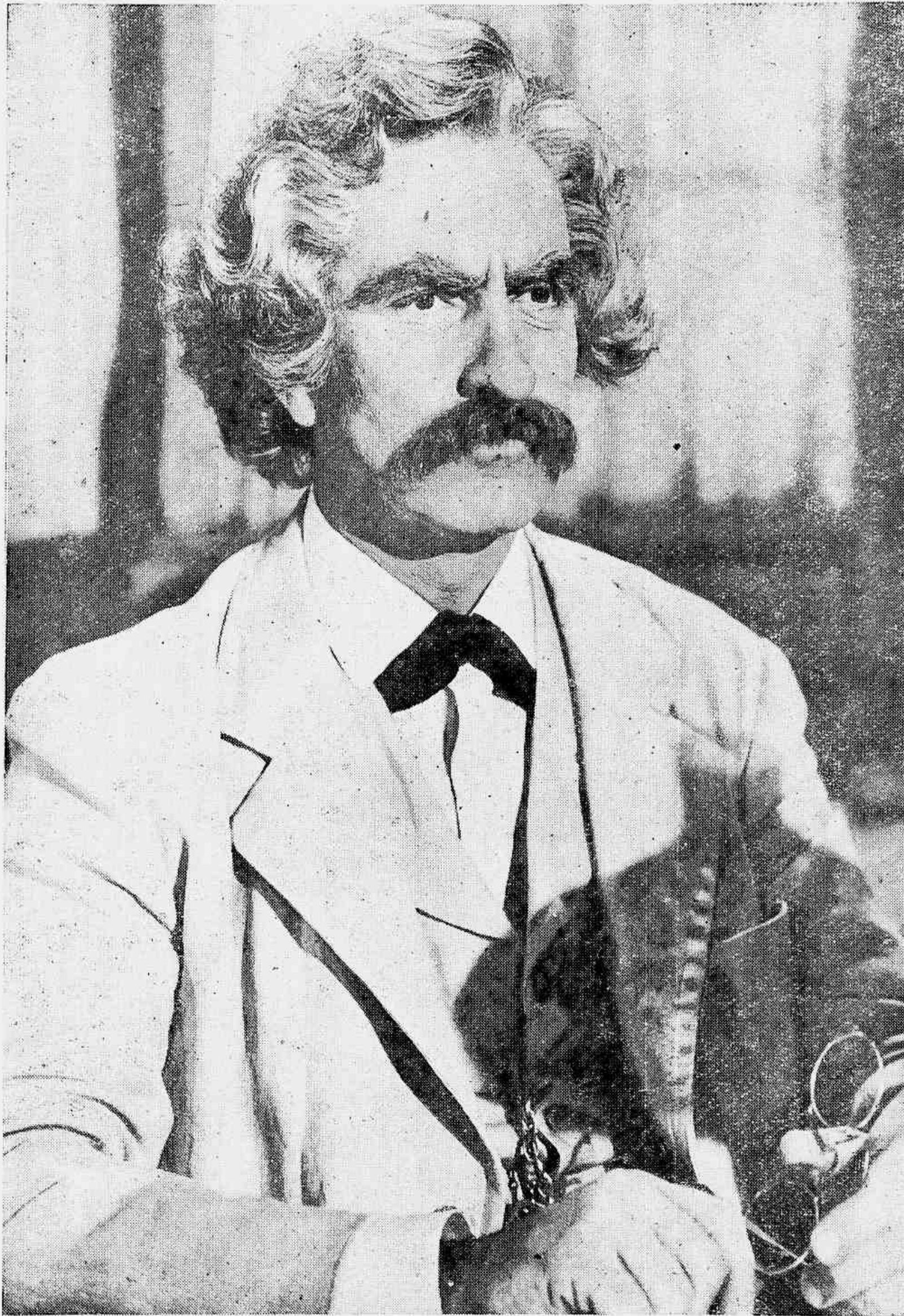
Mongrel: — Para mim, Sage-Brush, o homem é bem estranho, é um enigma. Por que haveria ele de tratar com tanta crueldade os animais mudos?... (Uma pausa reflexiva que dura alguns momentos. Depois:) Quando morrerem, Sage-Brush, iremos para o céu morar com os homens?

Sage-Brush: Meu pai achava que não. Ele achava que não teremos de morar com o homem no céu, a não ser que o mereçamos.

V

A acusação de Mark Twain contra a espécie humana não é abstrata. Repetidas vezes, mesmo em seus livros de pura galhofa, ele cita exemplos concretos da desumanidade do homem para com o

homem. Detém-se para zurrir tudo que cheira a opressão, corrupção, exploração, suborno, ambição, hipocrisia, corrupção e ódio. Esforça-se por afogar a injustiça num dilúvio de escárnio. Apaga o folheado superficial da «Gilded Age» (Idade dourada) e desmascara a grosseira fealdade dos políticos e aproveitadores que medram com a desgraça alheia. Arranca os ornatos vistosos dos ditadores e imperadores e prova serem apenas «coisas artificialidades». O ianque de Connecticut e o rei Artur, viajando disfarçados, são tomados por dois labregos e vendidos em leilão. O ianque de Connecticut alcança o preço de nove dólares, mas em referência ao rei o lance não vai além de sete dólares.



O ator Fredric March, em magistral caracterização, como Mark Twain, no filme biográfico da Warner Brothers.

Os reis, observa Mark Twain, são um luxo perigoso. Se é preciso que o mundo tenha de adorar algo, então que entronize uma família real de gatos. «Em regra geral, o caráter desses gatos estaria muito acima do da média dos reis... E' de notar-se que os gatos não enforcam ninguém, não decapitam, não prendem ninguém, não praticam crueldades ou injustiças de nenhuma espécie e, portanto, merecem reverência e amor mais profundo que os monarcas humanos... Os olhos do mundo atormentado em breve se concentrariam nesse sistema humano e brando e começariam a desaparecer os magarefes reais».

A ojetiza de Mark Twain não era com

os governantes pacíficos, mas só com os magarefes reais. Estes filhos mal comportados e ditatoriais da família humana, descontentes com o pedaço de terra que lhes coube em sorte, reclamam contra o seu quinhão e querem mais e sempre mais. Mark Twain detestava o espírito de agressividade militar mais que tudo no mundo. Quando jovem presenciara tanto alvoroço que ficara curado para o resto da vida. Quando um valentão quiser brigar contigo, aconselhou ele certa vez, tira, bem devagar e com deliberação, o teu casaco e crava os teus olhos nos dele. Depois, ainda devagar e com deliberação, despe o colete. Em seguida, arregança as mangas e não despregue os teus olhos dos dele. Se, a esta altura,

assassínios e massacres... Depois foram as guerras assírias... Vieram em seguida as guerras egípcias, as gregas, as romanas, empapando-se horivelmente de sangue a terra... E sempre tivemos guerras e mais guerras, em toda a Europa, em todo o mundo. As vezes no interesse particular de famílias reais, outras vezes para esmagar uma nação fraca; mas nunca uma guerra foi desencadeada por um agressor com um propósito honesto: esse tipo de guerra não existe na história da raça humana».

Mas o libelo mais arrasador contra a brutalidade da agressão que já foi escrito por Mark Twain ou por qualquer escritor norte-americano, é a sua irônica «Soldier's Prayer» (Prece do soldado). Esta prece «imaginária» é na realidade um quadro concreto da mentalidade napoleônica. (Se Mark Twain fosse vivo hoje, chamar-lhe-ia mentalidade hitleriana.) Ei-la:

«Senhor nosso Deus, ajudai-nos a reduzir com as nossas granadas os soldados deles a trapos sangrentos; ajudai-nos a cobri-los os campos ridentes com as pálidas formas de seus patriotas mortos; ajudai-nos a abafar o troar dos canhões com os gritos dos seus feridos, torcendo-se de dor; ajudai-nos a devastar-lhe os lares com um furacão de fogo; a partir o coração de suas inofensivas viúvas com uma mágoa inútil; a deixá-las sem abrigo e sem amigos a vagar com seus filhinhos pela imensidão de uma terra talada, maltrapilhas, famintas, sedentas, com o sol estival a dardejar-lhes sua chama e os gelos invernais a transir-lhes os ossos, sem alento, exaustas de trabalho, implorando-vos o refúgio do túmulo que lhes é negado. Em atenção a nós que vos adoramos, Senhor, crestai-lhes as esperanças, estiolai-lhes as vidas, prolongai sua extenuante peregrinação, tornai pesados os seus passos, regai o seu caminho com lágrimas, tingi a branca neve com o sangue dos seus pés feridos! Atendei nossos rogos, ó Senhor, e vosso será o luto e a glória agora e por todo o sempre. Amém.»

VI

Mark Twain odiava o ódio. As vezes esse seu sentimento íntimo crescia com tal intensidade que, como o asseverou o próprio escritor, «sou obrigado a omar da pena e pôr no papel os meus pensamentos para evitar que eles peguem fogo dentro de mim». Quando estava realmente inspirado, Mark Twain podia pedir meças aos profetas. Contudo, como ele próprio o confessou, nem sempre deu ao mundo o que tinha de melhor. Gostava demasiado do luxo, e tinha demasiada fome de nomeada para ir soltando, logo nos primeiros livros, tudo que tinha a dizer. Tratou de cobrir com uma capa de respeitabilidade a rebelião que lhe lavrava na alma. Sua única tentativa séria de rebelião aberta (quando tentou «passar uma bba esfrega» na politicagem da cidade de San Francisco) cuspiu-o do emprego e do lar. De então em diante concluiu que «não vale a pena remar contra a maré». Descobriu que, para triunfar, é necessário aliar-se aos que estão no poder. Anson Burlingame, ministro norte-americano na China, disse-lhe uma vez: «Nunca se una aos inferiores; suba sempre». Este conselho, escreve Albert Bigelow Paine, foi para Mark Twain «um evan-

(Cont. na pág. 51)



Os tripulantes que dirigem os gigantescos Clippers são dos mais experientados do mundo.



Deliciosas refeições - cuidadosamente preparadas - são servidas a bordo do Clipper.

Viaje pela PAA

O requintado conforto de que V. S. goza a bordo do Clipper faz o tempo voar ainda mais depressa que o próprio avião.

— melhor maneira não há!

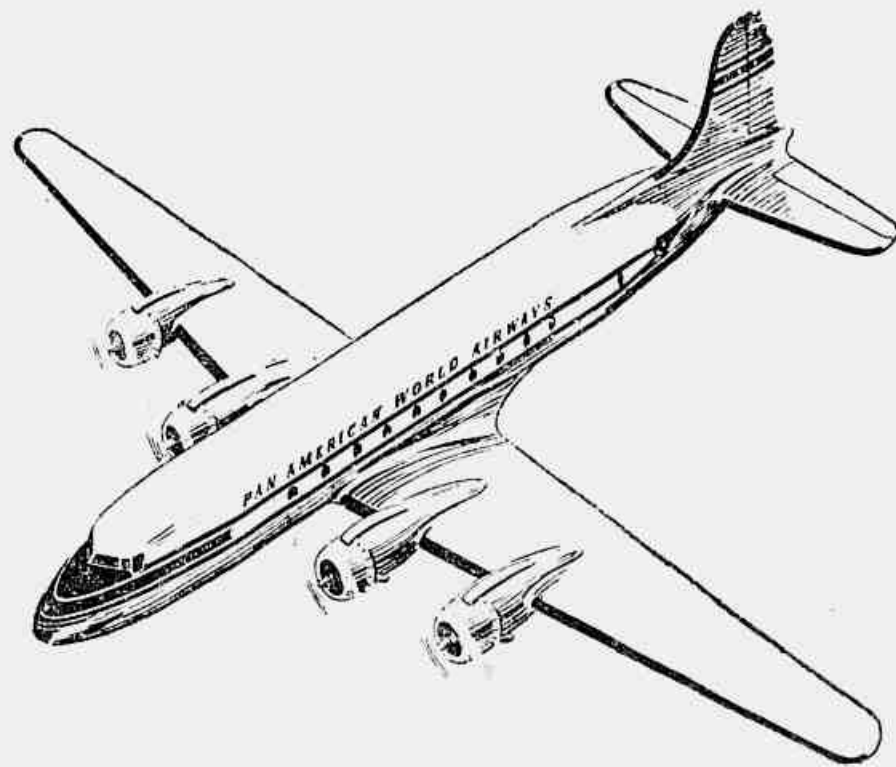
Hoje em dia, o emblema da PAA é reconhecido em mais de 68 países como o símbolo do que há de melhor em transportes aéreos. Para viajar, não há maneira melhor.

Viaje pela rede aérea

com experiência **EXTRA!**

VIAGENS PARA TODA PARTE - CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers Voadores



O AMANTE

(Cont. da pág. 17)

Quantas vezes depois, aquele mesmo desejo de evasão a retomou! E sob tantos aspectos... Mas sempre inútil e fracassado, sempre um desejo pueril.

Helena não tinha família; havia anos, bem mais de dez, que andava por casas de estranhos.

Tinha-se sempre encontrado com boa gente, passageira e suportável. Nos últimos tempos podia-se até dizer que tinha serenado e assentado arraiais.

A gente com quem agora vivia regor-gitava de paixões e de interesses, mas era tolerante e sem maldade. Havia nela uma espécie de desordem calma, disfarçada. Cada espírito trabalhava à sua parte, é verdade que com uma legitimidade molesta e fatigante, mas nunca acin-tosa. O de Helena tinha o mesmo com-portamento.

Nesta casa, entre toda esta gente sen-tia-se que havia uma benevolência natu-ral e sem cálculo, que permitia todas as amálgamas. Ninguém lá se repelia e todos se limitavam. Só de vez em quando um anseio de liberdade sacudia os mais vivos. Mas Helena, por todas as insatis-fações que sofria, considerava-se uma desenganada, uma oprimida. Estes pen-samentos mal formados, traídos às vezes por simples gestos de impaciência, che-gavam-lhe a parecer irregulares, de uma inconsciente. Não o sendo, porém... ela tinha afinal as mais inocentes ambições! Não desejava tanto possuir a sua casa? Já até chegara a alugar uma lá para o cabo do mundo... Alugou-a mas nunca a foi habitar. Que iria ela fazer para lá sozinha? Não se mudou, deixou-se estar como estava.

A casa era numa travessa da Jun-queira e Helena sempre que a ia visitar voltava chorosa. Que lugares! Que pio-lhagem de vizinhos! E um sol... Não podia haver nada mais descarado.

Em casa da Pintabela, como era fora da terra e a sua estação temporária, sentiu-se mais à vontade, sem apertos de coração.

De ordinário o campo espreitava-a, en-chia-a de uma vibração intensa e salutar.

E por uma espécie de reminiscência ocular, Helena tornava a ver-se: à porta da Pintabela, a entrar no correio, um dia à espera de que a chuva parasse, num telheiro das barreiras...

Aquela temporada tinha sido de pouca dura, apenas um período de férias; se não fosse o tal papelinho nem se lem-braria já dela. Depois voltara para Lis-boia, para o seu trabalho de arquivista. E tornou a alugar casa. Com que amar-gor, o mais desapiedado amargor, se lembrava desta nova época da sua vida!

Era possível que todos estes passos, estas buscas, estas incertezas, toda esta sufocação que só pedia uma explosão, uma fuga, representassem os mais fortes e profundos impulsos de uma mulher? De uma mulher de trabalho, com as suas ocupações regradas e diárias? Parecia-lhe a Helena que sim. Que naquele tempo o seu coração tinha garrado como os barcos, que tinha perdido todo o seu go-verno.

Na segunda casa que alugou e onde finalmente se instalou tudo se lhe afigurava doloroso e incômodo. As suas horas de solidão eram o seu grande tor-mento.

Quem a obrigaria aquilo?

O amante, namorado de há meses. De-cidira-se por ele. Desta vez alugara casa para ter um amante. As mulheres são curiosas, deixam-se tentar! Mas aquele afinal era um homem que a não tomava a sério. Um snob, tão desconsolador e tão cínico!

Nunca me hei de casar, dizia-lhe ele com uma arrogância toda estudada. Ou então, mais ameno e distraído: se um dia me casar... E nestes ditos transpa-recia a grandeza do seu futuro, impre-visível.

Tais atitudes eram mais que suficien-tes para darem a Helena uma grande reserva, e também segura e desprendi-mento. Ele saía e ela chorava, não se sentia à vontade. O amante nunca perdia a ocasião de lhe fazer ver que havia entre eles um desnível, uma espécie de fôssco. Meia dúzia de idéias literárias e filosóficas, ocasionais e muitíssimo mun-danas o armavam desta superioridade.

MÚSICA

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONCERTOS

CLÁUDIO ARRAU NOVAMENTE NO RIO — A SONATA E O PRESENTE

— "AGORA ELE PODE MORRER!"

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

A ASSOCIAÇÃO que surgiu no panorama musical em época relativamente recente, a A.B.C. já conquistou um lugar de destaque entre as nossas organizações artísticas. Aliás, bastaria a série de concertos de Wilhelm Backhaus, apresentada o ano passado, para garantir-lhe, não somente o grande sucesso que obteve, como também, com a ampliação de seus quadros sociais, a possibilidade de manter a orientação, que sua direção traçou, de trazer ao Rio alguns dos principais artistas internacionais.

Prosseguindo nas suas realizações, a A.B.C. apresenta, agora, Cláudio Arrau, pianista já muito conhecido do nosso público, que lhe admirou a arte requintada em mais de uma ocasião quando, em sucessivas «tournées», aquele intérprete chileno teve oportunidade de apresentar-se no Teatro Municipal.

A SONATA E O PIANO

Paderewski, terminado um concêrto, ouviu de uma ad-miradora o seguinte cumprimento:

— Bravos, Paderewski! Que linda sonata tocou! E que extraordinário piano esse! Que sonoridade!

Irritado com a observação, que lhe diminuía os méritos de intérprete, Paderewski respondeu:

— Bem, se a senhora atribui o sucesso à sonata e ao piano, ofereço-lhe a música e o instrumento. Talvez assim a senhora se torne uma grande pianista.

Os melindres do pianista eram compreensíveis. A sen-sibilidade do intérprete, empregada na exteriorização da obra, o exercício constante necessário para que ele man-tenha o domínio das dificuldades técnicas — eis aí alguma coisa que não pode ser atribuída ao compositor ou ao instrumento. Por isto, aliás, Alfredo Salazar se refere à qualidade peculiar à música, que é uma arte imobilizada nas pautas e que, para reviver, precisa do esforço do intérprete que lhe infunde vida e movimento.

O piano é indócil; requer constante adestramento do artista, para ser subjugado e oferecer os efeitos sonoros que se pretende extrair de suas teclas. Por isso, Ru-binstein dizia:

Helena envergonhava-se de se lhe opor, e seria mesmo inútil! Tacitamente se es-tabeleceu pois a inferioridade dela.

Ele experimentava de novo o amor, como já fizera com tantas outras: cria-dinhas, costureiras, mulheres de socie-dade... Helena era a burguesinha.

Esta idéia de experiência, tão radicada em certos homens, vistosa e cerebral, vexava Helena. Experiência e atitudes... Eram as palavras do tempo, na verdade. Parece que depois passaram de moda. Mas o que se liga com o fundo das cria-turas acha sempre por onde se revelar! Aquêlê homem nunca podia ter mudado muito. Em novo punha todo o seu luxo naquelas atitudes... Considerava-as um apanágio de mentalidade. Outras vaidades lhe sobreviriam. Porém em nada ele era original. Possuía uma consciên-cia dura, de imitador. Toda a sua elegância era dogmática. Mas talvez vi-sado, intentava corrigi-la. Teimava en-tão em se mostrar defeituoso e em ser um analista frio e displicente. Lamenta-va-se de ter de desgostar os outros. Mas se ele era um sincero... não se havia de renegar!

Helena ouvia tudo isto desinteressada. Ela bem sabia que ele falava para ou-trem, para o mundo abstrato e invisível. Realmente parecia-lhe sempre afastado e longe dela. Repetia-lhe o que já tinha dito algures, na sua roda dos cafés. Os homens eram muito mais dignos de apre-ciar idéias que as mulheres... E aquela então, uma patetinha! Mas uma pate-tinha afetada.

Você é uma afetada, dizia-lhe ele quan-do calhava. E da sua parte este era um dito de espírito.

Helena sorria, não deixando de pensar: para que andaré este homem a ensaiar comigo romances falhados? Tudo isto é literatura, má literatura... pior que a dos livros que ele lê!

A curiosidade do amante por ela já não passava afinal de uma teima; para que tornaria ele lá? Não volte mais, basta! tinha Helena vontade de lhe dizer quando o via dirigir-se para a porta. Mas faltava-lhe a coragem. Cada vez se sentia mais deprimida. Toda a sua vio-lência era mental e não produzia o mí-nimo efeito. A espécie de servidão em que ia caindo parecia-lhe uma fatalidade. Não era uma pobre, uma verdadeira po-bre? Ela bem sabia que sim! Tinha-lhe aparecido aquele homem... E já estava tão farta de esperar! Qualquer coisa... nem sabia bem o quê. Se o repellsse, naquele isolamento em que se via, que havia de fazer da sua vida?

Ele falava-lhe das grandes apaixonadas, queria que ela fosse uma dessas. Mulheres sacrificadas aos homens com-plexados, mulheres humildes e extraor-dinárias...

Mas tudo isto resultava artificial e pesado: uma brincadeira ridícula, que ele lhe pretendia impor e que ela jamais saberia desmascarar. Como? Ser-lhe-ia impossível! Helena sentia-se estrangula-da; a aridez do amante confrangia-a, não estava preparada para ela.

Quando ele chegava, quase sempre pela hora do calor, entrava e pousava com todo o cuidado a sua bengala na única cadeira de braços da casinha de entrada. Tinha muito desvelo com as suas coisas. Helena esperava-o de pé, instantanea-mente humilhada. Depois passavam para a casa do lado e acomodavam-se no divã. Ele, pouco efusivo, beijava-a e convi-dava-a com o olhar a despir-se, ou então excepcionalmente amável lhe descaía uma alça do ombro. Ela obedecia-lhe, mas nunca o amante lhe prodigalizava uma carícia natural. Despia-se devagar e pu-xava-a para si obstinadamente. Helena fria e de cabeça caída tornava-se uma consentidora insensível.

Não pense! dizia-lhe então ele, jul-gando-a distraída. E ficavam sempre despetitados um com o outro. Ele surda-mente e ela com cortesia, talvez mesmo com pena.

No entanto tudo soava a falso ntre ambos. Não tinham a mínima confiança um no outro.

Ele saía depois e ela vingava-se em chorar. Mas quando o esperava dias in-teiros ainda se sentia mais enervada.

Aquêlê sítio onde tinha ido arranjar casa era tristíssimo, muito arredo e po-bre, com terras de entulho à frente. Ve-lho arrabalde da cidade! O Tejo lá em baixo, na sua parte mais estreita, ofere-cia-lhe de longe uma miragem fantástica, admirável e desesperadora.

O verão já ia adiantado. Helena tor-nou a pedir uma licença de férias. Saía umas vezes por outras de manhã para comprar flores no Jardim Botânico. Aquê-lê jardim próximo, reservado e tranquilo, parecia-lhe de uma elegância rara, em-brechado em lugares de tanta pobreza. Agradava-lhe descer pela escadaria prin-cipal e passear nele um bocadito. As magnólias estavam cheias das suas belas flores brancas, que já de longe chei-ram e dão a quem passa tantas idéias românticas e irreais... Os arbustos espi-nhosos e etiquetados também a acom-panhavam. Com uma vaga sensação de frescura Helena voltava depois para casa e encetava a sua pequena lida; não tinha criada.

O amante quando chegava à tarde di-rigia-lhe uma amabilidade da ponta dos lábios sobre as flores, que ela agradecia. (Tirou o curso de florista? Ou outra...) Começava a esboçar-se uma condescen-dência fria de parte a parte, uma adap-tação forçada. Conversavam pouco, ele

(Cont. na pág. 55)

VIDA LITERÁRIA

LITERATURA INÉDITA

AINDA ESTAMOS POR CONHECER GRANDE PARTE DA PRODUÇÃO DE GRANDES ESCRITORES BRASILEIROS DO PASSADO

Quem folheia as coleções das revistas e dos jornais brasileiros, de cinquenta ou sessenta anos para cá, fica admirado e, ao mesmo tempo, entristecido, ao ver o imenso material dos nossos escritores e poetas que jaz ignorado em tais coleções. Chega-se, por vezes, a concluir de que a exumação de muitos trabalhos de algumas dessas figuras das nossas letras poderia vir a modificar o juízo que delas fazemos. Porque muitas só puseram em livros, quer dizer, só trouxeram ao conhecimento da crítica de hoje uma pequena parcela do que produziram. Isso, sem falar, nos inéditos, nos manuscritos deixados por tantos escritores de mérito e, inutilmente, à espera de editores.

Veja-se, por exemplo, Araripe Junior. Comemora-se este ano o centenário do seu nascimento. Dele, só dois livros são hoje encontrados, assim mesmo, com alguma dificuldade: o ensaio sobre Ibsen, aliás, uma de suas obras de menor mérito e o estudo sobre Gregório de Matos. O mais só na Biblioteca Nacional ou entre os bibliófilos. Enquanto isso, lá se encontram nas coleções de "Novidades", do "Correio do Povo", etc., inúmeros artigos, cujo conhecimento será indispensável a um julgamento crítico seguro sobre o autor.

Passemos em rápida revista outros casos. De Raul Pompeia, cuja atividade jornalística foi intensa, há muitas dezenas de artigos por compilar. Estamos informados de que o sr. Elói Pontes tem reunido material para dois livros inéditos de contos do autor do "Ateneu". Só com as crônicas e as poesias humorísticas de Bilac (essa face do poeta é quase ignorada) poder-se-iam fazer dois livros. As crônicas de Artur Azevedo, muito interessantes para o conhecimento da vida teatral, literária e social da época a que nos referimos, dariam mais de um volume. De Medeiros e Albuquerque, ainda resta por editar uma porção imensa de sua fecunda atividade literária. Só com as crônicas, tão saberosas e instrutivas, publicadas num vespertino paulista, de 1926 a 1934, com a interrupção de dois anos, teríamos três ou quatro volumes. E um novo João Ribeiro, um novo Carlos de Laet, surgiriam quando se lhes editassem as obras completas.

A notícia do que ainda resta para reunir de Lima Barreto, numa publicação metódica, graças às pesquisas de Magalhães Junior e Francisco de Assis Barbosa, causou a maior surpresa a todo mundo. Será a revelação de um outro Lima Barreto, uma verdadeira descoberta, a enriquecer, de forma extraordinária, o panorama de nossas letras contemporâneas.

De João do Rio, o "escritor proibido", na expressão de Magalhães Junior, cuja obra esgotada não pode ser reeditada, devido à teimosia de um editor — restam quatro livros em manuscrito, sem falar nas suas crônicas não compiladas. Bastam esses exemplos bem eloquentes e significativos. Por eles se deve reconhecer que a literatura brasileira, de 1870 a 1920, — principalmente, está em grande parte inédita, é um território, onde ainda restam muitos setores a devassar.

E enquanto tanta produção de excelente qualidade continua esquecida, parece não faltar editores para as obras mediocres de sub-literatura. — B. B.



Erico Veríssimo acaba de ter seu romance já famoso "Olhai os lírios do campo", adaptado ao teatro, por Bolívar Fontoura. Dada em Porto Alegre, por Iracema de Alencar, o autor declarou: "A peça é mais fiel ao romance que o filme".

A crise do livro — Continua-se a falar na crise do livro. Na verdade, a literatura brasileira vem sofrendo nos últimos meses com esse estado de coisas. E é especialmente a produção de melhor qualidade, de maior significação artística e cultural, a mais atingida. A sub-literatura, encontrando sempre um público maior, não sofre muito. Os romances de fãncaria continuam a aparecer por aí e a serem vendidos.

Mas quanta obra de valor, de interesse para a vida mental do país permanece congelada nas gavetas dos autores ou dos editores? Ao governo compete tomar providências urgentes e eficazes, já que se trata — não cansamos de repeti-lo — de um problema de grande importância nacional.

Preferências de Rosamond Lehmann

— Entrevistada, há pouco, em Paris sobre seus autores preferidos, Rosamond Lehmann destacou, entre os modernos ingleses: Elizabeth Bowen, Graham Greene, Rex Warner e Harry Green.

— E entre os franceses? — pergunta-lhe o repórter. — Mauriac, Julien Green, Proust, Balzac, Stendhal. Tenho lido, também, Sartre e Camus com enorme interesse.

José Lins do Rego REGRESSOU DO NORDESTE

— José Lins do Rego regressou há pouco do Nordeste, onde permaneceu algumas semanas, revendo a paisagem que soube tão bem fixar nos seus livros. Realizou ali uma longa excursão pelo Interior, vindo a conhecer novos tipos e aspectos da região, hoje seu domínio próprio na geografia das letras brasileiras.



André Gide, o Prêmio Nobel de 1947

"INTRODUÇÃO A MACHADO DE ASSIS — Barreto Filho — Ed. Agir — Rio.

Bem curioso o destino literário do sr. Barreto Filho. Parente de Tobias Barreto — sobrinho, se não nos enganamos — aos 16 anos revelou-se um poeta de extraordinária precocidade.

OS LIVROS DA SEMANA

"O Imoralista", de André Gide.

"O Imoralista", de André Gide, hoje apresentado em português, na tradução primorosa de Teodomiro Tostes, foi, por assim dizer, a primeira experiência do grande escritor francês na ficção. Gide não quis, porém, denominá-la romance, preferiu o rotulo de narrativa ("récit"), que adotaria, depois para mais outros dois livros. Entretanto, "O Imoralista" é o tipo daquilo que na época do Romantismo se chamava de "romance pessoal", gênero ao qual se filiaram o "Rene", de Chateaubriand, o "Adolphe", de Benjamin Constant, "Volupté", de Sainte-Beuve, etc. Tais romances encerram sempre uma confidência, um desabafo íntimo, através do qual se procede uma delicada e minuciosa análise psicológica. E' mais ou menos o que verificamos no "Imoralista", obra de acentuado conteúdo autobiográfico.

Por outro lado, Gide aí revela a influência de Nietzsche (O título é bem nietzscheano) sob a qual se achava na época em que escreveu o livro, na primeira década do século. O sacrifício comovente de Marcelina, para que Miguel, desfazendo-se, afinal, dos males físicos que o amesquinhavam, pudesse viver plenamente, tem um sentido alegórico. E' o próprio drama de Gide, libertando-se dos preconceitos a que se via jungido (como Miguel a Marcelina), para dar ampla expansão à sua natureza, conseguindo a plenitude, cuja euforia nos descreve admiravelmente em "Si le grain ne meurt..."

O livro encerra, igualmente, uma apologia do individualismo. A libertação de Miguel se dá sob o signo da ética de Nietzsche e do amorismo artístico de Oscar Wilde, que aparece no romance sob o disfarce de Menalco. (Ed. Globo.)

dade. Logo depois, aparecia no Rio, como uma espécie de assombro, de menino-prodígio e a "Revista Souza Cruz" publicava os seus versos com derramados elogios. Passam-se os anos e a sua personalidade literária começa a cristalizar-se, não no sentido da poesia, mas da aptidão crítica. Por volta de 1925, publica ele um romance "Sob o olhar malicioso dos trópicos", que ficou esquecido, no qual, entretanto, alguns críticos da época viram um senso de análise psicológica verdadeiramente proustiano.

Dai em diante recolheu-se o autor ao estudo e a meditação, dando apenas, de quando em quando, num raro artigo de jornal ou de revista, a mostra do extraordinário instrumento de crítica, em que cada vez mais se aguçava a sua inteligência. Em 1941, em número dedicado ao romance brasileiro, a "Revista do Brasil" publica um excelente ensaio do referido escritor sobre Machado de Assis, página das mais finas e penetrantes. Esse trabalho parece ter sido o núcleo gerador do livro "Introdução a Machado de Assis", indiscutivelmente uma das melhores obras no gênero até hoje aparecidas no Brasil. Análise em profundidade, mas sem o propósito de "épater" pelo inesperado das conclusões. Em cerca de 230 páginas a obra de Machado de Assis é examinada na sua essência mais íntima. O autor se coloca quase sempre no ponto de vista estético e justamente desse ângulo é que suas observações são mais agudas e felizes, conseguindo ver o que ainda não foi visto. Do ponto de vista filosófico, talvez force um pouco a nota, quando procura reconciliar Machado de Assis com o sentimento religioso. Obra longamente trabalhada, sem nenhum traço de improvisação, este livro é qualquer coisa de definitivo sobre o autor de "Braz Cubas".

ANEDOTÁRIO

O DISFARCE MASCULINO DE GEORGE SAND

George Sand, que se dava à extravagância de andar, por vezes, vestida de homem, procurou nesses trajes visitar um convento de freiras de clausura. Ao irmão leigo, que veio abri-lhe a porta, manifestou ela o seu propósito. Mas o religioso, percebendo o disfarce, observou com toda humildade e reverência:

— Meu senhor, queira desculpar; neste convento não é permitida a entrada a mulheres.

BERNARDO GUIMARÃES E O IMPERADOR

Numa visita de D. Pedro II a Ouro Preto, Bernardo Guimarães, que se achava residindo naquela cidade, dirigiu-se ao palácio dos Governadores para oferecer suas obras ao monarca. Os livros iam numa salva, cobertos por uma toalha rendada, nas mãos de uma das filhas do poeta. Ao receber os volumes, o imperador agradeceu-lhe e perguntou-lhe:

— São só estas suas obras, sr. Bernardo Guimarães?

— Não, Majestade, tenho mais estas duas, que são as melhores — respondeu o autor da "Escrava Isaura", apontando para as duas filhas que o acompanhavam.



George Sand, em traje masculino, segundo um retrato de Delacroix.

REMESSA DE LIVROS: Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

A boa educação deveria ser um dos traços mais fortes da sua personalidade. Sei bem, que nos dias de hoje, com tantos airopelos e tanta confusão, há ocasiões em que mesmo uma pessoa muito bem educada não se pode conter. São explosões algumas vezes desculpáveis porque não são fruto da má educação, mas apenas consequência das circunstâncias. Mas existem pessoas que são realmente mal educadas e dão provas disso constantemente. Na mulher, principalmente, a má educação se torna ainda mais chocante; e, não persem vocês que isto se dá apenas entre as criaturas da classe baixa; na classe média e na classe elevada, vamos encontrar um sem número de pessoas mal educadas, cousa que só podemos desculpar nas primeiras, porque não tiveram ambiente ou quem as orientasse e que não perdoamos nas ultimas, que deveriam ter tudo isso e, quando não, pelo menos um pouco de inteligência que lhes permitisse olhar ao redor e observar a maneira pela qual as outras se portam. Existem "senhoras" que julgam possuir privilégios sobre as demais, e daí se arrogarem o direito de serem melhor atendidas onde quer que apareçam, de passarem à frente dos outros nas filas, de ocuparem os melhores lugares, etc.... Outras ainda chegam quase ao ponto de agressão quando esses "direitos" não são respeitados! E isto é verdade! Presenciamos, muitas vezes de quase pugilato em que a agressora é, em geral, personagem muito "importante", casada com homem também muito "importante" e cujos filhos, quando existem, também são "importantes"... Por incrível que pareça, tudo isso surge nesses momentos, porque a agressora, além de mal educada, é quase sempre exibicionista. Fala alto, gesticula, e faz questão que todos saibam com "quem estão falando...". O que ignora, sem dúvida, é o triste papel que está fazendo, pois as pessoas que ela julga estar amedrontando com a sua importância, estão apenas rindo do seu ridículo, que abrange também aqueles que ela põe em cena afim de fazer valer os seus "direitos". Infelizmente, existem muitas criaturas assim e creio que dificilmente elas se transformarão, a não ser que algum dia encontrem alguma "estourada" que sem recejar escândalo, lhes diga tôdas as verdades que elas precisariam ouvir.

KITTY

Esta linda garota que aqui vemos é Marilyn Maxwell, uma jovem promessa da RKO. Breve a veremos ao lado de George Raft, em "Traição". Marilyn por muito tempo foi loura; agora virou morena. Que tal a mudança? Melhorou muito, não?



NOS BASTIDORES FEMININOS



NOVIDADES DE HOLLYWOOD

NESTA página, apresentamos três originais criações de Hollywood, para a moda deste ano. À direita: muito distinto e muito "chic" este modelo todo em "pailletés", apresentado por Lois Maxwell, da Warner Bros. O franzido da blusa e da saia é "apanhado" na frente por tita de lamé dourado. Ao alto: Este elegantíssimo figurino apresentado por Jane Greer, é um modelo em crêpe branco, para "cock-tail", sandália e adereços dourados. Em baixo: Dorothy Malone com um modelo composto de saia de gabardine verde escuro, blusão quadriculado marron e branco.





Chapéus de Jacqueline White

JACQUELINE White, a loura "estrela" da RKO, apresentava nesta página cinco novos modelos de chapéus. Ao alto, à esquerda, temos especialmente para reuniões mais cerimoniais este modelo em flores e véu, em tons suaves. À direita: Em feltro verde, tom esmeralda, com fitas de cetim dourado. Penas douradas e marron. Em baixo, da esquerda para a direita: Uma espada, com punho

e bainha cravejadas de pedras atravessa a asa deste modelo também em castor cinza prateado. O chapéu serve como complemento a um vestido marron, de gola branca. Chapéu de copa alta, guarnecido de penas. De grande efeito é este modelo em feltro dourado com plumas negras e verdes emoldurando o rosto.



MODELOS PARA CRIANÇAS

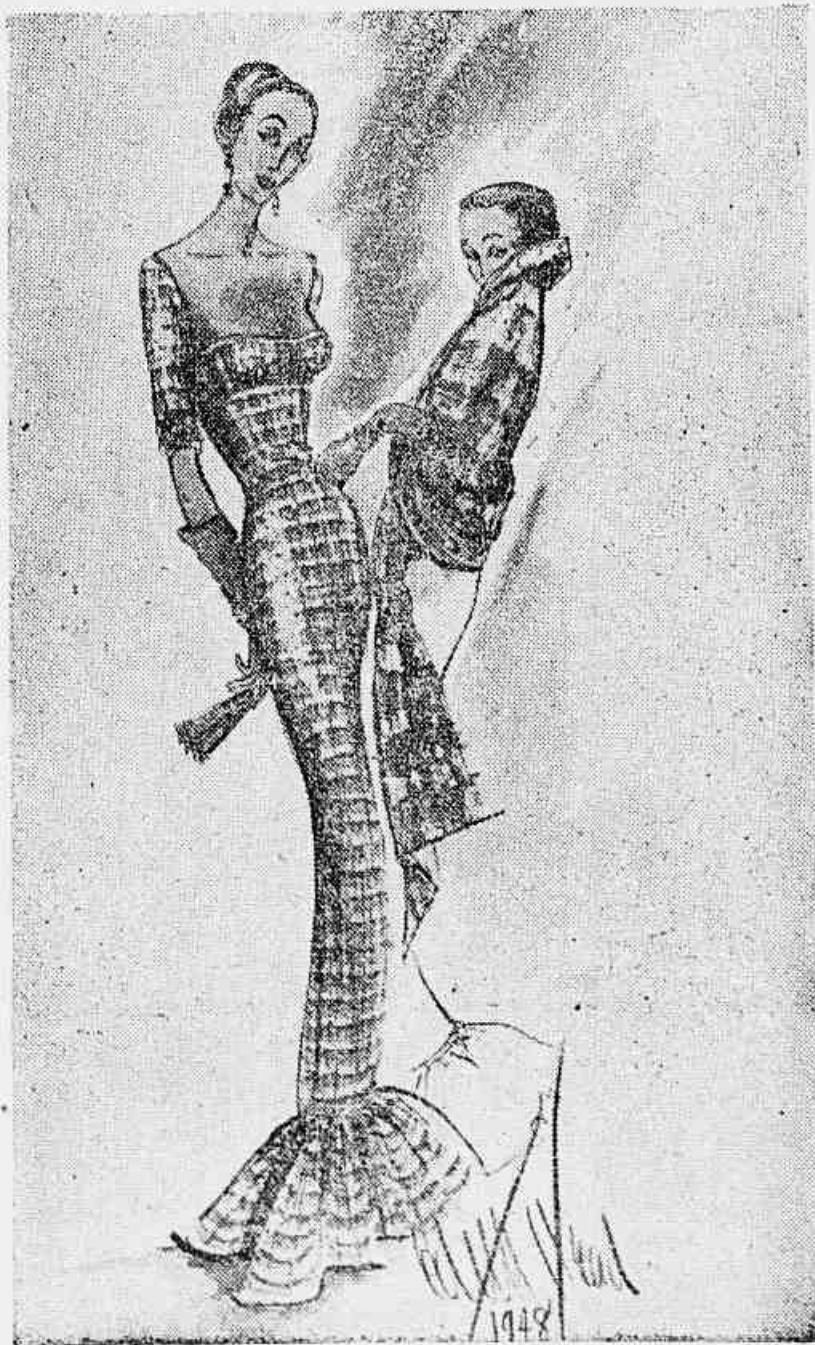
1 — Modelinho em tecido listrado branco, azul e vermelho. Gola branca. 2 — Em piquê branco, com pregas na blusa. Cinto e botões vermelhos. 3 — Em su-rah vermelho com círculos brancos. Decote quadrado com viez branco. Saia franzida. 4 — Em tecido quadriculado. Pala em tecido unido. Gola, botões e viez brancos. 5 — Modelinho em tecido estampado branco e azul. Recortes arredondados. 6 — Muito gracioso este modelo em dois tons unidos por "baínha". 7 — Calção azul e blusa com quadradinhos brancos e vermelhos. 8 — Calção azul, bordado a branco na cintura e nas ombreiras. 9 — Modelinho em tecido vermelho. Blusa quadriculada vermelha e branca.





CRIAÇÕES DE EDITH HEAD

EDITH Head, a famosa figurinista da Paramount, foi uma das primeiras a adotar o novo comprimento das saias. Miss Head não ignora o quanto lucra a figura feminina com algumas polegadas a mais de saias e a prova disso está nos seus novos modelos aqui apresentados. A esquerda: Em seda azul marinho, com originais bolsos e "charpe" em seda a. areia com "pastilhas" em azul marinho. Faixa drapeada, saia franzida na frente. Em cima: "Duas peças" com casaco e saia abotoando na frente. Jaqueta ajustada, saia "godet". Pode ser executado em jersey de lã verde. Em baixo: Modelo para a noite, estilo Império em tecido com fios dourados. O vestido é justo no corpo, com um babado "godet" e franzido em baixo. Como "saída", Miss Head sugere uma larga "écharpe" do mesmo tecido.



A PERSONALIDADE da Semana

ORLANDA, O "ENCANTÍSSIMO"



Mas ninguém discutiu, nem protestou, nem se sentiu lesado, quando a Associação Brasileira de Críticos Teatrais resolveu conceder a Medalha de Ouro de "ballet" a Orlanda e Yellé, os pequenos magníficos dançarinos da União das Operárias de Jesus.

Dançando no Municipal e no Fenix, aqui no Rio e, depois, em S. Paulo, Porto Alegre, Montevideu e Buenos Aires. Orlanda e Yellé se destacaram imediatamente no Contunto que a opinião da crítica e os aplausos do público já consagraram como o nosso melhor "ballet". Tão adulto na seriedade de sua arte, que ninguém se lembra, ao julgá-lo, da indulgência com que se acolhem e estimulam as manifestações artísticas das crianças. Indulgência, para que?...

Orlanda Saturnino merece, pois, figurar nesta galeria de celebridades femininas. Seus doze anos a engrandecem como um título a mais.

O outro título grande é a palavra que Monteiro Lobato criou para ela. Inovando a gramática pela variação de grau de um substantivo abstrato.

— Orlanda é um "encantíssimo" — disse o escritor glorioso depois de vê-la dançar. E numa longa palestra com os pequenos dançarinos, repetiu muitas vezes: "Encantíssimo!"

E é. Miudinha, clara e frágil, como devem ser todas as bailarinas, não tem nada de agressivo ou de ofuscante no seu jeito de encantar. Fora do palco, apagado o êxtase da dança, é uma doce menina tímida, de fala mansa e de poucos gestos. Só nos olhos grandes, profundos, pestanudos, nos olhos castanhos pintalgados de ouro, a gente encontra a sombra da alma que viveu muito, séculos e séculos de beleza, em vida tão pequena.

Nasceu a 3 de setembro de 1935. Foi para a União com cinco anos, um pedacinho de gente que só escapou de ser esmagada pela vida, porque às vezes as violetas são tão pequenas que as rochas não conseguem despedaçá-las.

Só tem uma paixão: dançar. Só tem um sonho: dançar.

— Dançar o que, Orlanda?

— Dança clássica.

— Mas, meu bem isso não é um sonho. Já é realidade. Você não deseja de modo particular, dançar uma certa música, atingir à perfeição de certa bailarina?

Ela pensa um pouquinho, com aquele jeito meio anelante do seu silêncio de tímida.

— Não. Quero dançar. Cada vez melhor.

E não sabia que se estava confessando. Artista. Sem ponto marcado para nenhum encontro. Sem outra meta que a própria Arte.

Além do "ballet" com mestre Igor, estuda Português, Francês, Inglês, Mitologia. Dos deuses pagãos prefere Minerva. Por que? Não sabe.

Tem seus deuses vivos, também. Tupine, do "Ballet Russe" e Tatiana Stepanovana. Quando fala deles, o rosto de Orlanda sonha. E a palavra de Monteiro Lobato é a única definição: Encantíssimo.

Dos triunfos que colheu, dois ficaram marcados mais vivos na memória: a estréia em 1945, no Municipal e a primeira noite no Odeon de Buenos Aires em 1947.

Além da Medalha de Ouro da A. B. C. T. guardada entre seus troféus a medalha de prata recebida na Argentina e o diploma oferecido pelos estudantes de Teatro, de São Paulo. E tem um álbum enorme de recortes de crítica. Mas aposto que nem ela, nem os irmãozinhos do "ballet" leram essas graves ponderações sobre a Arte que eles vivem tão simplesmente, tão espontaneamente.

Orlanda gosta de Monteiro Lobato. E prefere "O Minotauro". Não há na preferência, é claro, nenhum intuito de retribuição. Mesmo porque é anterior ao neologismo. Mas na vida de tantas lutas e tantas decepções do escritor ilustre há de ser uma glória mais querida do que as outras, e de saber que tem o carinho incondicional do seu "encantíssimo".

SARAH MARQUES

O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

CRÍTICA

Madame Delannois foi uma das cantoras mais famosas da última metade do século passado. Não apenas uma grande cantora, mas também uma mulher de espírito vivo e agudo.

Certa ocasião uma outra cantora se exibiu, estando presente a Delannois.

Tratava-se de uma mulher enorme, gigantesca. Uma amiga de Madame Delannois observou junto dela:

— Parece uma montanha que engoliu um rouxinol...

A Delannois que não estava gostando da voz da outra, respondeu:

— O mesmo. Pena que o rouxinol já tenha sido digerido...

CREDENCIAIS

Cristina da Suécia havia resolvido abdicar do trono em favor do seu primo Carlos Gustavo. Chamou-o, comunicou-lhe sua resolução e disse:

— Abdico em seu favor. Mas, tenho uma condição a impôr. Reserve-me o direito de opinar nos negócios de Estado quando julgar necessário. Desejo ser completamente livre e independente. Quero que respeite todas as deliberações que tomei durante meu governo e que mantenha em seus postos todos os funcionários que nomeei.

— Nesse caso, retrucou Gustavo, não aceito a coroa que me oferece.

— Ótimo! Exclamou a rainha. Esplêndido! Eu queria saber apenas se estava realmente apto a governar. Vejo que sim, pois revela um conceito exato da dignidade real!

CERTAS VERDADES

Também se conta de Cristina da Suécia, que quando estava de visita em Roma, deteve-se longo tempo admirando uma estátua que representava a Verdade. Tratava-se de uma das melhores obras de Bernini, e um cardeal que a acompanhava observou:

— É extraordinário, que sendo uma rainha, admireis tanto a Verdade. Posso assegurar-vos que nem todos os monarcas fazem isso.

— É que nem todas as verdades são de mármore, retrucou Cristina.

DEFINIÇÃO

A atriz francesa Adrienne Lecouvreur, — famosa pelos seus amores com o marechal de Saxe, — assim definia tragédia, drama, comédia e farsa.

— Drama, geralmente é a peça em que os homens são enganados pelas mulheres. Comédia, é quando as mulheres são enganadas pelos homens. Farsa é quando os homens e mulheres se enganam mutuamente...

— E tragédia? — perguntou-lhe alguém.

— Ah, isso é bem mais sério. É quando todos nós somos enganados por um terceiro personagem: o destino...

CONTROLE ABSOLUTO

Ninguém ignora o que vai pelos bastidores de um teatro em dia de "première". Tensão nervosa geral. Agitação. Expectativa. Como reagirá o público? E a crítica? Desde o maquinista à "estrela" da companhia, todos partilham da mesma inquietação.

No dia em que estreou no Regina a recente peça de Jean Cocteau, "Águia de Duas Cabeças", Dulcina estava extremamente agitada. Em torno dela só havia gente também agitada. Dulcina não conseguia sequer parar um instante. Uma amiga, vindo-a tão nervosa, observou:

— É bom que se acalme, Dulcina. Tudo sairá a contento!

— Mas eu nem estou nervosa! observou a "estrela". Estou calma! Imagine que hoje de madrugada o contra-regra foi a Niterói buscar fogos para os efeitos sonoros. As luzes só ficaram prontas às cinco horas. Minhas botas de montaria deviam estar aqui às quatro. O sapateiro as trouxe às seis e não serviam em mim. E que foi que eu fiz? Nada.

E, nervosíssima.

— Só troquei o nome do homem. Em lugar de chamá-lo seu Gusmão, só falava "seu" gomosol!

(Seleção de L. B., especialmente para REVISTA DA SEMANA)



SUGESTÕES DE SIGNE HASSO

A encantadora "estrela" da Universal-International, apresenta às nossas leitoras e suas fãs, sugestões para a próxima temporada. A primeira, é formada de um conjunto de sala preta e jaqueta azul claro, sem gola. Dois grupos separados de botões. Bolsos soltos. A segunda, à esquerda, em baixo: pijama de inspiração oriental; amplas calças de seda vermelha; blusa branca, cinturão preto bordado em dourado. Sandálias de cetim preto e branco. Finalmente, a terceira, na página ao lado: mostra uma túnica de "astrakan" preto, de corte "princesa", para ser usada sobre vestido ou sala preta. Chapéu de penas pretas.



A INDISCIPLINA ESCOLAR

A indisciplina escolar que concorre gravemente para a desaprovação dos estudantes continua como um impasse nas escolas oficiais e particulares, porque o problema nunca é estudado seriamente. Trago aqui a baila este assunto porque é de grande interesse para pais, crianças e mestres; o que todos pais desejam é que seus filhos sejam promovidos, porque a repetição de série representa um atraso econômico, moral e na vida familiar; muitas reprovações têm sido causas de tremendos desajustes em família, porque o pai severo surrou demasiadamente a criança reprova-la, ou, até mesmo, como num caso que é do meu conhecimento, o genitor recusou-se peremptoriamente a falar com o filho que fracassara nos estudos. Imagine-se que situação insustentável não deve ser a de um lar em que o chefe da casa passa a ignorar acintosamente a presença do filho! E qual não deve ser a reação desta criança relegada grosseiramente pelo pai por um motivo que na maioria das vezes não lhes cabe a culpa diretamente. Infelizmente, este fato que apontei não é caso isolado, mas demasiado frequente e pernicioso.

Eis, pois, a matéria deste artigo que pretende focalizar, entre outras causas da reprovação, a da perturbação da disciplina. Compreendamos o problema, uma criança normal bem orientada pelos pais, ajustada na série que cursa, raramente provoca a indisciplina na classe. Esta decorre quase sempre do desinteresse pelo assunto de que está se tratando ou como uma atitude de repulsa contra uma situação em que a criança se sente magoadamente ferida em seus direitos, quer de uma forma inconsciente ou consciente. E abro um parêntese para um aviso aos pais e mestres: não sejam de cometer uma injustiça grave com uma criança. Antes a severidade permanente, antes os castigos físicos, que uma situação moral dolorosa e incompreensível para a mentalidade de um ser que está se formando e como já sofreu várias imposições em nome de uma regra preestabelecida, sente-se no direito de exigir esta mesma regra para as suas ações.

Ao tratarmos de indisciplina cumpre antes de mais nada estabelecer definições do assunto; para isto são bastante interessantes os regulamentos mais ou menos elásticos sobre a conduta que o aluno deve seguir, sobre o que deve e não deve fazer. Sim, porque há muita censura e suspensão injusta e demasiada; muitas faltas que poderiam ser encaradas com alguma serenidade e benevolência, são, às vezes, acerbamente castigadas; o primeiro castigo tem, então, grande influência na vida de um estudante. É sabido o orgulho que quase todos ostentam pelo fato de jamais terem sido punidos; esta imunidade adquire a mesma importância do fato do adulto jamais ter tido contacto com a polícia comum. Cumprida a primeira pena disciplinar — afastamento no gabinete do diretor, suspensão — o aluno fica estigmatizado pelos colegas e inspetores que se referem constantemente à sua falta como advertência ou apresentação. Cumpre notar, também, que os inspetores de disciplina raramente são pessoas habilitadas para o trato com crianças e adolescentes; deveriam ter, necessariamente, tantos conhecimentos de orientação educacional como os assistentes sociais e também, instrução secundária, para que pudessem manter a autoridade num nível adequado, acrescento a instrução secundária que poderia parecer supérflua pelo motivo seguinte: o adolescente muito orgulhoso dos conhecimentos adquiridos olha com uma certa superioridade as pessoas que estão aquém dos seus conhecimentos; o nível cultural permitindo intercâmbio de palestras viria aí manter um nível nas relações humanas.

A escola primária infelizmente, não conta com o apoio dos inspetores de disciplina de que dispõe a escola secundária e daí talvez tornar-se mais difícil o ato de ensinar e menos proveitoso o resultado final. Só quem entrou em sala de aula dos dias de hoje e assistiu a espetáculos deprimentes como o franco desrespeito ao professor, os miados e outros sons onomatopáicos que emitem alunos turbulentos mesmo na presença do mestre, e viu muitos deles incapazes de vencer a onda de desrespeito que se estabelece, pode tomar a sério este problema e encará-lo como realmente é um dos fatores mais graves do parco resultado escolar que apresenta a geração atual. Não é ufanismo; mas a bandeira ensina: é preciso que haja ordem para que o progresso sobrevenha.

ZOIA DE LAET



TEMPO e dinheiro são duas coisas importantes. No entanto, você poderá fazer, com pouca despesa e em pouco tempo, uma ceia ligeira para oferecer aos seus amigos, sob um pretexto qualquer. Não é preciso haver uma comemoração especial, desde que você sinta prazer em receber e desde que o seu esposo participe do mesmo prazer. Com um simples telefonema, você fará o convite; dois ou três casais amigos serão suficientes. Para que a reunião se torne ainda mais agradável, você deverá convidar pessoas que já se conheçam entre si ou então que pelo temperamento, pela educação e maneiras, possam combinar bem. Nessas ocasiões, os salgadinhos são os pratos mais indicados; eles serão o acompanhamento ideal para os "drinks" que naturalmente vocês oferecerão, e, a escolha não é difícil, pois existe uma grande variedade de salgadinhos gostosos, alguns dos quais aqui oferecemos a você:



CASQUINHAS DE SIRIS COM MOLHO DE MAIONESE

Ingredientes: siris, camarões pequenos, 1 xícara de molho de maionese, sal.

Preparação: Cozinham-se os siris, reservando-se as cascas dos menores, as quais se devem lavar muito bem com uma escova. À parte, retiram-se a carne e a gordura que tiverem, temperam-se com sal, adiciona-se-lhes um pouco de molho de maionese e recheiam-se as casquinhas, enfeitando-se o centro de cada um com três camarões cozidos.



CANAPES DE ENCHOVAS

Ingredientes: 1 enchova, 250 grs. de manteiga, pães de véspera.

Preparação: Tritura-se a enchova com metade da manteiga indicada, reduzindo-a à massa. Descascam-se os pães, cortam-se em fatias e corram-se. Em seguida, barra-se cada uma com manteiga e depois com a massa de enchova, e corta-se novamente com uma faca, dando-se o feitio que se deseja.



CANAPES DE TOMATES COM PEPINOS

Ingredientes: Tomates grandes, pepinos de conserva, pão de forma cortado em fatias, sal, pimenta.

Preparação: Cortam-se os tomates e os pepinos em pedacinhos, batendo-se com uma faca para que fiquem bem triturados. Em seguida temperam-se com sal e pimenta, colocando-se uma camada sobre cada fatia de pão, previamente untada com manteiga.



SANDUICHES DE SARDINHA COM MOLHO DE MAIONESE

Ingredientes: Sardinhas em lata; molho de maionese, pão de forma cortado em fatias.

Preparação: Amassam-se as sardinhas e junta-se-lhes um pouco de molho de maionese. Mistura-se muito bem e põe-se uma camada entre duas fatias. Apagam-se em volta para lhes retirar a códea.

MARIE COOK

Aquela Casa Triste

(Continuação da pág. 55)

mem de Barcelos, procurando a mulher que trouxera da roda dos expostos, em 1851, uma menina chamada Amélia. Vivia ainda a ama que a criara. Foi chamada a exposta à presença do homem que se dizia portador de uma fausta nova.

Chegou Amélia, e recebeu do velho desconhecido o tratamento de excelência. Cuidou-se ela ludibrio do sujeito e riuse às casquinadas para lhe agourentar o prazer da zombaria.

No entanto, o velho, composto gravemente o aspecto, disse-lhe:

— Minha senhora, não é para gargalhadas a missão que venho cumprir...

— Pois v. s. está a dar-me excelência! — voltou Amélia.

— Dou-lhe o tratamento de seu pai e seus avós. Seu pai, o sr. Alvaro de Mendanha, antiquíssimo fidalgo e representante dos alcaides-mores de Barcelos, faleceu há três dias com testamento, em que declara que houvera de uma sua parenta, àquele tempo freira no mosteiro de Vairão, uma filha, que por justos motivos expusera, assinalando-a com o nome e outras circunstâncias. Acrescenta que tem notícia de existir em Landim essa menina, que ele reconhece sua filha, e a institui sua universal herdeira. É v. exa. portanto, a herdeira do sr. Alvaro de Mendanha.

A ama abriu a boca e despediu um ah surdo, que vinha da garganta afogada pelo júbilo.

Amélia quedou-se imóvel, pensativa, triste, e murmurou:

— Se meu pai sabia que eu estava aqui, por que me não levou para a sua companhia?

— Respondo, minha senhora. Quando v. exa. tinha dezoito anos, seu pai indagou e descobriu que a sra. d. Amélia estava aqui; porém, ao mesmo tempo, exatas ou inexas informações lhe asseveraram que a senhora levava uma vida péssima, desonrada e cheia de opróbrio. Receeu, com algum fundamento, o sr. Alvaro de Mendanha que o aviltamento de sua filha desluzisse o lustre do seu nome, e por isso abafou o coração e o remorso debaixo do peso da dignidade, ou recuou diante da irrisão do mundo...

— Mas... — interrompeu Amélia — se eu estava perdida, foi porque ele me atirou ao mundo e à sorte sem amparo de ninguém...

— Tem razão, minha senhora, e foi essa mesma a razão que moveu seu pai a deixar-lhe todos os seus bens.

— Mas eu antes queria conhecê-lo e ser pobre, que ser rica por morte dele.

— Já que não é remediável essa nobre dor, — tornou o testamenteiro de Mendanha, — receba v. exa. a suprema prova do arrependimento de seu pai. Neste legado dos bens está o legado do coração. Seja de hoje em diante v. exa. digna dele, já que desde esta hora os seus apelidos são dos mais ilustres desta província.

Neste mesmo dia, d. Amélia de Mendanha saiu para Barcelos, onde entrou a ocultar para o palacete de seu pai, a fim de trajar luto e aparecer convenientemente aos numerosos parentes que confluiam a desanojá-la.

Os bens eram grandes em terras e foros. Casa antiga e sólida. Alfaias do tempo de D. João V a dourarem os salões de teto apainelado, com reposteiros brasonados. Na parte mais velha do edificio, cadeiras repregadas de bronze, contadores ataxiados de prata e enxadrezados a côres, gualdmesins nas paredes, amplas mesas de pés torneados, leitos rendilhados com as armas dos Mendanhas na espaldar, bufetes, jarras da Índia com as iniciais de um governador de Chaul, oriundo de Mendanhas, retratos de família, a começarem em D. Gil Gutierrez de Mendanha, solarengo de Barcelos. Em meio disto, e senhora de tudo isto, aquela Amélia de Landim, ó meu amigo Eugénio de Castilho! Aquela Amélia, que sarabandeava a «Cana verde», o «Leva água o regadinho», e descantava umas «Torradas com manteiga» que não há af mais que se diga.

— Onde estava ela?

Perguntavam entre si as primas e os primos.

E diziam exatamente onde ela estivera e de que infectos paúis se levantara com

asas de ouro aquela borboleta saída de tão feio casulo! Relatavam-se os permeiores da sua desgraçada vida, encareciam-se, como se fosse preciso, as desonestidades... e visitavam-na.

Volvidos alguns meses, três padres, à compita, lhe saíram a propor três casamentos: rapazes, parentes, abastados ou arruinados, mas fidalgos e gentilíssimos de suas pessoas.

Rejeitou-os.

Um dia, saiu d. Amélia de Barcelos, na sua sege, apeou em Famalicão, saiu a pé, e parou perto de Landim, à porta de um lavrador. Procurou por um homem que dava pelo nome de António do Couto-de-Baixo.

Saiu a falar-lhe no quinteiro, ou alpendre, um sujeito de trinta anos, boa figura de campônio, estupidéz em barda por todo aquele carão.

— António, — disse ela, — conheces-me?

— A senhora, a senhora... acho que é... — tartamudeou o lavrador agadanhando no occipital.

— Sou a Amélia de Landim. Quando eu tinha 15 anos, amei-te. Era então inocente. Esperava ser tua mulher, e perdi-me. Teu pai não te quis deixar casar comigo, porque eu era pobre. Sei que sofreste, e quise fugir para o Brasil a fim de ganhares dinheiro, para depois me receberes. Eu não te deixei ir. Sabes qual foi a minha vida depois. Hoje estou rica, ainda te amo, porque foste a origem da minha desventura. Queres casar comigo? Responde.

— Quero.

— Então segue-me.

— Deixa-me ir dizer a minha mãe; que essa queria que eu casasse contigo.

— Podes dizê-lo a teu pai, que esse também quer agora.

E, daí a momentos, o pai e a mãe saíram ao alpendre, a recebê-la, levaram-na para o sobrado entre carícias.

Aí pernitoitou.

O velho nunca pôde desarticular os queixos da apostura do espasmo, desde que d. Amélia principiou a contar por milhares de alqueires de milho o rendimento de sua casa.

Ao outro dia, que era domingo, leram-se os primeiros banhos, e, com dispensa dos imediatos, casaram-se na igreja de Santa Maria de Abade.

Mas a que propósito caiu este conto, que não tem que ver com «Aquela casa triste»!

Ah! Foi por amor da requinta da música de Ruivães, que está agora silvando na Barca da Trofa, à espera de António Duque, o «Africano».

III

As quatro músicas reunidas na ponte da Trofa, depois de espavorirem os passarinhos, que, ao descer da tarde, se emboscavam nas ramarias do rio Ave, retrocederam, porque o Duque não chegou. Os promotores da festa, mandando sobraçar os feixes de foguetes de três estouros, disseram entre si que o «Africano», faltando à hora da espera triunfal, bem demonstrava ser filho do capador da Lamela. Outro era de parecer que o Duque, tratando de resto as pessoas que o obsequiavam, dava a perceber que não queria amigos... do seu dinheiro.

O «Africano» havia escrito de Lisboa ao seu felter, anunciando-lhe o dia em que tencionava chegar à sua casa de Ruivães, com recomendação de lhe ter preparados os leitos e assoldada uma boa criada para o quarto de sua filha.

Divulgou o felter a nova, sem propagar a do naufrágio, porque a não sabia. Se o homem lesse gazetas, informaria os seus vizinhos do desastre de seu amo, da riqueza engolida pelas guelas da tormenta, da quase pobreza em que ficara o naufrágio, e, enfim, das piedosas lágrimas com que os periódicos deploravam a catástrofe de duzentos contos granjeados honestamente. Se isto se soubesse em Ruivães, não haveria quem se afofasse em busca de músicas, competindo entre si os obsequiadores sobre qual arranjaria aquela que maiores gritos fazia dar à fama pelos buracos da requinta. Quanto às vinte e quatro dúzias de foguetes de três estouros, que os rapazinhos de Ruivães tinham carregado até a ponte da Trofa, é bem de ver que ninguém se abalancaria a tamanha estroendo de generosidade, se se soubesse que o Duque não vinha em circunstân-

cias de chorar de ternura abraçado ao peito magnânimo donde rabiavam tantos foguetes.

No dia marcado ao felter, devia o «Africano» chegar à ponte, onde era esperado; porém, apeando na estalagem da Carriça, legua e meia distante, ouviu dizer que na Trofa estava o poder do mundo, com quatro músicas e muito fogo do ar, à espera de um brasileiro que vinha da África.

Ouvindo isto, Duque disse ao boleiro que recolhesse a parella da sege, porque resolvera sair de madrugada.

Depois, foi contar à filha o que ouvira e o desgosto que queria evitar no encontro de festas, tão desapropriadas da tristeza de ambos.

Deolinda, prostrada no leito, aprovou a resolução do pai, queixando-se de agônias, sufocações e desmaios do coração, que mal a deixavam seguir a jornada.

Passou o pai o restante do dia e parte da noite à beira da cama, inventando com santo esforço alegrias que divertissem Deolinda da concentração que uma ou outra lágrima desafogava por momentos. Alegrias!...

Que heroísmos cabem em peito de pai! Quantos há que são suplicados por esse amor que parece vir da mão de Deus! Que maiores angústias tem esta vida, se compararmos todas à daquele pai que ali estava ao pé da filha que os médicos de Lisboa lhe haviam auscultado e considerado perdida!

Mas éle, acreditando na ciência que tem a certeza de ser lesão mortal a hipertrofia do coração, atigurava-se-lhe que a Providência o não castigaria tão severamente, fazendo-o sobreviver ao perdimento dos bens, para depois amparar em seus braços a filha agonizante. Nunca discutira entre si se Deus era preciso, ou que parte lhe coubesse no regimento deste mundo. São meditações estas que, em África, passam rápidas como o siroco, mas não abramam, nem obrigam as caravanas a curvar o corpo até bater com as faces nos areais. Os que por ali veniam, à imitação do pai de Deolinda, pensam, se acaso pensam, que a justiça do céu tem alçada em mais amenos climas e descarta saber se lá o homem tem mais ou menos semelhança com o tigre. Porém, depois que o céu se azulava e estrelava, alguém da linha, e a brisa refrigerava o sangue, os expatriados, maiormente os ricos, não recusam crer que há Deus, dadas certas condições; fazem-lhe o obsequio de o conjecturar sentado à mão direita do Padre Eterno e absorvido a perenal glória de sua divindade, sem entender nas trivialidades deste globo, mais pequeno que os milhares de mundos que lhe circunvalam à orelha do trono. Esta filosofia é grandiosa e barata. Cançam-se os mestres em propagar, e, todavia, qualquer sandeu bem engraxado a tem espontânea na alma, como tortulho em lodaçal, sem que os filósofos lhe neulquem. Estudem Ario, Espinosa, Renan e outros, afora o meu bacalhoeiro, que tem dentro de si, repito, porque si, o éle, são as cédulas bancárias, a burra, que tem um nome de predestinação para aviso e escarmento de sábios que se burrificam, não querendo acabar de entender que saber, honras, regalos, respeitos, inviolabilidades, vem tudo da burra.

Succede, porém, uma vez ou outra, enrespar-se uma onda, que logo se arquela em vagalhão e se abre em voragem. Al resvala a riqueza do homem, que se arrodela com ela farpas do mundo. Os brilhantes impenetráveis do arnez caíram e rolam na profundidade do abismo. Aqui está o homem a pensar em Deus, porque está pobre, está sozinho, já se não vê idolo dos outros e divindade de si próprio. A desgraça, que traz sempre consigo um anjo vestido no céu com uma luz que arde inextinguível no túmulo de Silvio Pellico, assenta-se ao lado do infeliz e começa por lhe dizer:

«Que eram esses bens da vida, se tão depressa te reduziste a esta pobreza! Olha tu para as estrelas que cintilam serenamente sobre a voragem que tos devorou, e pede ao meu anjo que te diga o que há destes milhares de mundos para além!»

Ah! Quando esta voz repercuta na consciência de um pai, e ao mesmo tempo a assa da morte roça e tinge de rubor febril a face de sua filha, então sim, Deus entreluz na treva, a alma crê, mas

crê para pedir de mãos erguidas. Isto é fé, é fé que relampagueia; mas eu não sei se alguma hora a razão dos grandes desgraçados foi alumiada por esse relampago.

Pelo que, assim orava o «Africano», às quatro da manhã, em pé, defronte do leito da filha adormecida.

Entraram na casa apalacada de Rui-vãs, inesperadamente.

Quando o souberam os vizinhos, um correu à igreja a repicar o sino e a sineta, outro rompeu as nuvens com girândolas, a orquestra da terra, que andava dispersa a sarchar os milharais, confluíu de galope a casa do mestre, escodeou as mãos no regato, travou dos metais e prorrompeu estridulamente à porta do «Africano», tocando o hino de 20, o hino do sr. Costa Cabral, o hino da sra. Maria da Fonte, o hino do sr. Duque de Saldanha e o do Santo Padre Pio IX.

O «Africano» saiu à janela com sua filha, cortejou o público, assistiu a duas mazurcas tocadas com variações de requinta e pediu vênias para recolher-se, em razão de sua filha se sentir mal com o sol que lhe dava no rosto.

O público murmurou, trejeitando uns momos significativos de menos respeito.

O feitor foi dizer a seu amo que era preciso dar de beber aos músicos e receber a visita dos parentes e mais lavradores.

O Duque respondeu: — Vá aí fora ao pátio e diga bem alto que eu estou pobre.

— Pobre! — acudiu o feitor casquinhando um riso perspicaz. — Bem me fio eu nisso! V. a. está a mangar!...

— Faça o que lhe digo — voltou severamente o amo.

E, de fato, o criado foi ao pátio, chamou a si os lavradores mais grados, o mestre da música, o boticário de Delães, e o boticário de Landim, e o regedor de Vermoim, e disse-lhes:

— O ilmo. sr. Duque manda-me dizer a vossences que está pobre.

Os circunstantes olharam uns para os outros, embrutecidos pelo mesmo choque. Um deles, porém, que eu presumo fosse um dos dois boticários, deu aos belcos um jeito de quem vai orar. Encararam-no todos, e o boticário tirou do peito estas duas palavras:

— Ora bolas!

E saiu do pátio.

Tenho esquadrinhado o melhor sentido daquelas palavras do ático farmacêutico. Consulte filólogos que mais convizinhem deste sujeito, e apenas colhi que as expressões «ora bolas» montavam tanto como dizer: ora bolas.

Eu, porém, dou mais lata interpretação ao epifonema, sabendo que todo aquele gentio boloiou (1) para casa.

O «Africano», passados seis meses, procurou um brasileiro rico de Ninães, recentemente chegado, e disse-lhe:

— Sei que o senhor está resolvido a edificar uma casa. Se quer poupar-se a grandes despesas, incômodos e desgostos, compre-me a minha. Vendo-lha por metade do que me custou, com uma condição: se eu e minha filha não tivermos morrido dentro de seis meses, serei obrigado a dar-lhe a casa no fim deste prazo; mas, nestes primeiros seis meses, o senhor não poderá ocupá-la.

Pediu o brasileiro explicações de tão estranha cláusula.

O Duque respondeu:

— Minha filha está mortalmente enferma. Tem um aneurisma. Eu também me sinto no termo da vida. Vou morrendo a cada hora que a doença me deixa ver a morte na face de minha filha. Não hei de sobreviver-lhe, se Deus me não fizer o benefício de me levar adiante.

Consolou-o o brasileiro conforme soube, aceitou a proposta e assinou as escrituras no dia seguinte, entregando ao vendedor alguns contos de réis.

Pagou o «Africano» as dívidas contraiadas em Cabo Verde, encerrou-se na antecâmara do quarto de sua filha, e deu-se pressa em agravar os seus padecimentos à custa de se remirar no seu infortúnio, de cortar bem dentro as fibras ainda rijas do coração, antecipando a imagem da filha morta, repulando todo o alívio da

esperança, furtando-se a todo o desfaleço, matando-se com a lentidão de um desvalrado que se escaverna num antro, esperando sem terror a entrada da fera e ansiando-a para se lhe rasgar nas presas.

Ao quinto mês do contrato, os padecimentos de Deolinda tocaram nos extremos sintomas da morte. As hemorragias amudaram-se. Estava já entorpecida, imóvel, salvo quando arrancava do seio as aspirações, que revelavam ao través das coberturas da cama os arcos do coração.

Nesta conjuntura, o pai estabeleceu entre si e Deus uma convenção que era já delírio precursor da demência ou da morte: «Se ela hoje morrer, ou Deus me mata amanhã ou, quando ela estiver sepultada, eu me matarei».

O pároco, que sacramentara Deolinda, ouviu estas vozes e disse aos botões da sua batina: «Este homem está no inferno».

Quando ficou sozinha, Deolinda chamou o pai e disse-lhe:

— Não quero ir desta vida sem dizer-lhe um segredo com que não devo morrer. No meu baú está uma caixinha de folha, que o mar lançou à praia, depois do naufrágio. Levaram-me em Cabo Verde esta caixinha, cuidando um marujo que fosse minha. Abri-a, e vi que encerrava cartas de u'a mãe muito extremosa para seu filho. O filho era aquele rapaz que vinha do degrêdo, e salvou os velhos e as crianças antes de morrer. A mãe, que lhe escrevia, diz-lhe em algumas cartas que tem sentido as angústias da fome. Chama-se ela... Meu pai lhe verá o nome e a terra onde vivia... Se tiver morrido, feliz dela. Se ainda viver, meu pai, mande-lhe como esmola o que ficar do meu espólio e diga-lhe que eu... lhe amo!... seu infeliz filho... até morrer... por ele!...

— Cumprerei a tua vontade, minha filha — respondeu o pai.

Ditas aquelas palavras, o «Africano» encanou na filha com a fixidez tórva de um amaurótico. Depois, como se sentisse dobrar sobre os joelhos, saiu da alcova, atirou-se como ébrio para o leito, e murmurou estas vozes:

— Meu Deus! Morro por amor de minha filha, e ela... morre por outro... Bem podia consentir a desgraça que eu morresse sem este desengano... Vinte anos a adorar esta filha, um ano a agonizar ao pé da sua agonia... e afinal ouço-lhe dizer que morre por um homem... que não era seu pai...

Escabujou em ânsias muito aflitivas, pedindo a Deus com dilacerante esforço que lhe abreviasse o transe. Rompeu em soluços; e, sufocado pelo choro ou por um gólio de sangue, arrancou da vida num estremecimento instantâneo.

Deolinda ouviu o murmúrio rouco desta convulsão da morte, e voltou a face para onde supunha que estava o pai.

Chamou-o. Sentou-se no leito com supremo esforço. Tangeu a campainha.

Acudiu a criada, a quem ela pediu que lhe desse o seu vestido. Foi nos braços da criada à sala contígua, onde o pai tinha o seu leito. Dobrou-se sobre o peito dele, colhendo-lhe nos lábios um hálito ainda quente, como vestígio da alma que passara queimando as fibras por onde abrixa a fuga do seu inferno.

— Morro! — bradou ela, golfando-lhe no seio o derradeiro sangue.

Transportada ao canapé fronteiro, ali se quedou emperdenida. Não houve rogos que a tirassem de lá. Viu amortalhar o cadáver de seu pai, viu-o sair no esquife para ser depositado na capela da casa, ouviu o último dobre da sepultura; e então, comprimindo o seio esquerdo com ambas as mãos, invocou a compaixão da Virgem Santíssima e expirou.

Lá está em cima aquela casa triste... O brasileiro que a comprou não a quis habitar. As janelas nunca mais se abriram. O vestido que despiram do cadáver de Deolinda pende ainda da espada do canapé em que ela morreu.

MARK TWAIN

(Continuação da pág. 39)

gelho do qual ele nunca se afastou.

Durante a maior parte de sua vida Mark Twain esteve interessado, antes de tudo, em conquistar posição. Não lhe sorria a ideia de escrever qualquer livro «a

não ser que» — citamos suas próprias palavras — «isso rendesse dinheiro e muito dinheiro». Daí o ter expurgado, ou permitido que seus amigos expurgassem, de muita coisa rebarbativa aqueles livros por ele escritos durante o seu período de «conquista de posição». O seu público não compreendia nem pagaria ideias sérias. Em «Pudd'nhead Wilson» escreveu: «A ironia não era para tal gente; aquilo estava fora do foco de sua mentalidade». E assim foi que deu a esse público uma série de livros — «The Innocents Abroad», «Tom Sawyer», «Huckleberry Finn», «The Prince and the Pauper», e um sem-número de contos — nos quais havia uma quantidade mínima de losna mitigada por uma dose máxima de mel. Seu gosto era muito superior ao de muitos dos seus leitores. Ele estava assombrado diante da mentalidade simplória capaz de achar graça numa história tão insípida como «The Jumping Frog». Nem sequer andava ufano com «Huckleberry Finn», a melhor de suas histórias desse gênero. Contos desses — concordava ele com Henry James — só podiam «cair no góto de espíritos rudimentares». Escrevia para um grande público porque mais lhe importava o seu dinheiro que a sua arte. Tinha vergonha de seu imenso público. «Tendes uma híbrida percepção de humor, nada mais; uma multidão de homens como vós possui isso. Essa multidão vê o lado cômico de mil coisas triviais e de baixo calibre — enormes incongruências, principalmente; coisas grotescas, absurdas, que provocam rinchavelhos».

(Cont. no próx. núm.)

O AMANTE

(Cont. da pág. 41)

monologava às vezes. Helena habituou-se a não dar opiniões. Ouvia-o falar das amantes e da família, impassível. Ele porém não lhe respeitava a indiferença, nem talvez mesmo a admitisse. Helena já não tinha curiosidades e muito menos ciúmes. A vida dele era uma e a dela outra. A sua condescendência, no entanto, era de um caráter que ele ainda não conhecia, não entendia. Enquanto pensava que a impressionava pela sua elegância e pelas suas perversões mentais, agarrava-se ela com desespero a uma coisa ilusória... àquele ir e vir de um homem!

Estava para ali, sem nada e sem ninguém, nem esperanças sequer... Havia de se enganar fosse com o que fosse! Não era uma estóica.

Um dia o amante chegou tarde e falou-lhe de um encontro que acabava de ter com um amigo de África. Aquela África na sua boca também se tornava fantasmagórica.

O amigo, como era de esperar, perguntou-lhe logo por mulheres, pelas suas amantes.

E ele respondeu-lhe: agora tenho uma!...

Dizendo isto olhava com garotice para Helena. Esta sentia-se suspensa, parecia não o entender. Quando enfim o entendeu os olhos arrasaram-se-lhe de lágrimas. Seria possível? Que grosseira e deprimente amabilidade!

Mas o amante tinha aquele gosto de ostentação! Teria dito aquilo por dizer, sem intuitos malévolos: podia falar do mesmo modo das suas gravatas ou dos seus parentes, e até de política ou das próprias mãos, que admirava...

A política era uma das suas paixões, mas paixão ligeira. Farejava-o intelectualmente, pelas novidades e pelo estilo. Bem como à literatura! Lía muito, conhecia pessoalmente vários autores e escrevia aos mais ilustres, de quem colecionava autógrafos.

Gostaria também de ser professor, homem de cátedra. Ou então frade... Não se considerava banal, como toda a gente. A sua própria incapacidade de escrever sem erros de ortografia lhe parecia notável, de um irregular bem dotado.

Numa hora de amabilidade confessou a Helena que estimava ensaiar com ela o que o autor dos «Climats» tinha feito com uma das suas protagonistas: uma lista dos seus defeitos e das suas qualidades...

(Cont. no próximo número)

Muro das LAMENTAÇÕES

NESTA MANHÃ DE DOMINGO

MARIA Celia envia-me esta carta, recebida no domingo. Quer que eu a comente. Para que? Leia-a, outra vez assim, em letra de fôrma, Maria Celia, e tome sua resolução.

"Minha afilhada: Receberás estas letras de tua velha madrinha quando os sinos da Catedral estiverem dominando com seu canto alegre os mil ruídos da grande cidade em que vives. Eu estarei, na capelinha da minha fazenda, pedindo as bênçãos para a minha afilhada.

Por isso, para que as minhas preces possam juntar-se às tuas, quero que antes de saíres para a missa leias com atenção o que te vou dizer. Perdoa e tolera que, pela primeira vez em vinte e dois anos, tua madrinha se permita intervir nos teus projetos, fazer reparos às tuas atitudes.

Conheces-me bem. Quando, há quatro anos, vieste aquecer com a tua presença o meu retiro tranquilo, dizias, rindo "Madrinha é desconcertante; não suporta entraves em seu caminho, mas repara sempre onde pisa." Figuraste bem, naquela frase, minha maneira de ser.

E porque reparo sempre onde piso, a vida, que armou para mim, como para todos, umas quantas ciladas, acabou por ceder-me, finalmente, a estrada certa que, si não nos conduz sempre à felicidade, não nos dirige, também, à vergonha ou ao remorso.

Disseram-me que te vals casar. Que o teu pretendente, que é casado e tem três filhos, está tratando do seu divórcio para tentar, em tua companhia, nova experiência conjugal. Disseram-me, mais, que nenhum motivo grave justifica esse divórcio, contra uma senhora de proceder irrepreensível, temperamento tímido e mãe dedicadíssima.

Sabes, porque muitas vezes debatemos essa questão, que não sou contra o divórcio. Entendo que quando um real desejo de entendimento e os recursos da educação não conseguem atenuar as decepções que matam o amor, e que daí se origina uma existência de quotidianas desavenças, é o divórcio a medida higiênica a evitar a aviltamento completa dos espólios, empenhados no mais doloroso e estranho dos ódios, o ódio conjugal.

Que uma vez recuperada a liberdade tornem os divorciados a procurar casamento, é questão de circunstâncias, variáveis em cada caso e que não vem a propósito analisar aqui. Mas o teu caso é diferente. Não se trata de um homem que tenhas conhecido quando já liberto de compromissos. Trata-se de alguém ainda ligado à família e que nada tem a dizer contra a esposa senão que ela deixou de agradar. Trata-se, ademais, do pai de três pequeninos.

Sei que a teus olhos, aos teus pobres olhos de moça moderna que pensa, aos vinte e dois anos, que a vida não tem mais segredos, esse homem se apresentou como um incompreendido. Um afetivo, um sensível, que não encontrou em seu lar o calor, o carinho, a simpatia que esperava. Vem para o teu amor, para a tua radiante mocidade, como um sedento que se tivesse debatido, durante anos, contra as agruras do deserto.

Pelo menos, é assim que ele conta a história. Será verdadeira ou não. O essencial, porém, é que tu a consideras genuína. Vês nesse tipo de casamento que as novelas modernas e os filmes americanos mostram tão romântico, algo especial, qualquer coisa de audacioso, de diferente. E estas certa de que gostas desse homem, de que não podes viver sem ele.

Em primeiro lugar, minha afilhada, tu não gostas desse homem. Em segundo lugar tu fazes do casamento a mesma, exatamente a mesma ideia errada que dele fazia a tua avó e fará a tua neta, si até lá existirem netas e casamentos: "Comigo ele será feliz... Eu o compreenderei..."

Si tu pudesses saber de que mosaico miúdo é pavimentado o caminho da vida conjugal! Si tu suspeitasses que "puzzle" embaraçoso se nos depara, logo aos primeiros dias de casadas! Si soubesses o tremor que se apodera da mulher sensível, de personalidade complexa, quando se vê diante de uma existência onde ela já não caminhará sozinha, antes terá que ajustar os passos, os toques, o sentir, ao sabor, ao sentir, dos passos e dos gostos do companheiro! A mulher desse homem que te pretende não soube decifrar o enigma da vida a dois, e foi derrotada.

Tu vens, coroada de todos os esplendores de uma vida que começa, embelezada por todos os requintes de uma adolescência mimada e colocaste ao lado da pobre vencida, impiedosamente.

Ela é forçada a abrir de par em par as portas de sua vida e deixar-te invadi-la. É forçada a ter entre as mãos o coração palpitante e doloroso para que dele tires, descuidada, como quem arranca pérolas de um cofre rústico, um marido, três filhos, um lar, um nome, doze anos de cruéis esforços e abnegados silêncios. E partirá, encolhida e humilde, enquanto tu e aquele que um dia a amou, festejareis vosso fácil triunfo.

Que farás, depois, dos trofeus da vitória? Em que língua encontrarás palavras para os filhos da outra? Em que livros ignorados aprenderás a ciência de ser feliz sobre os despojos de uma existência?

E que sabor terão as primeiras lágrimas que esse homem te fará derramar, esse homem que caminha cego, "sem ver onde pisa", cancelando, com um gesto brutal, todas as páginas já escritas de sua vida?

(Cont. na pág. 56)

(1) Não se procure boloiar nos dicionários, enquanto os dicionaristas ignorarem a linguagem popular do clássico povo do Minho e Trás-os-Montes. Lá, fazer boloiar uma bola, é boloiar.

AGORA SÓ SOFRE DO ESTÔMAGO QUEM QUER!!!

Certas doenças do estômago têm, quase sempre, como causa básica o excesso de acidez do suco gástrico. Com o correr do tempo, essa anomalia funcional do estômago provoca sérios distúrbios que acabam por desequilibrar completamente o sistema digestivo dando lugar a uma infinidade de moléstias, que vão se tornando cada vez mais agudas e são causa de graves sofrimentos e sacrifícios. A flatulência, a dispepsia, a má digestão, o mau hálito, a língua saburrosa, as dores de estômago, as digestões lentas e dolorosas, as cáimbras na boca do estômago, e mesmo, as perigosíssimas úlceras são provocadas pelo excesso de acidez do suco gástrico. Felizmente, agora, com os Papéis Bankets, é fácil corrigir rapidamente e para sempre estes males que causam tantos sofrimentos e que tornam a vida de tantas pessoas um verdadeiro inferno. Impossibilitadas como ficam de alimentar-se bem e mesmo, de atender as suas obrigações diárias. Se V. S. é vítima de algumas destas moléstias do estômago, proceda a um tratamento racional com os Papéis Bankets. As suas propriedades sedativas e medicamentosas atuam decisivamente sobre o mal, corrigindo-o em pouco tempo e para sempre.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.



Publicidade para a REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:
Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217

FONE — 6-6718

TORTURA

(Continuação da pág. 15)

bo, permaneceu firme, enquanto o espírito se elevava para o infinito. Em dado momento, achava-me entre gigantescas montanhas de granito plúmbeo. Sobre os cumes, ninhos de pássaros já mais vistos antes em parte alguma do mundo. Eram feitos de enormes pássos e ligados com arame farpado. E estavam todos vazios. Atravessi uma das pontes que ligavam todos os picos das montanhas e senti-me sobre um banco de pedra. Uma densa neblina passou rapidamente entre os montes e dissipou-se totalmente. Foi então que eu vi com horror que ela havia levado todas as pontes! As montanhas eram tão altas que tocavam a abóbada do céu. Embaixo, o abismo. Prisioneiro, e tremendamente só, pus-me a chorar, gritando por socorro. Mas ninguém me ouvia. Os meus gritos vieram de volta, trazidos pelo eco, num som multiplicado por mil, mais alto que o da trovoadas. Senti-me acorrentado sobre o banco de pedra. Já não gritava mais. Os olhos, fixos no além. Vi, minutos depois, nuvens densas e negras descenderem das alturas e se aproximarem de mim. Mas não eram nuvens. Eram pássaros, gigantes, de formas horríveis, asas sem fim, pernas compridas e grossas como troncos de árvores, corpos de baleias e bicos que se assemelhavam a guindastes abertos. E tinham dentes! Dentes alvos como a neve, grandes como foices, brilhando e rangendo, ameaçadores. De todos os pontos cardiais vinham em minha direção. Esqueci as dores e não chamei por socorro. A minha imaginação não permitiu tomar nenhuma atitude. Via-me deitado sobre o rochedo, os monstruosos pássaros em torno de mim, esmagando-me as carnes. Mais um instante e os seres infernais me agarravam de todos os lados, enfiando seus dentes aguçados no meu corpo. Soltei um grito de horror. Lagos de sangue corriam das chagas abertas do meu organismo, enquanto as vorazes criaturas retalhavam todo o meu ser.

Acordei em sobressalto, molhado de suor. Todo o corpo me doía. Levantei-me com tremenda dificuldade e desci da cama. Aproximei-me do espelho. Parecia vinte anos mais velho. O meu rosto era uma máscara, o rosto de um dos cadáveres que eu tantas vezes via durante as aulas de anatomia no anfiteatro da Faculdade de Medicina! Tomei um forte calmante e resolvi procurar um grande médico de clínica geral.

No mesmo dia consultei o médico. O exame foi minucioso e demorou mais de uma hora. Não conseguiu estabelecer diagnóstico, alegando que era isso seriam necessários vários exames. Data desde aquele dia a minha peregrinação médica. Fizera toda sorte de exames e nada descobriram. Eu tinha um organismo perfeito, sangue puro, bom coração, pulmões em estado normal, nenhuma lesão em parte alguma do corpo. Indicaram-me os maiores neurologistas, que também nada de anormal descobriram no meu sistema nervoso. No entanto, não deixaram de indicar remédios. Submeteram-me a não sei quantos tratamentos, dos mais incríveis e absurdos. Ateu desde muito cedo, acabei acreditando não somente na existência de Deus, como também nas curas milagrosas de charlatães, curandeiros e médiums espíritas. Durante seis meses consecutivos ia de médico em médico, de curandeiro em curandeiro, mas todos falharam miseravelmente. Minha vida se transformou num inferno. Esse inferno era real. Eu o via todos os dias, sentia os seus múltiplos horrores. Durante o dia sofria as consequências dos pesadelos noturnos. Minha mente estava povoada de espíritos. Ao fechar os olhos, via caras horríveis, monstros hediondos, fantasmas, uns rangendo os dentes, outros olhando com olhos de fogo para mim, muitos ameaçando-me de mil e uma maneira. Mais tarde comeciei a ouvir vozes. Eram diálogos que não tinham nexo algum, frases esparsas, perguntas sem respostas, gritos de horror, choros de criança, voz

dos de moribundos, gargalhadas satânicas, cânticos fúnebres. E durante o sono, os pesadelos...

Esse estado de coisas não tardou em transformar-me em lamínivel ruína humana. Momentos houve em que parecia totalmente a noção das coisas. Falava consigo mesmo, evitava o encontro com parentes e amigos. A idéia de suicidar-me não saía de minha cabeça. Justamente antes do adormecer, via diante dos meus olhos, entre os espectros que povoavam a minha imaginação, uma corda, já em forma de nó, um rio caudaloso que era um convite para me atirar nele, um trem correndo a dezenas de quilômetros, uma revólver carregado de balas... Os dias eram longos demais para mim, as noites me torturavam como a água que torturava a Prometeu. Em suma, — eu estava à beira da loucura.

Mas os homens são como as minhocas: acostumam-se com tudo, aclimatam-se em qualquer ambiente. Certo de que eu sofria de uma doença sem causa e incurável, resignei-me com o meu triste destino e lutei desesperadamente contra as artimanhas daquela horrível situação. Familiarizei-me com os espectros que me perseguiam, suportava esteticamente as dores físicas e as torturas espirituais. Ora pensando em pôr termo à minha existência, ora disposto a enfrentar os males que me ameaçavam de extermínio por meio de uma morte lenta e cheia de sofrimentos.

Uma tarde, sentado na minha poltrona, comeciei a cochilar. Das profundezas da escuridão começaram a surgir, em selvagem desordem, fantasmas de todos os tamanhos, rindo, chorando, cantando, gesticulando, dançando, pulando, numa orgia jamais imaginada. Eu, no meio. Com grande pompa levaram-me a um grande cemitério e, ao passarmos perto do ossário, desapareceram todos como por encanto, deixando-me sozinho na imensa cidade dos mortos. Eu não sentiria medo algum, pois não era a primeira vez que me achava sozinho entre sarcófagos de pedra que cobrem milhares de mortos. Mas aconteceu algo que me tirou a fala. Vi, horrorizado, como o grande portão do ossário se abria, girando nos gonzos. Quis fugir, mas algo me deteve. Quis fechar os olhos para não ver o que sucederia depois, mas as pálpebras não desciam. Preso ao chão, imóvel, os olhos fixos na escuridão do ossário aberto, vi, de repente, a saída ordenada dos mortos. Primeiro, marchavam os esqueletos, depois, mortos em estado de decomposição. V. uma moça muito pálida, de olhos pretos como pira, mas enfeitada com flores vivas. Tinha os olhos cerrados e levava uma vela acesa nas mãos. Ao passar perto de mim, abriu o olho direito e piscou para mim. Depois, tornou a fechá-lo. Uma vala comum se abriu diante do ossário. Esqueletos, cadáveres, ossos emersos, caveiras, cabeleiras, dentes esparsos e dentaduras, olhos, dedos, orelhas, tripas, pulmões, corações, costelas, tudo isso saía do túmulo coletivo e caía fatalmente na vala aberta. Fim da macabra procissão, o imenso portão tornou a fechar-se. Vi, então, do meio dos mortos, sair uma chama de fogo, que se elevava até o céu. Ao desaparecer, surgiu em seu lugar um cadáver em decomposição: apontou com o polegar para mim e assim ficou alguns instantes. Nesse curto lapso de tempo pude observá-lo. Como médico, percebi que se tratava de um leproso. A doença já havia corroído os seus olhos, mutilou grande parte do seu organismo. Morto, em fim, a morte tomara a si a tarefa de liquidar o resto. Mas ele ainda estava vivo! Estava de pé, as horrendas órbitas fixas nos meus olhos, e dedo apontado para o meu rosto. E falava! "Eu sou o homem que você matou na mesa da operação" — gritava ele com uma voz rouca — "e agora você pagará pelo crime que cometeu, sendo enterrado conosco". Senti algo que não pode ser descrito. O leproso agarrou-me pela garganta, arrastando-me para a vala. Quis gritar mas não podia. Os meus olhos, formava órbitas, pareciam, no entanto, ver o céu e a terra com uma grande luz, atirando tor-

ra sobre os restos humanos e sobre mim. A terra cobria tudo, tudo. Falava-me ar para respirar. A terra me comprimia. Com o último esforço que me restava, lembrei-me das unhas e comeciei a afastar a terra. Mas o covão percebeu a minha luta e deu-me tremendo golpe sobre a cabeça. A dor era horrível e soltei um grito de louco.

Minha irmã ouviu o meu grito e veio correndo. Encontrou-me quase desmaiado, tremendo de medo, os olhos cheios de lágrimas e as unhas crispadas no estofamento da poltrona. Disse-me com decura uma porção de coisas que não consegui entender. Vi lágrimas em seus olhos, lágrimas do tamanho das pérolas, rolando lentamente sobre a sua face pálida e triste. Levantei-me pronunciando palavras sem nexo. Os espectros do ossário me perseguiam: pisava sobre dentes, dedos, costelas... Minha retina estava cheia de chagas produzidas pela lepra. Em minha orelha se confundiam as vozes surdas dos moribundos e o ranger de dentes das fantasmas. Mais uma vez via diante dos meus olhos o nó da corda, o rio caudaloso, o trem correndo com velocidade incrível...

Todos os meus pesadelos eram horríveis, mas o do ossário foi sem dúvida o pior de todos, pois ele me perseguia também durante o dia e durante muitos meses. O medo de ser enterrado vivo me atormentava.

Um dia, comprei um par de sapatos. Coloquei-os na loja e dei os velhos a um mendigo que passou diante da porta. Depois de caminhar um pouco, percebi que os sapatos eram pequenos e me apertavam tremendamente. Ao chegar em casa, tirei os sapatos e respirei aliviado. Tirei também as meias e assim vestido, cansado da caminhada, deitei-me sobre a minha cama. Fechei os olhos e dei de encontro com os meus amigos inseparáveis, os espectros, ouvi as suas conversas sem nexo e vi o seus semblantes horrorosos. Alguns minutos depois, estava dormindo.

Morri. E essas coisas só acontecem comigo: eu estava morto, prestes a ser enterrado, mas ouvia tudo que falavam. Ouvi minha pobre irmã chorar, ouvi os cânticos fúnebres de um padre, meu amigo. Senti quando tiraram a minha roupa, para botar um terno preto. "Os sapatos", disse alguém, cuja voz me era completamente estranha. "Será enterrado sem sapatos", respondeu alguém. "E a vontade do morto", prosseguiu, "pois aqui está o seu testamento". E leu em voz alta: "meu último desejo é ser enterrado sem sapatos e sem meias". Depois da leitura, puseram-me no caixão. "Quero cobri-lo com uma colcha", disse minha irmã chorando. E me levaram embora. Eu assisti ao meu próprio enterro. Todo o meu caixão estava coberto de corações enviadas pelos parentes e amigos. Os meus colegas do hospital e o professor da faculdade de medicina estiveram todos presentes. Andavam a pé e estudantes carregavam o meu caixão. Percebi que eu era muito estimado, pois todos os transeuntes tiravam o chapéu... Em todas as janelas apareciam homens e mulheres para me dizer o último adeus. E eu não estava morto! Ia ser enterrado vivo!...

Não sei quanto tempo durou o meu enterro. Uma eternidade. Enfim, eu estava só, coberto por um monte de terra. Nunca vi tamanha escuridão, nem nunca senti tanta falta de ar. Tentei sair do caixão, mas a tampa era muito bem pregada. Quis usar os braços, mas estavam cruzados, sem forças, ineptos para lutarem contra a madeira da minha última morada. Lambrei-me, então, de usar os pés. Com todas as minhas forças tentei empurrar a tampa da parte dos pés. Tive, porém, que desistir, devido as grandes dores causadas pelas cáimbras. E abri os olhos. Eu não estava morto, nem enterrado vivo. Não sabia se era madrugada ou anoitecer. Mas eu estava coberto com uma colcha. E meus pés, sem meias, pálidos, me doíam terrivelmente. Naquela instante, entrei minha irmã e me disse que ela me cobriu com a colcha, pois era muito frio no quarto e ela tinha que eu me resfriava.

Não se a m recurso médicos entanto tamente solvera estran longa maiores visitado coisas giões m minha te as delos distrai sorte o mesr em bai por un va deso de ver simo p caminh chegou de Ys, pelos e sa do encontri causou do mar Ouvi c sinos o os mor ba aqu vindas rei de As sus morte os mut bém, r sinos c hinos deza d mar... Quant nos pa trem, c uma pa que zo onde m mais r da ter dia. L mesmo pássaro picavan E nã vèzes c tória e eles, s causara pode i prios e depois Tomirã uma f na pra lin, co uma v horizon avalanc aos ou a cam mens horizon samarr amarra pois, p pé, ent cabeça Mas er vas, n deitava Não se pente até a que so Não che de ximara oficial, ceifand Tanh Ela rol próprio para p Dura fri os F pelos f los neg pntes do pel

Não sei mesmo se eu teria sobrevivido se a minha família não tivesse grandes recursos. Embora todos os tratamentos médicos falhassem, não deixaram, no entanto, de me submeter a novos tratamentos. Mas depois de dois anos, resolveram meus pais consultar médicos estrangeiros, e então começou a minha longa viagem pelo mundo. Visitei as maiores cidades do globo, consultei as maiores sanidades médicas dos países visitados. Tudo em vão. As novas coisas que me foram dadas ver nas regiões percorridas, longe de aliviar a minha dor, serviram apenas para durante as noites se transformarem em pesadelos. Se durante o dia procuraram distrair-me a bordo do navio com toda sorte de passatempos, durante a noite o mesmo navio sossobrava ou navegava em baixo d'água. Ora eu era engolido por um peixe monstruoso, ora eu lutava desesperadamente entre os tentáculos de ventosas sugadoras dum horribilíssimo polvo. Pior de tudo foi quando caminhei léguas no fundo do mar, e cheguei finalmente à cidade encantada de Ys, nas costas da Bretanha. Entrei pelos diques que Dahut, a filha perversa do rei de Ys, deixou abertos para ir encontrar-se com o seu amante, o que causou a invasão da cidade pelas águas do mar, que a sepultaram para sempre. Ouvi o longo e tristonho badalar dos sinos da catedral submersa e vi todos os mortos se levantarem da imensa tumba aquática. Vieram dar-me as boas vindas. Em sua frente, caminhava o rei de Ys e sua filha. Eram horribéis! As suas carnes eram deformadas pela morte e pelos monstros marinhos que os mutilavam diariamente. Havia, também, muitos esqueletos. Ao som dos sinos da catedral, os mortos entoavam hinos melancólicos, lembrando a grandeza da orgulhosa cidade tragada pelo mar...

Quantas e quantas vezes não me via nos pesadelos noturnos despedaçado pelo trem, que durante o dia me levava de uma para outra cidade? Visitava o parque zoológico de Londres, por exemplo, onde me foi dado conhecer os espécimens mais raros da fauna de todas as partes da terra. Isto, naturalmente, durante o dia. E à noite, oh! à noite!... Esses mesmos bichos me esmagalhavam, os pássaros me devoravam, as serpentes me picavam e enchiam de veneno mortal...

E não era só isso. Sonhava muitas vezes com os grandes mártires da história e muitíssimas vezes passava por eles, suportando os suplicios que lhes causaram a morte mais horrível que se pode imaginar. Eu vi com meus próprios olhos a minha cabeça cortada e depois mergulhada, por ordem da rainha Tomiris, num vaso cheio de sangue! De uma feita, me encontrava em Moscou, na praça Vermelha. Dum lado, o Kremlin, com toda sua grandeza; doutro, uma vasta campina, que se perdia no horizonte. Em dado momento, vi uma avalanche de homens amarrados uns aos outros, e arrastados à força para a campina. Vi, em seguida, outros homens livres, cavando fossas em linhas horizontais. Terminada essa tarefa, desamarravam os prisioneiros, tornando a amarrar apenas suas pernas e mãos. Depois, puseram cada qual numa fossa, de pé, enterrando-os até o pescoço. Só a cabeça ficou fora. Pareciam repolhos. Mas eram cabeças humanas, cabeças vivas, nas quais olhos cheios de horror deitavam chispas para todos os lados. Não sei como isso aconteceu, mas de repente via-me no meio deles, enterrado até a cabeça! Não sabia absolutamente que sorte me aguardava.

Não levou muito tempo, nova avalanche de homens, armados de foices, aproximaram-se de nós e, sob a ordem dum oficial, começaram a sua sinistra tarefa, ceifando os repolhos vivos!

Também a minha cabeça foi cortada. Ela rolou várias vezes na poça do meu próprio sangue. Mas ainda tive força para pedir um cigarro...

Durante cinco anos consecutivos, sofri os maiores suplicios de todos os tempos. Fui embalsamado e enterrado vivo pelos faraós do Egito, esfolado vivo pelos negros da Abissínia, atirado às serpentes venenosas pelos índios, empalado pelos turcos, queimado vivo nas fo-

gueiras inquisitoriais, atirado às feras nas arceras de Roma, cozido em azeite fervente pelos árabes, devorado pelas formigas nas terras do México, enforcado pelos piratas, atirado das mais altas montanhas, triturado, esquarterado... Passei por tudo isso e milhares outras coisas mais que deixaram em sombra os suplicios chineses.

E apesar de todas as intervenções médicas, não se logrou eliminar esse mal, mas apenas aliviar os meus sofrimentos. Perdi totalmente a minha fé na medicina e comeci a acreditar em coisas sobrenaturais. Mas isso também não adiantou, pois, o meu caso foi piorando de dia para dia, a ponto de me fazer perder todas as esperanças de salvação.

Voltei da viagem exatamente como saí. Os pesadelos saíram e voltaram comigo. E com que lucro para eles! Entrementes, o tempo passava. Aos vinte e oito anos de idade, parecia um homem de quarenta. Os recursos da família foram se esgotando, minha pobre irmã sofria mais do que eu. Maldizia a minha sorte e começava a pensar seriamente em pôr termo à existência. Não me faltava coragem para isso, mas o que me impediu foi a desgraça que iria causar à minha família.

Um dia, visitou-nos um velho amigo do meu pai, riquíssimo fazendeiro, dono de imensa ilha tropical. Todas as plantações de açúcar, a usina de luz e força, os maiores edifícios da cidade, os bancos, a indústria e alto comércio lhe pertenciam. Certamente o meu pai lhe contou, na minha ausência, o meu miserável estado. Um dia, depois do almoço, quando ficamos os três no jardim, ele me convidou a passar algumas semanas na sua fazenda. Meu pai aprovou a idéia. O visitante descreveu a sua ilha com tanta cores vivas, que ela se me afigurava como um verdadeiro paraíso terrestre. Resolvi aceitar o gentil convite, mesmo porque na situação em que me achava, nada tinha a perder.

Partimos uns dias depois. A viagem, de navio costeiro, foi pior que os meus pesadelos, os quais já me eram familiares há tantos anos. Finalmente, doze dias depois, chegamos ao destino.

Era realmente uma bellissima ilha, grande, cheia de arvóres, plantas e flores tropicais. A fazenda do nosso amigo era enorme. E o que mais me encorajava era o hiate que pestencia ao fazendeiro. Travei conhecimento com um jovem advogado, empregado na fazenda, e elaboramos planos e planos para divertimentos nas horas vagas.

Passadas algumas semanas, eu me sentia exatamente como antes. Apenas fiquei conhecendo toda a ilha e os seus arredores. Divertia-me todos os dias, mas durante as noites, os pesadelos, já ligados às coisas da ilha, continuavam a sua obra.

Um dia, via um aborígene matar uma enorme aranha. Tinha o tamanho de um punho, parecia de veludo e era muito venenosa. Ele esmagou-a com uma pedra e vi como os seus membros despedaçados ainda se moveram. A cena era horrível, mas ela não me incomodou, pois coisa pior eu vira inúmeras vezes em meus pesadelos. Isto ocorreu de manhã. Todo o dia decorreu sem novidades, passei com o meu amigo, o advogado, montamos a cavalo e voltamos na hora do jantar. Comi bem, senti-me bastante melhor que nos dias anteriores e até comeci a crer que as coisas iriam melhorar. Era uma noite quente demais. Saímos para o jardim e deitamo-nos nas redes, para descansar. O calor era tão forte que mesmo lá fora parecia estarmos numa fornalha. Adormeci. E fui festivamente recebido pelos meus amigos, os espectros... Eu era a aranha, aquela aranha que o aborígene esmagara. Mas eu estava vivo, no meio da minha imensa teia, à espera das vítimas. Eu sabia que a minha espécie devorava camandongos, escorpões e até pequenas serpentes. Olhei, portanto, para todos os lados com a esperança de avistar algum desses bichos. De repente, vi num cantinho algo que se movia. Era um camandongo enorme, do tamanho de um homem. Esfreguei bem os olhos para

ver se não me enganava. Não, não me enganeci. O camandongo tinha realmente uma cabeça de homem, a cabeça do aborígene que matou a aranha! Imovel, fingindo que nada enxergava, esperava por ele. E ele vinha diretamente em direção da teia. Chegou perto, levantou a cabeça e as duas patas dianteiras. Quando ele se lançou contra mim, encolhi-me todo para dentro da minha morada e o camandongo se atirou sobre os fios da teia, em minha perseguição. Foi a sua perdição. Sai do outro lado e comeci a enrolá-lo de todos os lados. O mísero ser soltou um gêmido de horror e principiou a debater-se horrivelmente entre os fios que o aprisionavam. Mas em vão. Poucos minutos depois, a minha tarefa estava concluída. Principiei, então, a devorá-lo. Primeiro, suguei o seu sangue, enquanto ele soltava urros que fizeram estremecer toda a ilha. Com minhas oito pernas agarrei-o por todos os lados e, depois de tirá-lo todo o sangue, acabei rasgando as suas carnes, devorando-o vivo. Eu já estava farto, mas por um requinte de crueldade, continuei a maltratá-lo e só o larguei quando me senti extremamente cansado. Os maxilares me doíam tremendamente.

Os maxilares! Quando abri os olhos, senti a mão direita sobre os maxilares, que me doíam como nunca. Olhei para a rede — a teia de aranha do pesadelo — e vi algumas cordas incrivelmente desfibradas e ainda molhadas com saliva. Compreendi que aquilo era minha obra...

Não vou contar os demais pesadelos sofridos até o dia em que o meu amigo, o advogado, me anunciou que, com a aproximação da época da pesca, iríamos passar alguns dias no alto mar, a bordo do hiate. Gostei da idéia e comecemos os preparativos para partir.

Saimos numa manhã cheia de sol e calor tropical. O hiate estava carregado de tudo, levando a bordo uma tripulação de sete pessoas: eu o meu amigo e cinco nativos. Depois de dois dias de viagem, já no alto mar, irrompeu, depois de meia noite, uma terrível tempestade. Toda a ira do mar lançou-se sobre a nossa embarcação. Os nativos lutavam desesperadamente contra as vagas ameaçadoras, o advogado lhes dava ordens e eu, encolhido, impassível, junto ao mastro, assistia àquela espetáculo que era uma pálida imitação de outros tantos que eu vira tantas vezes nos meus intermináveis pesadelos. E o mar continuava a arrojar as suas vagas contra o hiate. Em dado momento, apoderou-se de mim aquele medo experimentado nos meus pesadelos. Perdi a noção das coisas. Eu não sabia mais se o que se passava naquele inferno era pesadelo ou realidade. Ouvi um estrondo medonho, que resultou incontinentemente na extinção total da luz elétrica. Ficamos às escuras, em meio às ondas revoltas. Outros estrondos se fizeram ouvir e o mastro, partido no meio, caiu para o lado da proa. Um grito selvagem de um dos nativos foi logo em seguida abafado por uma montanha de água que invadiu o convés. Agarrei-me a alguma coisa muito dura e esperei até a água passar. Era inútil chamar os tripulantes, pois a tempestade rugia sem cessar, enquanto as vagas marinhas, enormes e brutais, agoitaram o hiate de todos os lados, partindo-o em pedaços e produzindo choques medonhos. A escuridão era completa.

Despertei repentinamente e pela primeira vez percebi uma força estranha no meu organismo. Compreendi que a minha existência, a minha vida, corria grande perigo. Aquilo não era mais pesadelo. Era a realidade, e eu queria viver. Levantei-me bruscamente e agarrei-me numa corda que pendia do "deck" superior. O meu raciocínio foi perfeito. Era preciso fazer algo para que o hiate não sossobrasse. Chamei o meu amigo, mas ele não respondeu. A tempestade rugia como uma fera enjaulada ou ferida. Chamei os nativos. Nenhuma resposta. Eu jamais fui esportista e nada entendia de navegação. No entanto, até hoje não compreendo como, trepei naquela corda até chegar ao "deck" superior. Eu conhecia bem o hiate, o que facilitou a minha entrada

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

BUSTO IDEAL

EM DOIS MESES COM AS

PILULES ORIENTALES

TONICAS E RECONSTITUINTES

Sempre bemfeizes para a saúde



Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de J. R. ATIE, farmacêutico, 45, rue de l'Éclairage — PARIS — A venda em todas as farmácias e drogarias. Agente geral para o Brasil, Caixa Post. 2562, RIO DE JANEIRO. (Agr. J.N.S.P. sob o N.º 87 em 24-6-1917)

MALES DO FÍGADO?

FIGACOL

TRATAMENTO

RÁPIDO - SEGURO - EFICAZ

NÃO SOFRA DO FÍGADO!

TOME

FIGACOL

UMA ESPECIALIDADE COM A GARANTIA DOS PRODUTORES DA FAMOSA

EMAGRINA

ADQUIRA NAS FARMACIAS E DROGARIAS OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

CAIXA POSTAL, 2335 — RIO

BROTUEJAS, FRIEIRAS, SUORES

USE
DE



ANTISEPTICO
CICATRIZANTE
DESODORIZANTE



VARIZES

E HEMORRÓIDAS

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómeis nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

DA VIDA NADA SE LEVA...

A todos os homens e mulheres, desiludidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pilulas Maratú, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como técnico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuama (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias e que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal de sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque... da vida nada se leva.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo



APRENDA RÁDIO

por correspondência, pelo método ultra moderno da maior escola do Brasil. Ensino prático em 25 semanas. RÁPIDO — EFICIENTE — ECONÔMICO. V. S. RECEBERÁ GRÁTIS: Jogo de ferramentas — Instrumento de medição Tester — Manual de reparações rápidas — Manual de circuitos — Manual de válvulas. Mande hoje mesmo o coupon abaixo devidamente preenchido.

INSTITUTO MONITOR LTDA.
RUA AURORA, 1021
São Paulo

Solicite o folheto grátis: "Como ganhar dinheiro no Rádio".

Nome

Rua

N.º

Cidade

Estado

na cabine central. Procurei em todos os cantos até que encontrei o que tanto procurava: uma bateria elétrica. Sai imediatamente e percebi que o iate estava tremendamente avariado. Navegava ao leu, sem ruído. Chamei os companheiros. Nada. Desci à sua procura, mas não os encontrei. Compreendi que as vagas os arrastavam para o mar e eu estava só. Corri ao leme e procurei, mesmo sem saber como, governar o que restava da embarcação. A tempestade foi diminuindo. Raiava a madrugada.

O sol nasceu num mar de sangue, lembrando a cabeça decapada de Ilíofernes. Uma brisa suave alizava o meu rosto. As águas estavam tranquilas e o iate, navegava lentamente. Larguei o leme e fui ver se encontrava algum dos companheiros. Apenas dois: o meu amigo, o advogado, inconsciente, e um dos nativos, sob o mastro partido, gemendo de dor. E tudo aquilo não era pesadelo... E eu me senti tão forte!

O mastro seria muito pesado para mim levantá-lo sozinho. Corri, então, em socorro ao advogado. Consegui fazê-lo recuperar os sentidos, dei-lhe em seguida uma dose de conhaque e apontei-lhe o mastro que comprimia o pobre aborígene. Ele levantou-se e ambos afastamos a enorme viga.

Pobre aborígene! Ele estava moído e ensoopado do seu próprio sangue. O meu amigo trouxe uma cadeira de preguiça e nós o deitamos sobre ela. Tirei a sua roupa e examinei o seu estado geral. Tinha duas costelas quebradas, o ventre aberto, as duas pernas esmagadas. Aquilo, sim, é que se podia chamar uma ruína humana. E tudo aquilo não era pesadelo... "E' preciso operá-lo, e já", disse eu ao advogado, que me fitou espantado. Sem esperar que ele dissesse qualquer coisa, perguntei: "Tem alguns instrumentos cirúrgicos a bordo?"

Ele respondeu afirmativo. Mandei trazê-los imediatamente. Examinei-os e vi que serviam. Mandei trazer panos limpos, água quente, álcool. Desinfetel tudo. Instruí ao meu amigo o que devia fazer durante a operação. A falta de cloroformio, amarrei as pernas e os braços do aborígene e firme, exatamente como naqueles primeiros tempos em que realizei várias operações que repercutiram em todo o país, comecei a operação. O pobre nativo soltou alguns urros e depois silenciou, perdendo os sentidos. Abri mais o ventre, cortei o que era necessário, coloquei as tripas no seu lugar. Aquilo não era pesadelo e minha mão tremia! Finda a operação, tratei de despertar o aborígene.

Era de ver o meu amigo, o advogado. Estava pálido e tremia. Vi nele "eu", durante os meus horribes pesadelos... Encorajei-o e desci para a cozinha. Preparei algo para comer e café. Avisamos, de longe, uma embarcação que se aproximava de nós. Era a patrulha marítima que viera em nosso socorro.

No dia seguinte desembarcamos na ilha. Toda a população viera receber-nos. As viúvas dos nativos desaparecidos cortavam o coração com seus queixumes dolorosos.

Cheguei à fazenda morto de cansaço. Comi qualquer coisa, passei uma meia hora pelo jardim, tomei um banho frio, troquei de roupa e caí exausto na cama. Dormi dezesseis horas consecutivas e pela primeira vez depois de tantos anos, não tive pesadelo, nem sonho qualquer. Dormi apenas, e acordei tranquilo!

Eram duas horas da tarde. Almocei bem e recebi a visita de muita gente da ilha, inclusive do médico local. Veio felicitar-me pela brilhante operação e adiantou que o nativo estava melhorando consideravelmente. Em seguida, convidou-me para examinar alguns casos difíceis no hospital local.

Aceitei o convite e mergulhei num trabalho diário de oito horas. O hospital estava repleto de enfermos de todas as doenças tropicais. Uma terrível epidemia grassava na ilha. Tratei, também, de melhorar as suas condições sanitárias e, para esse fim, o meu amigo, o fazendeiro, concorreu com uma considerável quantia em dinheiro. Três meses depois, deixei a ilha. Voltei completamente restabelecido e fui recebido por milhares de pessoas que vieram ao meu desembarque. Todos os jornais comentavam as minhas operações na ilha, graças as quais salvei centenas de nativos de uma morte horrível. Vi, como visto, algo que se parecia com o pesadelo do meu enterro: o professor da Faculdade de Medicina, os meus colegas e inúmeros estudantes viam no meu desembarque. Carregaram-me nos braços e me saudaram com alegria e entusiasmo indescritíveis.

E tudo aquilo não era pesadelo...

Aquela casa triste

(Cont. da pág. 13)

Ora, os arquitetos do Minho, como não percebessem a planta do «Africano», construíram-lhe um palácio aldeão, espécie de dormitório monástico, um levatório de granito zebreado de vidraças enormes e portas alterosas.

Perto dali, na outra lombada do mesmo outeiro, está o antigo solar torreado dos senhores de Farelães.

E eu, que, naquele tempo, me embrenhava nas ruínas grandiosas do paco senhorial de Ruivães, a decifrar a lenda meio histórica dos Correias de Sá nos frescos do teto apainelado, ao perpassar pelas grossas cantarias do «Africano», dizia entre mim: «O palácio cavaleiresco que desaba e o palácio industrial que se levanta. Aquê recorda as manchas épicas do peito ilustre lusitano, a indústria da lança que atirou da Índia para ali, na ponta ensanguentada, a pedraria dos reis de Chaul, de Calecute e Mombaca. Ergue-se o novo palácio para assinalar à posteridade que o peito moderno lusitano é ainda ilustre e empreendedor, diferenciando-se do antigo somente no que vai entre adaga e azorrague, entre acutillar o índio pela frente ou verberar o etíope pelas costas».

Mas eu não sabia se aquele homem, tão entranhadamente pai, amalhara os seus haveres por entre os perigos do cruzeiro. Talvez que não. A riqueza não é sempre o estipêndio generoso dos homens cruéis. E, em corações afistulados por peçonha de cobiça — sede execrável que se apaga em lágrimas — não cabe o exaltado e santíssimo sentimento do amor paternal. Quem chora por um filho não tem olhos que vejam, enxutos, arrancar escravos dos braços de suas mães. Verdade é que os práticos destes ultrajes a Jesus — ser divino em que Deus se manifestou no mais elevado grau da consciência humana — dizem que lá, nas cubatas, não há mães, nem filhos: há indivíduos bestialmente rebanhados e inconscientes de laços de família. Se assim é, meu Deus, por que não destes à vossa criatura de epiderme negra o amor maternal que dulcifica as meiguices da hiena enroscada nos filhos?

Aprumadas as paredes, delineados os repartimentos, os patins, as portas, a capela e o jardim, Duque, o «Africano», saudosos da filha, deixou a obra em meio e dinheiro de sobra ao seu feitor, paupando-lhe que, no prazo de doze meses, a casa estaria feita.

E voltou a Benguela, onde tinha centenas de escravos, armazéns de café, de marfim, de gomas, e as suas vastas semelhanças sobre dez léguas circulares de terra, onde o suor da pele fusca, po-

rejado pelo sol a pique, era um como adubo forte, um guano de sangue estilado por entre febras vigorosas e distendidas pelo látigo.

Vendeu as fazendas, enfeou as bestas e os negros, abarrotou a galera de carregação sua, esquipou a tóida, decorou de frouxéis de seda o camarim da filha e proejou à pátria. Parecia um dos antigos vizo-reis que voltavam da Índia, duns que não se chamavam João de Castro nem Afonso de Albuquerque.

— Vale duzentos contos a carga da «Deolinda!» — diziam os amigos do «Africano», quando as velas da galera, chamada com o nome da filha de seu dono, traçavam bafejadas por aprazível brisa.

A navegação, por perto da costa, e sempre ajudada por prósperos ventos, correu alegre e descuidosa de receios.

Deolinda deleitava-se a remirar a prata das ondas espumantes, ou, enlevada em leituras amenas, passava as tardes na tóida enquanto não chegavam os seus amores mais queridos, as estrelas do céu e as fosforescências do mar.

Ela era mulata, e bela quanto cabe ser, com a face beijada por aqueles raios ardentes e o sangue escaleado das lufadas do deserto — mulata, com as feições levemente denunciativas da raça materna, quase tirante a esmalte amarelado, um bem harmonizado conjunto de graças, avantajadas ao que se diz beleza, debaixo deste nosso céu de rostos niveos, sangue pobre e epiderme alvaceita.

Trasmontada a linha e festejado o passo com descantes da maruja, o céu entrou de nublar-se, a nortada a ringir nas gáveas os silvos agourellos e o piloto esperto a encarar mui fito em um nevoeiro que se acastelava, sobre noite, à volta do sol esmaecido. Era em fevereiro de 1869.

Ao repontar a manhã do dia seguinte, o mar urrava acapelado, as nuvens desciam a sorver as ondas que se encurvavam, o sol apenas entreluzia frio e mar-móreo na baça claridade da manhã.

Ao meio-dia, o escurecer fez-se rápido e pardacento como um crepúsculo de noite invernos.

Bravejou súbita fúria de mar, apenas colhido o velame.

O piloto vira terra, e cobrara alento na esperança de aproar a Cabo Verde, conquanto se temesse daquela costa infamada de muitos naufrágios, desde que portugueses se andam à cata de ouro e opróbro por entre os colmillos da morte, na espádua das tempestades, a braços com a ira de Deus e dos homens.

Noite alta, estrondeou no cavername da galera um como estampido de peça que detonasse dentro.

Deolinda foi colhida nos braços do pai, quando resvalava da camilha ao pavimento, com o livro das suas orações nas mãos convulsas, e o nome da Mãe dos aflitos nos lábios.

— Morreremos, meu pai?! — perguntou trespassada de horror.

— Animo! — murmurou ele. — Abraça-te em mim, que eu não quero chorar-te nem que me chores, filha... Morreremos juntos.

Em cima estrugia a calcema dos marinheiros, o rojar ríspido das amarras, os gritos, as súplicas, os apitos, o troar da peça, que pedia socorro, o dos trovões, que reboavam, e um relampadejar que azulava os abismos.

E, de súbito, a galera, após aquele repêlo que lhe vibrou as cavernas, quedou-se arquejante, a rogar nos espigões da restinga.

E as vagas, raivando contra aquele estórvo, galgavam-no, rolando-se, referendo e marulhando de um bordo a outro. O porão descosia-se, bebendo e golando jorros de água como o monstro dos mares escalavrado pelos arpeus.

O capitão, pálido mas sereno, debruçou-se no corrimento da câmara e disse: — Encalhou a galera, sr. Duque. É tempo de sair a terra.

— Nenhuma esperança? — perguntou «Africano».

— As vidas salvam-se... talvez...

— Sô?...

Perguntou o homem rico; mas aquele monossilabo, estrangulado na garganta, rouquejou como um arranco da vida. Sô! Sô a vida? O meu suor de quarenta anos, os meus duzentos contos de réis não se salvam? Eu hei de sair pobre de entre esta riqueza que é minha, que é o re-

ANEMIA? FRAQUEZA?
DYNAMOGENOL
VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO

pouse da velhice, o patrimônio da minha filha? Só!

E as lanchas, balançadas no vai-vem das ondas, choviam nos flancos do navio por entre espadas de espuma.

Deolinda atravessou corajosa, e firmada no braço do pai, até ao portão. O «Africano» levava no rosto um terror indescritível e nas contorções e visagens de aflição a agonia da pior morte.

E ela saltou de impeto ao escaler, apenas amparada na mão de um passageiro, que lhe disse:

— Adeus...

— Não vem? — perguntou ela.

— Primeiro não de vir as crianças, as mulheres e os velhos.

Deolinda contemplou-o alguns momentos, e amparou-se na face do pai, onde as lágrimas derivavam copiosas.

Os escaleres varavam na areia, revessados no rôlo da vaga. Estavam salvos os velhos, as mulheres e as crianças.

E, logo, os remadores intrépidos que outra vez se arrostavam com a morte, viram a galera a balouçar-se entre o vagalhão e ouviram o estalejar do cavername por sobre os clamores dos naufragos; depois, levantou-se um grande mar, e a lancha ficou para além dessa formidável montanha; e, quando o escarcéu descaiu para solevar a barca, um momento quieta nas fauces da voragem, os mareantes já não viram da galera senão o gume da quilha e à volta dela o bracejar dos agonizantes.

Um dos que ali morreram foi aquele que dando a mão a Deolinda, lhe dissera: «Adeus!».

Era um homem de trinta anos, bem figurado, ares de fina raça e maneiras de cortêsão, com palavras polidas e muito alheias das usuais nos homens que viam por aquelas paragens. Não lhe sei o nome, nem que lhe soubera o diria. Foi-lhe tumbido o mar, como se a sorte quisesse que o seu nome se não lesse em epitáfio. Sei que ele cumprira sentença de três anos em Angola, porque aspirara às honras de ser rico, sem escrupulos; nos meios. Tinham-lhe dito que os seus contemporâneos mais nobilitados se haviam enriquecido trocando a riqueza ao sã consciência por outras que levam ao inferno, é verdade, mas pelas portas do paraíso das regalias desta mundo. Via-os saborearem-se em sossêgo dos bens mal adquiridos, sem remorso que lhes desvelasse as noites, nem injúria da sociedade que lhes pusesse ferrete na testa; ao revés disso, eles eram a classe mais ao de cima, a gente chamada às honras, sem desconta na estupidéz nem proterva reputação, quanto à procedência dos seus bens de fortuna.

Nascimento ilustre, educação primorosa em letras e bastante descuidada em moral, pobreza repentina por efeito de demandas que o esbulharam do patrimônio, impaciência, ruins exemplos de infames prosperados — todas estas coisas se trevaram de mão para o perderem. O seu crime foi associar-se desaproveitadamente com moedeiros falsos, prestando-se a servir de passador de notas no Brasil; no ato, porém, de fazer-se à vela para lá, de um porto do arquipélago açoreano, foi denunciado, preso e condenado.

De volta para Portugal, foi visto por Deolinda a bordo da galera de seu pai, que o tratava com desdém, senão desprezo. A filha do negreiro — negreiro no começo da vida mercantil, mas depois (bendita seja a civilização!) filantropo seguidor das leis humanitárias impostas pelo cruzado — soube do seu pai o crime do passageiro e não se compenetrava do racional horror de tamanho delito. Bem que o condenado não ousasse abeirar-se dos mercadores, e menos dela, Deolinda usou traças de conversar com ele uma fugitiva hora de noite serena, enquanto o pai, no seu camarim, formava esquadrões de algarismos, dos quais tirou a prova real de que os seus haveres excediam para muito os duzentos contos que lhe atribuíam.

Desde essa hora da noite estrelada em que ela ouvira palavras nunca ouvidas, acendeu-se no coração combustível da mulata o fogo que costuma purificar as culpas do homem amado, tanto monta que ele seja moedeiro falso, como homicida, quer negreiro, quer ladrão de encruzilhada.

E ele soube que era amado daquela mulher que havia de herdar muito ouro, e bem por isso lhe deu o galardão de

ter desleio até ao pobre estigmatizado para sempre. Nem palavra de humildade agradecida, nem desânimo alvorçado por esperança de ser, a um tempo, amado e rico. Deolinda ousou argui-lo de frio e desdenhoso. Ele explicou docemente a sua frialdade, dizendo que só havia no mundo uma mulher que não devia desprezá-lo, e uma só a quem ele devesse amar sem pejo nem temor de ser repellido.

— Quem é? — perguntou ela em sobressalto.

— É minha mãe. Vou procurá-la e pedir-lhe perdão, porque pus a minha ignomínia à cabeceira do seu leito de moribunda. Se a não mataram vergonhas e saudades, é porque Deus quer que eu a veja.

Quem sabe aí dizer o que Deus quer de nós?

O degredado, na volta da pátria, ali morreu naquele naufrágio, depois que ajudou a salvar as crianças, as mulheres e os anciãos, despedindo-se de todos com aquele sereno adeus que dissera à filha do «Africano».

E Deolinda, quando soube que ele era um dos vinte-e-cinco cadáveres escalavrados na costa de Cabo Verde, chorou poucas lágrimas, e parecia querer romper no seio uma repreza delas, que lhe deliam os estames da vida.

— Estamos pobres! — exclamou o pai.

— Temos de mais para o que havemos de viver — respondia ela com uma alegre serenidade.

— Por que hás de tu morrer, minha filha? — volvia ele, já conformado com a desgraça.

— Porque senti há pouco um estalo no coração, e cuidei que morria abatada. Passou esta ansia, mas sei que hei de morrer disto. Parece que vejo a sepultura aberta e que o frio do cadáver me trespassa.

O pai aconchegou-a do seio, como quem aquece uma criança enregelada, e soluçou:

— Ó meu Deus, leva-me minha filha quando eu me queixar da vossa vontade que me reduziu a esta pobreza!

II

Quando souu em Ruivães a nova de haver chegado ao Porto o «Africano», com a filha, os homens ricos e pobres, da terra e de fora, contribuíram com mais ou menos para se lhes fazer uma espera de estrondo em Famalicão. Contratarem-se as bandas musicais mais em voga, ou mais na terra, como diziam os antigos. Parece que a frase seiscentista foi inventada particularmente para as orquestras daqueles sítios, as quais berram pelas suas guelras de metal, quando a paixão filarmônica as não exalta do berro ao mugido, do mugido ao urro e do urro ao bramido. Há ali trombetas que parecem ter assistido ao arrasamento da Jericó da Bíblia, e se reservam para trovejarem o horrendo sinal da ressurreição em Josafá.

Eram quatro as filarmônicas chamadas a festejar a entrada de António Duque no concelho. A música de Landim, famosa por seis cornetas de chaves, que executavam valsas e peças teatrais, de modo que, se Ducis as ouvisse, diria que a ópera lírica balbuciara os seus primórdios entre as florestas druídicas. A banda de Fafião competia com a de Guinões na substância das trompas e troada das caixas. A de Ruivães avantajava-se às três rivais na delicadeza das modas e sentimentalismo com que as charamelas respiravam o sopro daqueles músicos, cujas bochechas pareciam estar cheias de alma e castanhas assadas.

Sou um homem feliz e digno de inveja. Tenho saboreado os inocentes deleites que prodigalizam ao seu auditório as quatro bandas musicais de Landim, Fafião, Ruivães e Guinões. Quando algum amigo vai alegrar o ermo de S. Miguel de Seide, chamo logo a música mais delicada, a de Ruivães; principalmente se o amigo é de Lisboa, e frequentador de S. Carlos. O senhor visconde de Castilho e seu filho Eugénio são chamados a depor neste processo da imortalidade que vou instaurando ao figle e à requinta, principalmente à requinta de Ruivães. Não vi o senhor visconde chorar de prazer, mas observei que s. exa. estava comovido quando a requinta assobiava uns guinchos estridentes da «Maria Caxuxa».

Tomás Ribeiro, o poeta eminente, recolhida-se às vezes, não ao seu quarto e

calafetar os ouvidos, mas ao intimo de sua alma a fazer viveiro de inspirações. Eugénio de Castilho, o poeta, das fantasias loucas, quer a música de Ruivães, lhe amolentasse a sensibilidade, quer os rouxinóis das ramarias lhe dessem invejas dos seus amores, fosse o que fosse foi assaltado e vencido duma paixão.

Esta paixão tem uma história. Não sei se ele tencionava escrevê-la nas suas memórias póstumas; e assim, contá-la eu, é esbulhá-lo da novidade e primazia; desconfio, porém, que o meu hóspede e amigo desconhece a história daquela rapariga de cabelos de ouro e ancas boleadas que destlumbava a dúzia de moças requebradas que lhe apresentei na eira.

Chamava-se ela Amélia de Landim. Contava-se que tinha vindo para ali da roda dos expostos de Barcelos. Naturalmente, porque era linda e pobre, ou se vendera ou tinha sido vendida. Assim se disse; mas o certo foi que um filho de lavrador rico lhe dera o impulso no alto da ladeira, ao fundo da qual estava a voragem. Pode ser que a alma se abismasse e requelmasse no fogo dos infernos por onde resvala a mulher perdida. Pode ser. Do corpo é que ela não perdera a menor beleza; nem sequer o vigor dos dezolitos anos.

Teria então vinte-e-cinco. Não era beleza peninsular. Aquêla escarlate, os olhos azuis, os opulentos cabelos louros, a pujança das formas, a musculatura rosada e rija, a elegância congénita, o riso, a desenvoltura sem despejo, a graça líbrica do traço, enfim, a mulher, os arvoredos, a música de Ruivães, nomeadamente a requinta, e em meio de tudo isto um rapaz de vinte-e-dois anos, poeta porque é Castilho, e ardente porque é trigueiro, e apaixonado porque é ardente, eis aqui o porquê daqueles amores.

Castilho carecia de um confidente com ouvidos e crítica. A poesia não lhe deu para se confidenciar com os sobreiros da mata, nem me consta que ele se andasse a entalhar na cortiça iniciais e datas.

O seu confidente foi o morgado de Pereira, último senhor da honra e couto de Esmeriz, um rapaz de grande coração, que eu apresentei, no Limoeiro, a José Cardoso Vieira de Castro, que, em 5 de outubro do ano passado, morreu no degredo, para onde o acompanhou aquele morgado. Este neto dos Ferreiras Eças e dos remotos castelões de Riba d'Ave é hoje, em Cassengo, na África, negociante de café, de marfim, de gomas de farinhas, etc. Depois de haver bancarado vida de fausto, com muitas ilusões perdidas, mas pouquíssimas lágrimas, porque a desgraça lhe anda sempre a morder as tacões das botas, em dia de fiéis defuntos, ajoelhava, e então chorava, no cemitério de Luanda, defronte do cômoro onde jaz Vieira de Castro, o mais sublime desgraçado que os homens injuriaram, desde que o sol de Deus aquece condições de feras dentro dos covis que se chamam arcos do peito.

O meu caro morgado, estas linhas não chegam ao seu sertão, nem eu desejo que as leia, para lhe não darem rebates de saudade daquelas noites de 1866, quando você e mais o seu gentil confidente, com intervenção da lua, falavam da Amélia de Landim, enquanto os meus queridos visconde de Castilho e Tomás Ribeiro se embelezavam nas trovas da Custódia da Feira, que seria Hipatias, se nascesse na Grécia, ou Corina, se os amávios de Itália lhe coassem no seio coisas mais limpas do que as coplas que a trovadora do Minho tirava do estômago em perfumes de vinho verde.

Não sei como Eugénio de Castilho saiu de S. Miguel de Seide, pelo que respelta à alma. Lá dizia-se que Amélia, a doida, veementemente apaixonada, iria após ele. Eu receei o lanço de fino amor, donde adviriam ao meu hóspede agros de agostos. Se os de Lisboa lhe vissem, quantos rivais, que mordentíssimos ciúmes! Aquilo era mulher para destinos extravagantes. Que a sentassem numa trisa de S. Carlos! Os binóculos assediados nela seriam tantos como as paixões, e ao outro dia a enfeitada de Landim, se não fizesse ministérios, havia de fazer muito amanuense de secretaria e dar razão ao estanco de muito bacharel.

Não foi: estava-lhe reservado menos brilhante, mas mais pacífico, destino.

Ora dia apareceu em Landim um ho-

(Continua na pág. 66)

RICARDO *brilhava*
EM 1927...



...e continua

brilhando em 1948!

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

Loção Brilhante
PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

Números atrasados desta

Revista no Pará

Pedir o

Albano H. Martins & C.^l

Travessa Campos Sales, 58

251 EA

PELAS ESTRADAS

Eu

MOVIMENTO AERONAUTICO DO BRASIL E DO MUNDO

Segunda-feira, 5, realizou-se no Aeroclube do Brasil exame da nova turma de instrutores de pilotagem formada por essa entidade. Essa turma, para melhor aproveitamento, foi dividida em dois escalões, tendo sido examinado o primeiro, composto de 8 alunos, enquanto que os restantes serão submetidos a provas dentro de um mês.

Na mesma ocasião foram realizados exames de 8 candidatos ao "brevet" de piloto de turismo e desporto.

Uma correspondência do S. I. J., datada de Syracuse, EE. UU., informa que um novo controle de navegação e tráfego aéreo, chamado "Tricon", está sendo planejado no Parque de Eletrônica daquela cidade pelos engenheiros da General Electric. O sistema, segundo a referida correspondência, permitirá a criação de "super-estradas aéreas" através de qualquer país e tornará possível aos aviões voarem em cinco ou dez vias paralelas ao longo dessas estradas do mesmo modo que as locomotivas correm nas ferrovias de várias linhas. O equipamento de "Tricon" consiste em transmissores e receptores de rádio de avião, circuitos e contadores de tempo utilizados em pesquisas nucleares e instrumentos relativamente simples de registro e aviso.

Em maio próximo realizar-se-á em Poços de Caldas, Minas Gerais, uma grande convenção aviatória, por iniciativa da União Brasileira de Aviadores Civis.

Essa convenção conta com o apoio das autoridades do Ministério da Aeronáutica e do Governo de Minas Gerais. Mais de trezentos aviões de turismo serão concentrados em Poços de Caldas com representantes da maioria dos aeroclubes do Brasil e associações aviatórias.

O Congresso discutirá importantes temas relacionados com o desenvolvimento da aviação civil em nosso país.

Uma correspondência de Nova York, do S. I. J., revela que um estudo dos problemas de trem de aterragem dos aviões, empreendido pelos engenheiros da Lockheed Aircraft Corporation deu como resultado o invento de um novo aparelho de segurança, que pode reduzir extremamente o número de acidentes de aterragem sofridos tanto pelos aviões comerciais como pelos militares.

As experiências feitas com o referido aparelho deram tão excelentes resultados, que o Departamento de Aeronáutica Civil dos Estados Unidos aprovou, sem perda de tempo, a sua instalação nos "Constellations" comerciais.

Dentro de breves dias a Divisão Aerodesportiva iniciará a distribuição do "Manual de Treinamento do Piloto Civil", Boletim Técnico n. 4, integrante de uma série de livros didáticos editados pela Diretoria de Aeronáutica Civil para dar cumprimento aos novos dispositivos exigidos para o curso de pilotagem dos aeroclubes, de acordo com o padrão norte-americano.

Chegou ao Rio um novo tipo de avião de turismo de dois lugares. Trata-se do "Aeronca Super Chief", com motor de 85 HP, boa velocidade, cruzeiro e ótimas características de pouso e decolagem. O "Super Chief" por certo, dentro em breve, será uma aeronave popular em nossos meios de aviação desportiva.

Foi inaugurada uma linha aérea regular entre o Rio e a cidade de Santos, Estado de São Paulo. Essa linha, que será efetuada pela "Real", terá a frequência de um avião diário.

Passou há poucos dias pelo Rio, num "clipper" de carga da Pan-American World Airways, um bando de 52 pinguins, capturados no polo Sul. Embarcados em Montevideu pelo sr. Alan Bost, destinavam-se aos srs. Meems Brothers, importadores de animais estabelecidos em Nova York. Ao descerem do quadrimotor, com grande alarido, talvez provocado pelo calor que então fazia, os exóticos palmípedes entraram em contacto com 200 quilos de gelo e 50 quilos de sardinhas, o que lhes permitiu prosseguirem viagem sob o equador em melhores e mais confortáveis condições.

O comando da 3.ª Zona da Força Aérea Brasileira acaba de autorizar a abertura de voluntariado até o dia 30 do corrente para o preenchimento dos claros existentes nas unidades subordinadas ao mesmo. As vagas são as seguintes: Escola de Especialistas de Aeronáutica — 130 voluntários; Base Aérea de Santa Cruz — 80 voluntários; e Destacamento da Base Aérea de Belo Horizonte — 40 voluntários.

De acordo com informações oficiais, a Força Aérea Brasileira em 1947 formou 400 sargentos e mais de 1.000 graduados. Esse esforço da Escola Técnica de São Paulo contribuiu para que pudessem ser dispensados dois terços dos instrutores estrangeiros, que foram substituídos pelos sargentos brasileiros.

(Noticiário compilado por E. DE OLIVEIRA, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

HORLA

(Cont. do num. ant.)

Pude enfim distinguir-me completamente, assim como faço cada dia, ao olhar-me no espelho.

Eu o tinha visto! E conservo o terror daquela visão que me faz ainda estremecer.

20 de agosto. — Matá-lo, como, se não posso atingi-lo? Veneno? Mas ele me veria misturá-lo água; e os nossos venenos, aliás, produziriam algum efeito no seu corpo imperceptível? Não... não... sem dúvida alguma... E então?... e então?...

21 de agosto. — Mandei chamar um serralheiro de Ruão, e encomendei-lhe para o meu quarto persianas de ferro, como têm em Paris certas casas particulares, no rés-do-chão, devido aos gatinhos. Ele me fará, além disso, uma porta idêntica. Estou passando por um verdadeiro covarde, mas pouco se me dá!...

10 de setembro. — Ruão, Hotel Continental. Tudo acabado... Enfim... Mas terá ele morrido? Tenho a alma transtornada com o que vi.

Ontem, pois, tendo o serralheiro colocado as persianas e a porta de ferro, deixei tudo aberto até a meia-noite, embora começasse a fazer frio.

De repente, senti que ele ali estava, e uma alegria, uma louca alegria se apoderou de mim. Ergui-me lentamente e andei de um lado para outro, por muito tempo, para que ele nada adivinhasse; depois tirei as botinas e calcei os chinelos com negligência; depois fechei as persianas de ferro, e, voltando com um andar tranqüilo para a porta, cerrei-a também, com duas voltas. Dirigindo-me então à janela, fechei-a com um cadeado, cuja chave guardei no bolso.

De repente, senti que ele se agitava em torno de mim, que ele tinha medo por sua vez e me ordenava que lhe abrisse a porta. Estive prestes a ceder; não cedi, mas, encostando-me à porta, entreabri-a, o suficiente para que eu pudesse passar de costas; e como eu sou bastante alto, a minha cabeça tocava no portal. Estava certo de que ele não pudera escapar-se, e fechei-o, só, inteiramente só.

Que alegria! Eu o apanhara! Então desci, correndo; tomei no salão, que fica por baixo do meu quarto, as minhas lâmpadas e derramei todo o óleo sobre o soalho, os móveis, por toda parte; depois pus-lhe fogo e escapei-me, após haver bem fechado, com duas voltas, a grande porta de entrada.

Fui esconder-me no fundo do meu quintal, atrás de uns loureiros. Como demorou! Como demorou! Tudo era negro, mudo, imóvel: nem um sopro de vento, nem uma estrela, montanhas de nuvens que não se divisavam, mas que me passavam alma, terrivelmente.

Eu olhava para a minha casa, e esperava. Como demorou! Supunha já que o fogo se extinguiria por si só, ou que ele o apagaria, quando uma das janelas de baixo rebentou sob o ímpeto do incêndio, e uma chama, uma grande chama vermelha e amarela, longa, mole, acariciante, subiu ao longo do muro branco e o beijou até o telhado. Um clarão perpassou nas árvores, nos ramos, nas folhas, e um frêmito, um frêmito de medo também! Os pássaros despertaram; um cachorro começou a ganir; pareceu-me que estava amanhecendo! Duas outras janelas rebentaram em seguida, e eu vi que todo o andar térreo da minha casa não era mais que um tremendo brasero. Mas um grito, um grito horrível, agudíssimo, lancinante, um grito de mulher atravessou a noite, e duas mansardas se abriram! Eu tinha esquecido os meus criados! Vi as suas faces desvairadas, e seus braços que se agitavam!...

Então, desmorteado de horror, pus-me a correr para a aldeia gritando: «Socorro! Socorro! Fogo!». Encontrei gente que já vinha vindo e voltei na sua companhia, para ver.

A casa, agora, não era mais que uma fogueira horrível e magnífica, uma fogueira monstruosa, que iluminava a terra, uma fogueira onde homens ardiam, e onde ele também ardia. Ele, Ele, o meu prisioneiro, o novo Ser, o novo senhor — o Horla!

Súbito, o telhado inteiro se abateu entre os muros, e um vulcão de chamas jorrou até o céu.

Por todas as janelas abertas para a fornalha, eu via a cuba de fogo, e considerava que ele estava ali, naquele forno, morto...

Muro das lamentações

(Cont. da pag. 51)

É verdade que sempre existirão, neste mundo, mãos que se desliguem, lábios que se desunam, vidas que se repilam. Dirás, talvez, que mesmo sem a tua influência essas criaturas teriam que seguir rumos diversos. Bem estaria si o teu futuro espóso tivesse chegado à tua vida quando já nem o amor dos filhos lhe houvesse sugerido melhor solução para seu problema. Não terias a responsabilidade desse fracasso conjugal. Que se separassem, sim, mas que não fosses tu a que esvoaçasse em torno, como abutre a farejar decomposição.

Minha pequenina, tão bonita e tão frágil, perdida a tua madrinha que te venha falar de sentimento nesta época em que a gente se envergonha de ser sentimental. E agora, vai à tua missa. Procura ver bem dentro de ti quando disseres: "Perdoa, Senhor, as nossas dívidas..." E que o sol desta manhã de domingo, desta manhã cheta de preces, faça brotar no teu coração a florada bendita da piedade e da renúncia. — Tua madrinha.

Para que quer você comentários, Maria Celia?

CONFIDENTE



LYTOPHAN

— Morto? Talvez... O seu corpo... o seu corpo que a luz atravessava não seria acaso indestrutível pelos males que matam os nossos?

E se ele não estivesse morto?... Só o tempo, talvez, tem poder sobre o Ser Invisível e Terrífico. Por que então teria ele aquele corpo transparente, aquele corpo imperceptível a nós, aquele corpo de Espírito, se devia temer, também, os males, os ferimentos, as estropeações, a destruição prematura?

Destruição prematura? Todo o terror humano provém disto! Depois do homem, o Horla. — Após aquele que pode morrer em qualquer dia, a qualquer hora, a qualquer minuto, por quaisquer acidentes, vem aquele que só deve morrer no seu dia, na sua hora, no seu minuto, por haver atingido o limite da sua existência!

Não... não... sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma... ele não está morto... Então... então... vai ser preciso agora que eu me mate...



Todos que têm experimentado o Cimento Domestico DUCO são unânimes em afirmar que não existe cola, nem produto similar que conserte tão bem, tão firmemente, de modo tão imperceptível qualquer objeto quebrado, rachado ou amassado.

O Cimento DUPONT cola tudo. É transparente, o que o torna único para consertar porcelana, vidro, cristal, louça, etc. É flexível, representando a substância ideal para consertar capotas rasgadas, estofamentos, bonecas, toldos etc. É impermeável - nem água fervendo o amolece ou derrete. "MADE BY DUPONT" é a garantia de sua qualidade.



A MULHER DE MIKE

Este folhetim continuará no próximo número, nestas mesmas páginas

Tradução de JORGE A. FORTES,
especialmente para
REVISTA DA SEMANA



Num segundo Bailey estava no chão...



— Mike!... Será verdade, mesmo?



"Algum dia a visitaremos..."

Vários homens se precipitaram para apartar a briga entre o «Touro» MacGregor e George Bailey, mas todos chegaram atrasados. Num segundo Bailey estava estirado no chão e o braço de MacGregor sangrava, retalhado. Mike o mandou embora e ele obedeceu. — Sargento Mike, ponha o «Touro» na cadeia — continuava gritando a pequena índia. E eu acrescentava, furiosa: — Mike, faça alguma coisa. — Mike amarrou a cara. — Está bem — disse a ela. — Apareça de manhã e faça uma queixa por escrito... assim eu o prenderei. — A índia disse que sim, com entusiasmo. No caminho de casa, porém, Mike explicou-me: — Isso já aconteceu muitas vezes, antes. Ela não assinará a queixa. Ela ama o «Touro». — Fiquei perturbada com isso. Eu não gostara da brutalidade «taurina» nem gostara da demonstração de fraqueza da pequena, caso voltasse para ele. Acho que foi por isso que me mantive um

tanto fria até chegarmos em casa... Chovia muito e chegamos bastante molhados. Tio John estava esperando. Mudei a camisola e um quimono e fui para perto do fogo. — Você vai tomar um escaldapés agora mesmo, — disse Mike, ao que respondi com uma risada. Ele já preparara a tina... Antes que eu desse por mim, Mike me tomara nos braços e metera meus pés na água fervente. — Está quente de mais — berrei. Tio John ficou um pouco chocado: — Mike, isso também já é de mais. — E Mike respondeu: — E' de mais sim, John. Por isso quero falar consigo, agora mesmo. — Olhou para mim: — Você vai ficar quietinha aqui, ouviu? — E foram os dois para a sala contígua. Sai de mansinho da tina e fiquei ouvindo: Mike estava me pedindo em casamento! Fiquei engasgada e ele voltou, pegando-me em flagrante. — Pensei que lhe tivesse dito para ficar ali...

Abracei Mike pelo pescoço e não o larguei mais. — Mike, será que você... é verdade mesmo? — Ele respondeu: — E' claro, filha. — Depois, quando tio John objetou com a minha debilidade, ele disse que cuidaria de mim. E nós todos sabíamos que cuidaria mesmo... Escrevi a mamãe sobre o caso e procurei convencê-la a não se preocupar com a nossa ida para as «terras bravias do norte». Mike recebera ordem de seguir para a baía de Hudson. Eu me sentia muito importante escrevendo sobre «cordões» e outras coisas. Tudo era novo e estranho para mim. Procurei suavizar as coisas alegando que futuramente poderíamos ir a Boston, visitá-la, embora sabendo que seria quase impossível... mas isso sempre me ajudava a dominar o meu próprio temor. «Sou tremendamente feliz», escrevi. E era mesmo. Tremendamente feliz e tremendamente apaixonada, e no dia seguinte casar-me-ia com Mike...



Dias e dias entre a alvura gelada...



Levantei-me e gritei também...



Era a canção de mamãe.

Com apenas algumas horas de casada, segui com Mike, de trem, para Edmonton. De lá rumamos para o lago menor do Escravo, numa caravana puxada a cães. O dia estava frio, muito abaixo de zero, e não havia cobertura que me aquecesse no trenó, de modo que era forçada a descer e correr... Dias e dias atravessamos a brancura gelada. Eu dizia a Mike que estava bem, mas ele me olhava com desconfiança. Um dia me disse que naquela noite descansaríamos bastante. — Vamos ficar com os Howard. Não se trata de cabana de caça, não. Eles têm até um órgão. — O casal Howard tinha quatro filhos. Enquanto jantávamos, vinha de fora um grito lamentoso, que terminava num guincho. Ninguém parecia ouvir o berreiro... Continuavam a conversar. Pouco depois o uivo

começou a ter resposta e a coisa foi crescendo assustadoramente. Eu tremia, de vez em quando... Aquêles guinchos finais eram terríveis... — Que é isso? — perguntei afinal, já descontrolada. — Lobos — disse a sra. Howard. A gritaria continuou e quando chegou ao auge eu gritei também. Saltei da cadeira e uivei no mesmo tom. Os homens me olharam. Continuei a uivar. Houve então uma frenética correria para a porta. Cadeiras tombaram na ansia masculina de sair. E saíram todos os homens; os Howard, quero dizer. Mike estava de pé, também. Seguei-me pelos ombros. — Katherine Mary, pare com isso! — Falou com uma rispidez ainda desconhecida para mim... e eu parei com aquilo. Mas os lobos não pararam. Continuaram, cada vez mais animados. Na janela eu vi os

rostos assustados dos Howard. Comecei a rir. Engraçado: eles, que podiam suportar os gritos dos lobos, não podiam suportar os de uma pequena... — Katherine Mary, pare com isso! — Eu continuava a rir e a chorar. A sra. Howard então chamou o filho Freddy para tocar para mim. Freddy entrou e tocou justamente a canção de mamãe, enquanto os outros cantavam em coro. Ouvindo aquilo, percebi tudo. Não fora por causa dos lobos. E' que os uivos deles falavam em solidão e naquele dia eu me sentia solitária... Mike me levou para o quarto e me acariciou os cabelos. — Ora, Mike, — sussurrei, — sinto-me muito feliz, sabe? Não sei por que agi daquela maneira. — Mike continuou a acariciar-me os cabelos. — De manhã vou levá-la de volta, Kathy.



Vimos a bandeira... desta vez era o lar!



— Olha aqui, — atraí a menina.



— Santo Deus!... Que fazer?

Eu e Mike passamos a noite acordados, com os nossos pensamentos. De manhã ele me levou para a frente, não para trás. E percebi afinal que aquela terra alva, com toda a sua solidão, era parte de Mike. Era uma parte que me atemorizava, mas eu devia procurar compreendê-la e chegar mesmo a amá-la, como ele. E fomos em frente, e eu fui me fortalecendo. Em fevereiro, após três meses de viagem, chegamos à beira de um penhasco e vimos diante de nós a bandeira, no mastro da filial da Companhia da Baía de Hudson. Aquilo queria dizer comida quente, repouso e gente... e, afinal, o lar. Segurei a mão de Mike e não dei palavra... Era lindo... Logo depois começamos a encontrar gente... um gigante musculoso chamado Joe Henderson, sua esposa índia e muitos outros índios. Mike mostrou-me uma cabana... seu escritório...

que era também o tribunal da região, cadeia e hospital. Atrás dela estava a casa, nossa casa, e fiquei doida com aquilo. Tinha dois quartos, uma combinação de fogão e aquecedor e uma pele de búfalo sobre o leito. Mike abraçou-me. — Gosta? — Mas como é que eu podia responder com ele me beijando daquela maneira? No dia seguinte Mike saiu cedo para o escritório. Prometi auxiliá-lo no serviço logo que tivesse pronto o almôço. Mas achei que podia aprontar logo o lanche, também, de modo que comecei a cortar pão para sanduíches. Tinha a sensação de que estava sendo observada. Olhei em torno e lá na janela estava uma indiazinha de uns seis anos. Sorri e falei: — Você não quer entrar? — ao que ela respondeu com uma fuga rápida. — Venha cá — gritei, mostrando um sanduíche. A pequenina veio com cautela,

agarrou o sanduíche e enfiou-o inteiro na boca. E sem uma palavra... é claro... retirou-se. Continuei a trabalhar, pensando em quantos sanduíches Mike seria capaz de comer. De repente a porta se abriu e entrou um bravo índio, completamente aparántado, que me cumprimentou e se sentou. Atrás dele entraram tias, irmãs, tios e primos, e a garotinha que espalhara o fato. — A casa ficou cheia. Todos me encaravam, em silêncio. — Santo Deus! — disse eu em voz alta, olhando aquêles trinta rostos atentos e aquêles sessenta olhos famintos... Seria possível que estivessem todos à espera de sanduíches? Era necessário alguma providência urgente; afinal eu era a mulher do sargento Flannigan... Sorri. — Que surpresa agradável! Gosto muito de vê-los todos aqui. — Enquanto dizia isto, eu contava... Trinta convidados para sete sanduíches...

A MULHER DE MIKE

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVIS-
TA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao
King Features Syndicate.

História de
BENEDICT e NANCY FREEDMAN
Desenhos de JOHN CROSMAN



Mike abaixou-se: — Lobo!



Era um urso hibernando.



— São os nossos vizinhos, — disse Mike.

À medida a tomar devia ser drástica. Cortei os sete sanduíches em pedacinhos miúdos. Bem, mamãe costumava servir hors d'œuvres nunca maiores do que aqueles. E também fiz chá... Aquê foi o chá mais esquisito e mudo que já vi. Os microscópicos sanduíches foram reverentemente aceitos e reverentemente engolidos. E o silêncio não foi quebrado senão depois de servido o chá. Aí foi um tal de chupar e estalar línguas como nunca eu vira. Depois de feita a limpeza o bravo que cheflava o grupo invasor rosnou três vezes para mim e a turma desapareceu...

Em março começou o degelo. Perdêramos a segunda distribuição postal do inverno e não haveria nenhuma no verão. Mas sempre havia alguma coisa que me chamasse a atenção. Desta vez, na neve macia, encontrei estranhas

marcas que circundavam a casa várias vezes, cada vez mais perto. — Mike! Mike! — chamei. — Veja as pegadas! De que é? — Ele se inclinou para examiná-las, como eu já fizera. Para ele, no entanto, tinham significação. — Lobo; eles não costumam chegar tão perto das casas... mas nunca se pode saber o que um lobo é capaz de fazer. Depois do almoço Mike me levou para o passeio há tanto prometido. Caminhando, disse-me que aquele era o ano em que os coelhos desapareciam e era por isso, provavelmente, que o lobo estava esfomeado e se aproximava tanto da casa. Fiquei com medo. Mike disse que ia envenenar o lobo e tive pena dele. Não quis que Mike o fizesse e suspirei. Em Boston não havia nada daquilo... Mike apertou-me a mão e apontou para um banco de neve. Prestei mais atenção e vi uma tênue coluna de vapor que saía de

um buraco. Mike levou-me dali e explicou que era um urso hibernando. A coluna de vapor era a respiração do bicho, que agora não tardaria a despertar. Foi um passeio maravilhoso. Vimos o gelo que se derretia, no sol e lá em baixo, muito longe, homens que guiavam trens carregados de peles. — São os nossos vizinhos, Kathy, disse-me Mike. — Voltam para casa com as prêmias do inverno. São todos daqui, todos eles. — Pouco depois muitas mulheres corriam ao encontro deles, alguns bonês cobriam os ares e logo elas ficavam carregadas de peles para aliviar a carga dos cães... Mike perguntou se eu gostaria do passeio. Olhei para ele. Fôra mesmo um simples passeio? Ou fôra uma apresentação aos lobos, ursos, cães e índios? — Gostei sim, Mike — respondi. — Um passeio muito bonito.



— Ouro, veja! — E Mike estendia a mão.



— Para que roupas nas janelas?



Levantei o nariz do índio.

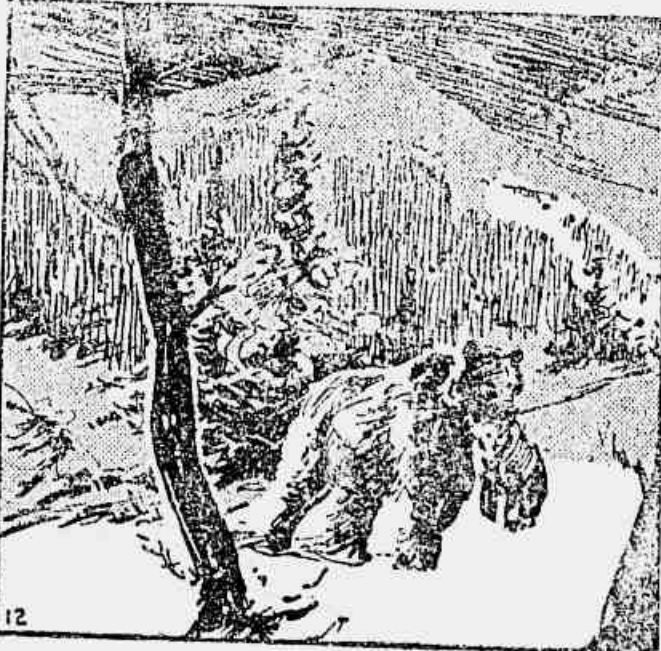
As maravilhas do imenso Noroeste me foram exibidas em excitantes mostruários naquela primeira primavera. Havia sempre alguma novidade. Como no dia em que Mike e eu estávamos no rio da Paz e ele parou e apanhou u'a mancha de areia. — Ouro, veja — disse, estendendo a mão. Olhei e vi grãos reluzentes que bem podiam ser ouro. — Então por que não exploramos o local? — Mike atirou longe a areia. — Muito fino. Não dá lucro para as bateias manuais. Algum dia alguém inventará u'a máquina para minerar isso aqui e fará milhões. E os índios, naturalmente, eram um problema. Muito difícil ajudá-los. Os mosquitos da região eram terríveis

e procurei ensinar às matronas o uso dos mosquiteiros que lhes dei. Oo-me-me tinha o filhinho doente. Dei-lhe um mosquiteiro para proteger a criança. Mas quando fui visitar-lhe a cabana não vi nem sombra da coisa. Perguntei e ela me mostrou meia dúzia de saias, debruadas com gaze. Oo-me-me estava orgulhosa da sua obra. E quando eu disse que errara, assumiu uma atitude de desafio e olhou para as janelas. — Não sei p'ra que elas precisam de roupas bonitas? — Mas mesmo assim não desisti de ajudá-los... Veio depois o dia em que Atenou, um bravo, teve uma tremenda dor de dentes. Mike tinha instrumentos e um livro sobre extrações dentárias. Tinha

também uma garrafa de uísque e um copo. Mike ofereceu-me que desse tudo o que o valente pudesse precisar. Atenou ficou surpreso quando lhe ofereci a garrafa aguardente. Atenou bebeu como um bravo que não... até que caiu na cadeira e começou a cantar, entre dentes, um cântico guerreiro. Mike trouxe uma corda e o urso ficou mais duro que um salame. Mike apanhou o urso. — Abra a boca. — Mas o bravo estava bêbado e quis para compreendê-lo, mesmo quando Mike falou em língua nativa. Mike então mandou-me levantar o nariz do índio. Prendi a respiração e puxei para cima o nariz do índio, cuja boca então se abriu, dando passagem ao bofê...



Uma enorme urso persegua o cavalo...



Salu com a cria num passo digno.



— Urso não ataca quem tem um dêsse, — disse Atenou.

Mike apoiou o pé na cadeira... torceu, puxou; um arrancão e um berro de Atenou... e o queixal veio no boticão. Mike o exibiu em triunfo... Depois Atenou foi melhorando e começou a correr a ponta da língua pela boca. Quando encontrou o buraco soltou um berro que podia ser ouvido em todo o vale do rio Vermelho. Eu e Mike corremos para ele, desamarramo-lo, demos-lhe mais uísque e enchemos o rombo de algodão. E durante todo o tempo o bravo não parou de berrar. De repente lembrei-me da impossibilidade de alguém gritar com a boca cheia de algodão e uísque... Olhei para Atenou. Sua boca estava fechada. Os gritos vinham de outro lugar, evidentemente. Mike também deve ter chegado à mesma conclusão, pois correu para porta e começou a gritar: —

Largue isso, idiota. Largue! — Corri para a porta e vi um cavalo, com os olhos brancos de terror e os belcos cobertos de espuma. Os gritos do homem que o montava misturavam-se aos do animal. O cavaleiro apertava nos braços alguma coisa, desesperadamente... era uma bola de pele. E uma enorme urso acompanhava o cavalo. Queria de volta o filhote, sem dúvida. Mike tornou a gritar: — Largue a cria, idiota! — Cavalo, cavaleiro e urso se aproximavam de nós. A urso ganhava terreno. O homem estendeu o braço e largou o filhote. A urso parou e cheirou a cria. Depois, cravou-lhe os dentes no cachaco e se encaminhou para a mata, num passo cheio de dignidade. O homem estava quase morto na sela. Tivemos de carregá-lo para dentro. Era moço, recém-chegado ao norte

e declarou que quando a urso começara a persegui-lo, ele conseguiu esquecer que tinha a urso nos braços. Encurralado na mata e nunca pensara em que a mãe a procuraria. Sr. Peters riu muito de Atenou, quando viu que ele dava o dente que Mike arrancara. — Superstição, disse ele, quando Atenou explicou que era um urso remédio. Mas quando o bravo acrescentou que o urso era um poderoso amuleto contra ursos, o sr. Peters não pôde rir. — Verdade, mesmo? — E Atenou respondeu: — Nenhum urso se aproxima de alguém que tenha um urso no bolso. O outro virou-se para mim: — Você sabe, às vezes valem a pena essas superstições dos índios. E eu fiquei muito orgulhosa com o negócio da criação que Atenou fez com o queixal...

(Continua na próxima página)

O tapete deve harmonizar, entre outras coisas:

- 1 — Com as cores de sua predileção;
 - 2 — Com o caráter e o ambiente da sua residência;
 - 3 — Com o seu orçamento;
- e para uma escolha apropriada, de acôrdo com o seu orçamento e que satisfaça, no resto, ao fim decorativo que o tapete deve desempenhar, consulte um bom técnico-decorador.



TRADICIONAL QUINZENA DOS TAPETES

Tapetes e passadeiras de forração

NACIONAIS, FRANCESES, INGLESES, AMERICANOS, PORTUGUESES, INDIANOS, PERSAS (LEGÍTIMOS), ETC.

A preços que convêm



fundada em 1912

65, RUA DA CARIOCA, 67 - Rio

Orçamentos e sugestões por técnicos especializados em decorações

Aluba



CIA DE CIGARROS *Souza Cruz*